CLÁSSICOS
DE BOLSO

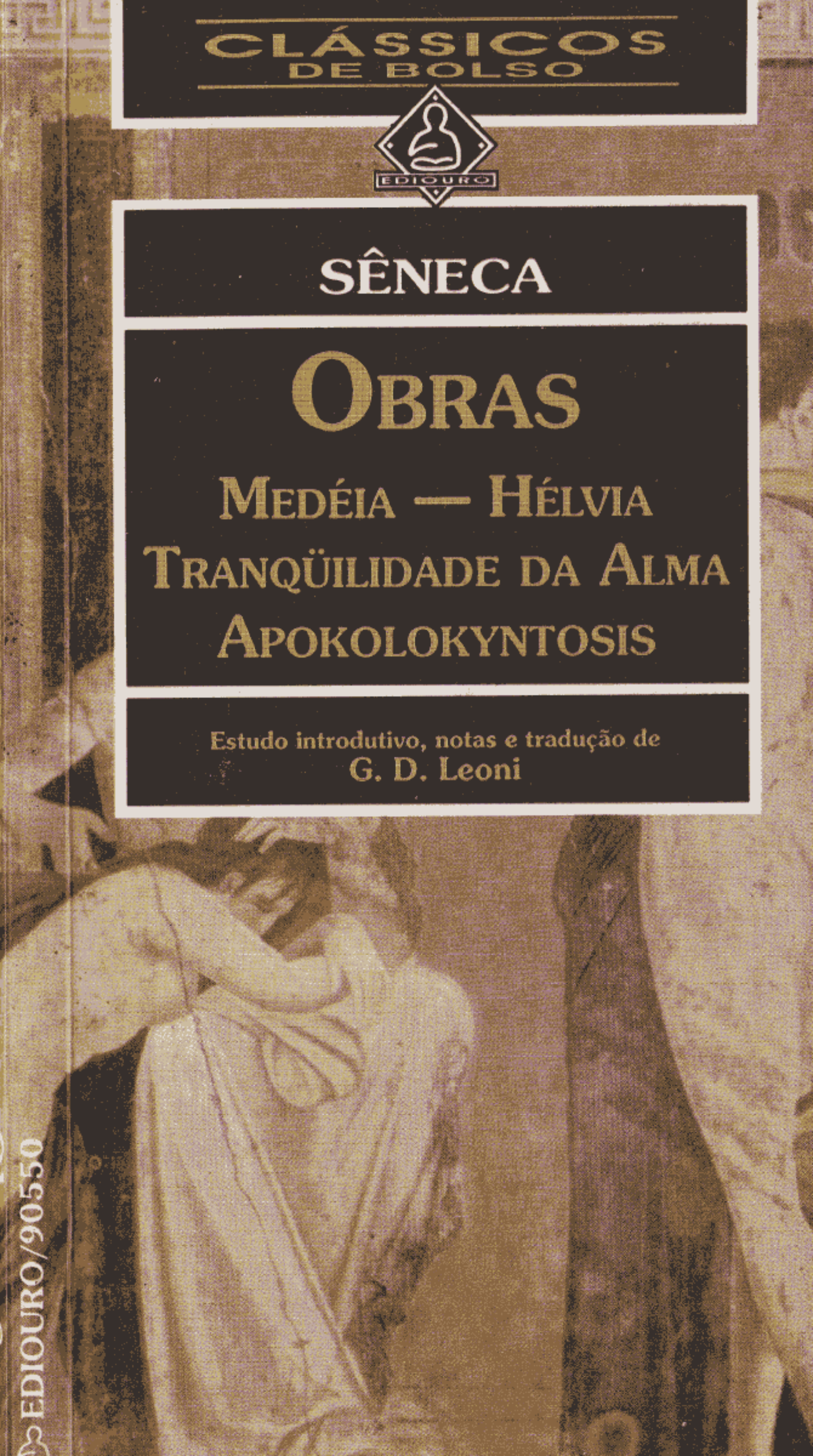
EDIOURO

SÊNECA

OBRAS

MEDÉIA — HÉLVIA
TRANQÜILIDADE DA ALMA
APOKOLOKYNTOSIS

Estudo introdutivo, notas e tradução de
G. D. Leoni



EDIOURO/90550

Medéia

Um livro EDIOURO é **incomparável!!**

Fazemos tudo que é possível para oferecer livros da mais alta qualidade.
Nosso papel é de primeira. A composição eletrônica e computadorizada garante letras sem defeito e um acabamento perfeito. O sistema de encadernação é o moderno método de "perfect-binding".
Todo este esforço é recompensado: só oferecemos livros de alto padrão por um preço mínimo.

L. Aneu Sêneca

Medéia

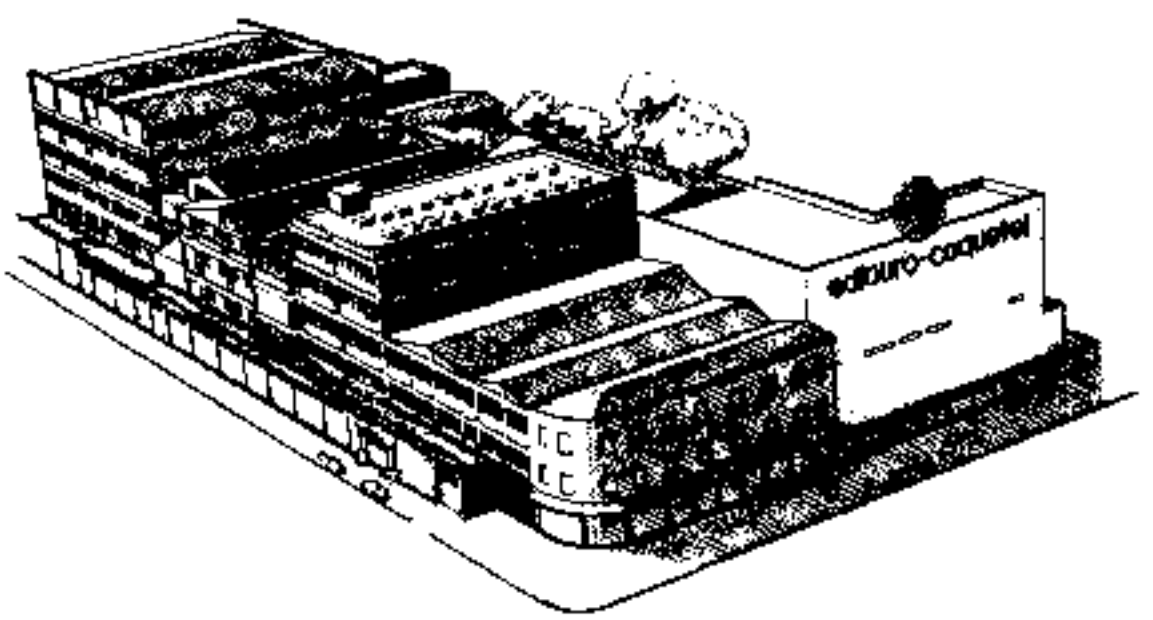
Consolação a minha mãe Hélvia
— Da tranqüilidade da alma —
Apokolokyntosis

Estudo introdutivo, notas e tradução de
G. D. Leoni

EDIOURO
GRUPO CODITEL

Direitos reservados

As nossas edições reproduzem
integralmente os textos originais



EDITORA TECNOPRINT S.A.

ÍNDICE

Nota da Editora 13
Estudo introdutivo
I — A vida de Sêneca 15
II — A obra de Sêneca 21
III — A moral de Sêneca 26
Consolação a minha mãe Hélvia 31
Da tranqüilidade da alma
Sereno a Sêneca 53
Sêneca a Sereno 56

MEDÉIA

Apresentação 79
Prólogo 80
Primeiro intermédio 82
Primeiro episódio 83
Segundo intermédio 90
Segundo episódio 92
Terceiro intermédio 99
Terceiro episódio 101
Quarto intermédio 105
Epílogo 106
Apokolokyntosis 111
Notas 123
Orientação bibliográfica 137

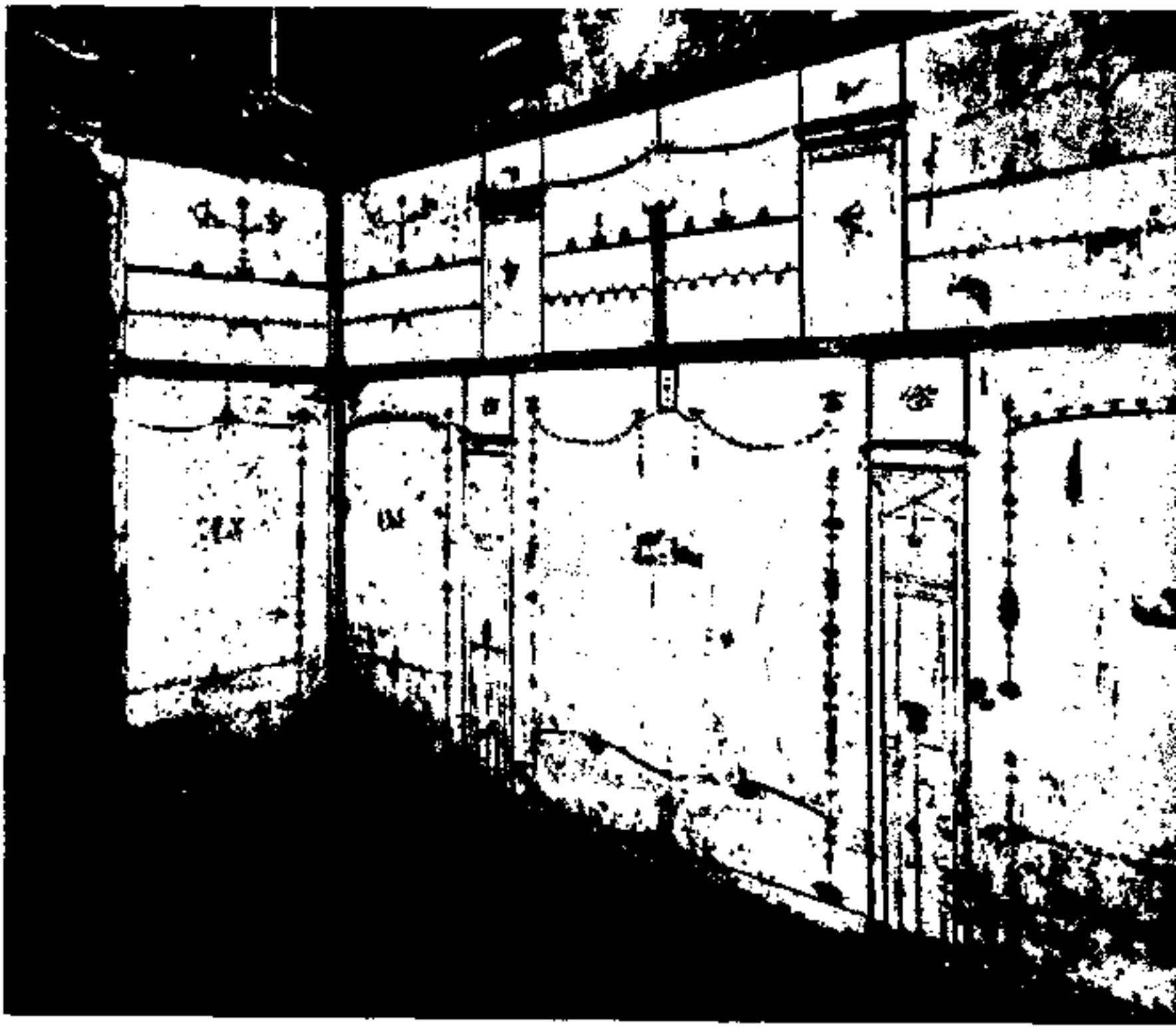
Sêneca. Museu do Prado, Madrid.

Busto suposto de Sêneca.
(Vila dos Papiros em Herculano.)

O imperador Cláudio.
(Museu profano do Latrão, Roma.)

Nero: os baixos instintos inscritos sobre um rosto.

Hércules Farnésio.
(Museu Nacional de Nápoles.)



A casa dourada em Roma.
Construída por ordem de Nero após o incêndio de 64, esta casa tem proporções grandiosas, obra dos arquitetos Severus e Celer.

NOTA DA EDITORA

O Prof. Giulio Davide Leoni, a quem foi confiada a tarefa de traduzir do original latino os textos de Sêneca que constituem este volume, nasceu em Ostiglia, Itália, em 1902. Fez seus estudos secundários em Modena, Roma e Bolonha, e nesta última cidade diplomou-se em Letras, na célebre Universidade, uma das mais antigas do mundo.

Atraído desde cedo pelo jornalismo, suas atividades profissionais o levaram a visitar grande parte da Europa, colhendo informações e experiências, exercitando o espírito crítico e o senso de observação, cabedais que por esse tempo se refletiam em numerosos artigos e narrativas de viagens.

Assim, amadureceu ele sua inteligência e formou sua personalidade, habilitando-se para as produções de maior fôlego a que se dedicou sem tardança após a terceira década da existência. Publicou então romances e novelas, fez representar diversas comédias. Entretanto, não obstante os êxitos que alcançou nesses domínios literários, as suas predileções o inclinavam cada vez mais para os estudos de Filologia, que afinal o conduziram ao magistério.

Há dezoito anos, fixou residência em São Paulo, onde se aclimatou perfeitamente e soube associar às suas lides de professor uma atividade variada e intensa que se manifesta em conferências, preleções de caráter cultural e publicações diversas.

A partir de 1940, foi professor de Língua e Literatura Italianas e de Literatura Latina na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras "Sedes Sapientiae", da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. A partir de 1946, passou a ensinar as mesmas matérias também na Universidade Mackenzie. No Curso de Biblioteconomia, anexo à Escola de Sociologia e Política (complementar da Universidade de São Paulo) é professor de Paleografia Geral e História do Livro. Leciona, ainda, essas mesmas matérias e Literaturas Comparadas no curso de Biblioteconomia anexo à Faculdade de Filosofia "Sedes Sapientiae".

O Prof. Leoni já publicou mais de uma centena de livros e opúsculos, que tratam de literatura italiana e literatura latina, de história e de arte, além de romances, contos e comédias. Em sua vasta produção literária, cabe-nos mencionar de modo especial, aqui, os importantes estudos sobre Cícero, Catulo, Virgílio, Horácio e outros escritores latinos, bem como uma história completa da literatura de Roma.

Sem dúvida, seria difícil encontrar uma pena mais autorizada para apresentar ao público brasileiro — o que se faz pela primeira vez em nosso país — uma tradução portuguesa de obras de Sêneca.

ESTUDO INTRODUTIVO

I — A vida de Sêneca

É ainda hoje opinião comum ver em Sêneca um grande escritor e um homem corrupto; e os poucos que defendem o estudioso ainda estão propensos a separar sua vida de sua obra, não achando possível uma conciliação entre o modo de vida e a moral pregada nos tratados. Na verdade, parece-me que, além de ser vítima de uma injustiça histórica, Sêneca seja também vítima de uma mentira convencional, derivada do servilismo crítico, que repete opiniões seculares. A opinião comum, portanto, faz dele o modelo de todas as baixezas; nem eu pretendo neste breve ensaio torná-lo o modelo de todas as virtudes, refutando uma por uma as muitas acusações: desejo unicamente apresentá-lo tal como sai da documentação histórica e, mais ainda, de sua obra, não dando importância à triste lenda, que os séculos cada vez mais aumentaram e que os críticos acolheram com alguma reserva, mas sem tirar o véu da condenação, decretada pela tradição. Estou longe da apologia; contudo, repugna-me aceitar de olhos fechados uma acusação, somente porque não existe uma defesa. O destino foi em parte malvado para com Sêneca: fez chegar até nós as acusações e destruiu as defesas. Por sorte, existe grande parte da obra literária; e da leitura atenta dessas páginas pode surgir um juízo sincero, que as reticências dos historiadores ou dos estudiosos procuram ofuscar. Oportunamente veremos as razões.

Para examinarmos breve e claramente a vida de Sêneca, é necessário dividi-la em quatro períodos: a mocidade, o exílio na Córsega, o preceptor e o conselheiro de Nero, e a velhice. No primeiro século de Cristo, a Espanha dá a Roma os quatro vultos mais eminentes do mundo intelectual: Sêneca, Lucano, Quintiliano e Marcial. Sêneca surge de uma família que tinha por tradição a atividade intelectual: o pai viveu em Roma entre os mais afamados retóricos da época, reunindo numa espécie de antologia ("Oratorum et Rhetorum Sententiae Divisiones Colores") a própria experiência de estudioso; sua mãe Hélvia foi mulher de mentalidade vivaz e severa: a ela o filho erigirá um monumento imortal na célebre "Consolatio". Intelecto vivo, de saber profundo, na vida e nos estudos, o jovem manifesta variedade de atitudes: a poesia e a eloqüência o atraem, a filosofia e as ciências o seduzem. Nasce em Córdova no fim da idade antiga (os críticos discutem acerca do ano de nascimento, oscilando entre 4 a.C. e os primeiros anos da era cristã: parece-me muito aceitável a data do primeiro ano antes de Cristo);

de constituição fraca, vive, por motivos de saúde, no Egito, onde tinha parentes; e lá estuda as condições e os usos da região. Voltando para Roma, dedica-se ao exercício do foro, especialmente no Senado, onde continuava, após o admirável equilíbrio das reformas de Augusto, o ideal republicano, combatido pelos novos imperadores absolutistas. Entre o foro e o ambiente mundano, sobe pouco a pouco para tornar-se objeto de uma admiração que lhe dá glória, mas lhe suscita também inveja: em particular, a inveja do Imperador Calígula, que pensa em desfazer-se dele, e depois consente em deixá-lo viver, porque lhe asseguram que em breve o jovem tísico morreria de morte natural. Como se vê, o ambiente mudou: era de ontem o próvido mecenismo, que abria as portas aos poetas e criava a atmosfera da renascente literatura; agora a inteligência põe em suspeita os príncipes tiranos, e a obra cultural suscita ciúmes, inveja, terrores.

Muito diferentes de Augusto foram os sucessores. Tibério não teve a doçura e a astúcia, que formaram a característica pessoal do primeiro imperador: era laborioso, estudioso, amante de seu povo, mas altivo; rijo na observação de seus deveres de príncipe, tinha continuamente medo que outros ameaçassem seus direitos e sua vida. Tais suspeitas não eram infundadas, porque entre os nobres romanos não eram poucos os que desejavam o restabelecimento da antiga república; e, como as instituições do império eram quase iguais às da república, uma revolução podia, abolindo somente o cargo de príncipe, fazer voltar o regime precedente. A natureza suspeitosa de Tibério tornou-se ainda mais desconfiada pela malvadez das pessoas que o rodeavam; e o imperador perseguia os adversários e encorajava os delatores, malvados cidadãos que por amor torpe ao dinheiro tinham a crueldade de fazer-se acusadores dos que censuravam o governo imperial.

O Senado e a nobreza foram tratados ainda pior pelo sucessor, Calígula: logo perceberam não ter depositado bem sua confiança quando o escolheram como imperador. Despótico, esbanjador, amado pelo povo e pelos soldados por causa das despesas que fazia em festas e presentes; odiado por todos os que conheciam seu mau governo, Calígula foi talvez um louco. Para livrarem-se dele, mataram-no; e esse foi o primeiro exemplo das mortes violentas dos imperadores romanos, que com o correr do tempo se tornaram tão freqüentes. A morte violenta de Calígula fez conhecer os perigos, aos quais Roma e o império estavam expostos. O império não sendo hereditário, era lícito ao imperador vivente escolher só um herdeiro de seu patrimônio particular, designando-o ao Senado e ao povo para que lhe conferissem depois a autoridade do cargo imperial. Assim, Augusto designou Tibério e este designou Calígula. Mas Calígula não teve tempo de designar seu sucessor. Era preciso eleger, portanto, um sucessor. Muitos senadores eram contrários a isso; e se esse partido tivesse vencido, o império teria voltado a ser uma república aristocrática. Mas a sorte de Roma foi, ao contrário, decidida pela vontade do exército e especialmente dos guardas pretorianos, isto é, a guarda imperial. De fa-

to, os soldados, em particular os pretorianos, eram muito contrários ao governo republicano; por isso, à morte de Calígula, proclamaram imperador Cláudio César Germânico, tio de Calígula: e o Senado teve de aceitá-lo. Foi esse o primeiro exemplo de eleição devida inteiramente aos soldados, exemplo que depois foi seguido numerosas vezes, o que teve grande e funesta influência na sorte de Roma.

O governo de Cláudio mostrou, depois, ainda outros perigos, aos quais Roma estava exposta durante o regime imperial. Cláudio era tímido, feio, muito erudito, mas pouco prático em política; em compensação, era homem de honestos propósitos: respeitou o Senado e atendeu com cuidado à administração, à justiça e à legislação. Seu governo, portanto, teria sido um dos melhores, se Cláudio tão facilmente não se deixasse enredar pelas pessoas de sua família e pelos libertos empregados em sua corte, os quais tiravam ocasião dos cargos a eles confiados para mercadejar favores e fazer vinganças. A primeira mulher de Cláudio, Messalina, foi condenada à morte pelo imperador; a segunda, Agripina, mulher ambiciosa e esperta, conquistou a tal ponto a alma de Cláudio, que o induziu a adotar por sucessor o filho de seu primeiro marido. Quando Cláudio, arrependido, fez entender que teria revogado esse ato de adoção, morreu, provavelmente envenenado. E assim tornou-se imperador o jovem Nero, elevado à honra imperial pelas intrigas de uma mulher, que aspirava governar, sob o aspecto de conselheira do filho ainda moço. A sorte do povo romano tinha sido sacrificada aos interesses de uma família, e o governo confiado a um jovem e a uma mulher, como se o império fosse uma verdadeira monarquia hereditária.

Este era o tempo e o ambiente em que viveu Sêneca durante sua mocidade. Se a aparência da instável saúde salvou-o da inveja do louco Calígula, as relações com o novo imperador Cláudio não o salvaram de uma acusação quase certamente injusta. No ano de 41, Messalina, invejosa da beleza de Júlia Livila (irmã de Calígula e de Agripina) quis levá-la à ruína e encontrou um fácil pretexto no ilustre freqüentador da corte. Conforme testemunho do historiador Suetônio ("Claudius", 29), a jovem foi condenada à morte sem que fosse provada a sua culpa ou que lhe fosse concedida a defesa; portanto, embora nada mais conheçamos, também o castigo de Sêneca não parece merecido. Em todo caso, eis Sêneca condenado ao desterro, na ilha de Córsega, naquele tempo habitada por populações quase selvagens. Na terra inóspita do exílio viveu oito anos, o melhor período da vida de um homem ativo e intelectualmente genial, qual era Sêneca. Entre os quarenta e os cinqüenta anos, quando podia não só consolidar mas aumentar sua glória de homem político, de literato e de estudioso, ele vive na desventura do desterro e na solidão de um país bárbaro; contudo, parece que a sorte tenha dado a esse homem a possibilidade de tirar vantagens inestimáveis da dor: faz com que se dedique completamente aos estudos científicos e mais ainda à meditação filosófica. No exílio forma-se a personalidade grandiosa de Sêneca: aqui e

acolá, nas obras dessa época, transparece o desespero, que pouco a pouco se acalma em resignação, em nova coragem, em força sublime. Afirmar que a retórica tenha velado a mente do escritor é como admitir que um pobre não possa ser feliz em sua pobreza; na realidade, o filósofo encontrou um equilíbrio espiritual, que lhe servirá para enfrentar novos e mais duros golpes da sorte. Lendo atentamente a "Consolatio ad Helviam Matrem", acharemos que, embora um pouco retórica, ela serve mais para atenuar a dor da genitora do que a do escritor; meditando sobre o "De Brevitate Vitae", encontraremos a sabedoria do viver espiritualmente mais do que materialmente; nas páginas do "De Constantia Sapientis", há a imperturbabilidade do sábio. Também na "Consolatio ad Polybium", onde os críticos quiseram ver um ato de adulação para com o favorito de Cláudio, podemos reconhecer uma serenidade de pensamento que vai além do fácil meio de adulação para obter o perdão.

Em 49, com a morte trágica de Messalina, Sêneca volta para Roma graças à intercessão de Agripina, a nova consorte de Cláudio, que lhe confia a educação do filho Nero, o herdeiro do império. Cinco anos dura este encargo, e nesse tempo o jovem afeiçoa-se ao sábio pedagogo. Mas em 54 o imperador morre envenenado. Voz comum é que a autora do crime tenha sido Agripina: voz confirmada pelas solicitações da própria mulher para que o Senado decretasse honras divinas ao marido, que suprimira muitos familiares e muitos ilustres cidadãos. Esta vileza do Senado excita a indignação de Sêneca, que escreve uma sátira violenta, injustamente interpretada como póstuma vingança contra Cláudio, que o exilara: na realidade, a sátira é de alto entendimento civil, pois não se percebe nela a imprecação contra um morto, mas sim o grito de indignação e de angústia contra a suprema assembléia, última esperança da liberdade romana, reduzida à baixa adulação pelo incitamento de uma imperatriz assassina. Até Nero, que ascendera ao trono com artes dolosas, ria da deliberação senatorial: Cláudio morrera por ter comido cogumelos venenosos; e o jovem imperador chamava os cogumelos alimentos dos deuses, pois também Cláudio, justamente por causa dos cogumelos, tornara-se um deus...

Aos dezessete anos Nero subia ao poder; e Séneca continuava a seu lado, não mais como pedagogo, mas como benéfico conselheiro, ajudado por Afrânio Burro, prefeito do Pretório. É por todos admitido, mesmo pelos historiadores e críticos hostis, que os primeiros sete anos do governo de Nero lembram o governo de Augusto: mérito exclusivo dos dois homens, que na realidade governaram ao lado do jovem príncipe. A índole ruim de Nero foi mitigada, corrigida, freada; mais tarde a malvadez teve o predomínio. Na realidade, a maior culpa é de Agripina, que se tornara hostil por ambição, capricho e corrupção: queria imperar e mal suportava a influência que Sêneca e Afrânio tinham sobre o filho. Acendeu-se uma luta cerrada: muita verdade deve haver nas páginas dos "Anais" de Tácito, sempre propenso a ver o ruim, o misterioso, o trágico mesmo nos episódios mais comuns.

Em breve, contra a raiva de Agripina aumenta a louca vingança matricida de Nero, que não dá mais ouvidos à palavra severa e admoestadora de Sêneca. Chega-se ao matrícidio e à loucura de Nero: para inebriar-se e esquecer, após noites de pesadelo e de terror, apaixona-se pelos espetáculos, torna-se poeta e cantor, levando à ignomínia do circo nobreza e Senado, cidadãos e soldados.

Nesse ponto, depois de tentar mais uma vez salvar o império, Sêneca decide-se a um ato de grande energia e não sem perigo (Afrânio morrera, pelo que parece, envenenado): pede a Nero autorização para retirar-se da vida pública; e como tinha recebido do imperador imensas riquezas, pede também autorização para devolvê-las.[1] *Nero atendeu ao primeiro pedido, não ao segundo; e Sêneca retirou-se desde aquele momento para uma desdenhosa solidão, vivendo pobremente e dedicando-se aos estudos prediletos. Mas a acusação de ter guardado para si tanta riqueza, que provinha de fonte tão impura (Tácito conta que Nero, para fazer calar as vozes de suspeita ou de contrariedade, costumava doar quantias fabulosas), atinge também o austero Sêneca; pois bem, contra essa acusação parece desculpar-se o próprio Sêneca, quando, indiretamente, afirma em seu tratado "De Beneficiis" (II, 18): "Às vezes, mesmo contra nossa vontade, devemos aceitar um benefício: quando é dado por um tirano cruel e iracundo, que reputaria injúria que tu desdenhasses seu presente. Não deverias aceitá-lo? Põe no mesmo nível um assassino, um pirata e um rei que tenha alma de assassino e de pirata. Que deverei fazer eu, então? Ele porém não merece que lhe fiques obrigado. Quando afirmo que tu deves escolher a pessoa, pela qual possas ter gratidão, excluo o caso de força maior ou de perigo; se isso acontece, cai qualquer escolha. Se, ao contrário, és livre, se está em teu poder querer ou não, somente então poderás ponderar tua escolha. Mas, se és obrigado a aceitar, sabe que a tua não é aceitação, é obediência. Ninguém tem demérito por ter aceitado o que não lhe era lícito recusar." Portanto, o que importa não é saber que Sêneca era rico, mas se ele se mostrou ávido de riqueza, se viveu no fausto e na potência de tal riqueza, pois que sua doutrina é esta: é lícito ser rico, contudo é preciso viver de tal modo que se possa em cada contingência bastar a si próprio e renunciar a qualquer bem que a sorte pode dar, mas também tirar ("Epistulae Morales ad Lucilium", 18). Rico, não somente pregou a pobreza, mas viveu na pobreza.*[2] *Eis, em conclusão, como viveu o homem, que foi acusado de ter enriquecido graças a subterfúgios, compromissos e agiotagens: renuncia a tudo, reduz-se a viver longe de todos, numa liberdade material e espiritual que aconselhara com o exemplo e com as obras. Sem dúvida, a posteridade foi injusta, recolhendo contra esse homem só as invejosas acusações de seus inimigos.*

Mas chegou o momento de ver quais foram esses inimigos. Todas as vozes odiosas contra Sêneca se acham reunidas na obra de Dion Cássio, historiador grego do segundo século depois de Cristo; e é fácil constatar que suas fontes foram Plínio o Velho (nas histórias civis,

agora perdidas) e Tácito. Todavia, foi demonstrado que também Tácito teve por fonte principal Plínio, e que Plínio buscou suas informações em um libelo de Públio Suílio, homem poderosíssimo durante o principado de Cláudio. Contra esse homem, que se tornara rico caluniando as pessoas mais ilustres de seu tempo, Sêneca insurgiu-se, golpeando-o com a "lei Cíncia", apresentada por Marcos Cíncio Alimento, tribuno da plebe em 550 de Roma, e posta novamente em vigor por Augusto para impedir a corrupção nos processos e o mercantilismo na administração da justiça. As acusações contra Sêneca, derivando de um homem tão covarde, podiam ser verdadeiras? Infelizmente, Plínio refere sem indagar; e Tácito, que vê sempre o mistério em qualquer acontecimento, suspeita, diz, contradiz-se, mas não nega: e, infelizmente, também ele não acredita nem na defesa de Sêneca, feita por Fábio Rústico, historiador do tempo de Nero e elogiado pelo próprio Tácito, que o põe ao lado de Tito Lívio ("Agricola", 10: recentium eloquentissimi auctores). *Encontramo-nos, portanto, na condição de possuir as acusações, mas não as defesas: é possível disso tirar a verdade? Seria como se de Sócrates conhecêssemos somente a sátira de Aristófanes e não as obras de Platão. É melhor ver Séneca em suas obras e narrar o seu fim, que foi verdadeiramente digno das doutrinas professadas.*

Livre do peso de aconselhar o feroz tirano, Séneca vive os últimos três anos de sua vida escrevendo e meditando. Do isolamento nascem as mais profundas meditações: a moral que ele pregava, torna-se cada vez mais límpida, quanto mais se aproxima o momento de mostrar com o exemplo a verdade sustentada. "Com alma alegre e hílare — escreve ele ao amigo Lucílio ("Epistulae", 12,9) — devemos encerrar nosso dia, dizendo: vivi, cumpri meu curso vital. O amanhã é ganho, se deus no-lo conceder." Em muitas páginas ("Epist.", 70, 14 e 16; "De Ira", III, 15) ele dirige seu pensamento à almejada liberdade do além-túmulo: "Procuras qual seja o meio para chegar à liberdade? — pergunta ao querido Lucílio. — Uma veia qualquer de teu corpo." E uma veia, de fato, abriu-lhe o capítulo desejado.

O ódio de Nero contra o velho preceptor não procurava senão um pretexto. Em 65 foi descoberta uma conjuração contra o imperador: era chefe o nobre Calpúrnio Pisão, rodeado por altas personalidades civis e militares. Não há confirmação de que Sêneca fizesse parte da conjuração;[3] mas Nero colheu a ocasião que procurava. Tácito conta numa dramática página ("Annales", XV, 60-5) o fim do filósofo. O núncio imperial foi pela tarde à "vila" suburbana de Sêneca, enquanto este jantava com a esposa e dois amigos. Introduzido, o núncio expõe a acusação de ter Sêneca participado da conjuração. O velho nega energicamente e pede ao tribuno que lembre a Nero como ele não tinha espírito dado à mentira, quer por adulação quer por servilismo. Volta daí a pouco o tribuno com a ordem fatal. Sêneca não se abala e pede as tábuas do testamento; sendo-lhe respondido que isso lhe é vedado, dirige-se aos amigos: "Se não me é dado atestar-vos de outra forma meu reconhecimento, deixo-

vos o que posso: a imagem de minha vida virtuosa." E consolando os amigos desesperados, abraça a esposa, Pompéia Paulina: esta pede a graça de morrer com ele. Um mesmo golpe corta as veias de seus braços. Mas do corpo do velho exausto lentamente saía o sangue: outras veias são cortadas para apressar a morte; e ele mesmo continua a falar, ditando palavras que, no dizer de Tácito, se tornaram populares. À esposa, no entanto, transportada para outro quarto, por ordem do imperador lhe foi impedida a morte. Sêneca, vendo que as muitas feridas não bastavam, bebe uma porção de veneno; em seguida, toma um banho de água quente, depois um banho de vapores quentes: faltam-lhe as forças e adormece, placidamente, no sono da morte.

Não lembra a morte de Sêneca as páginas de Platão onde é narrado o estóico fim de Sócrates? Teve razão um anônimo escultor, quando deixou uma herma bifronte, que reproduz[4] *de um lado a imagem do filósofo grego e do outro a máscula figura de Sêneca, o único retrato talvez do filósofo romano: se Sêneca deve muitas das suas teorias a Sócrates, também como ele soube morrer.*

II — A obra de Sêneca

Se a tradição foi injusta para com Sêneca, a sorte que, como escritor, ele teve na Idade Média fez chegar até nós muitas das suas obras. O códice da Biblioteca Ambrosiana de Milão reúne com o título de "Dialogorum Libri XII" a coletânea, que após a morte do filósofo foi feita das suas obras mais breves, de assunto moral. Realmente, o título de "diálogos" não é exato: não se trata de verdadeiros diálogos, do tipo dos de Platão ou de Cícero, mas de solilóquios, durante os quais um interlocutor faz alguma objeção, breve, sem vivacidade de polêmica. A Sêneca basta uma frase, atirada lá, quase de improviso, para passar a uma elucidação, a um exemplo, a uma conclusão. A personagem ideal desses diálogos é, pode-se dizer, a própria consciência de Sêneca, que amiúde oscila nas lógicas antinomias do pensamento cotidiano. Estamos bem longe da dramaticidade dos diálogos platônicos ou da esperta eloqüência das páginas ciceronianas; todavia, Sêneca, embora refletindo a infiltração retórica, que anuncia a decadência do período áureo da literatura latina, consegue obter um estilo novo: parece quase que, em Sêneca, o latim se renova, passa da clássica austeridade de Cícero à eloqüência de uma prosa menos áulica, mais humana. A prosa adere ao pensamento, uniformiza-se, adapta-se a ele; e muitas vezes um subentendido produz um jogo de luzes e de sombras cheio de profunda beleza, amiúde a frase breve produz inesperadas imagens pictóricas, outras vezes antíteses ou anedotas enriquecem as sentenças austeras, a argúcia atenua a trágica solenidade do assunto. Bem se compreende como o juízo dos críticos latinos seja desfavorável: enquanto vivo Sêneca, Calígula compara-o com harena sine calce *(Suetônio, "Calig.", 53); e Áulo Gélio lhe é hostil*

("Noctes Atticae", XII, 2, 1) ainda mais que Quintiliano, o qual se preocupava por ser Sêneca o único autor lido pelos jovens ("Institutio Oratoria", X, 1, 125), explicando que "sua eloqüência é geralmente defeituosa e tanto mais perniciosa, quanto é rica de vícios atraentes" (idem, 129). Mas, justamente porque abundans dulcibus vitiis, a prosa de Sêneca é vivaz, variada, alegre, moderna, própria para um pensamento moderno, que não podia ser mais compreendido por quem procurava o arcaísmo republicano de Catão, a psicologia histórica de Salústio, o classicismo liberal de Cícero: a prosa de Sêneca criava o estilo do período em que já se vivia perigosamente. Ainda um passo, e teremos o laconismo de Tácito.

Os doze livros dos diálogos contêm dez tratados (o "De Ira" é dividido em três livros), que variam de assunto, embora a moral seja única. De fato, "Ad Lucilium de Providentia" trata quare aliqua incommoda bonis viris accidant, cum providentia sit, procurando mostrar que as desventuras, pelas quais passam os bons, devem ser consideradas como provas, para melhor pôr em evidência suas virtudes: porque amiúde os bons são infelizes, enquanto os malvados gozam de todas as satisfações. Os deuses põem à prova a virtude e exercitam a força de espírito dos bons, que devem seguir seu destino preestabelecido: o sábio por isso nunca será infeliz. O sábio ("Ad Serenum de Constantia Sapientis"), que possui um único bem — a virtude — não pode sofrer ofensa alguma: como o mais fraco não pode atingir o mais forte, assim a fraca covardia não atinge a forte virtude. No "Ad Novatum de Ira Libri III" (dedicado ao irmão), o primeiro livro faz o diagnóstico geral desta morbosa paixão; o segundo procura a origem da mesma, discutindo utrum indicium an impetu incipiat; o terceiro ensina a dominá-la ou pelo menos moderá-la: a ira, que invade os homens e não os animais, não é uma paixão conforme a natureza. Natural pode ser somente o primeiro sentimento; mas o homem deve deixar-se guiar pela razão, considerando a ira como danosa para si. Não há acordo entre sabedoria e ira: a alma nunca deve perder sua serenidade, embora qualquer ruína sobrevenha ao corpo. Sendo a ira uma paixão danosa, é conveniente premunir-se contra ela. O princípio fundamental da doutrina estóica — o sumo bem está na prática da virtude e não do prazer — é moderado no "Ad Gallionem de Vita Beata", pois são admitidos outros bens (a saúde e a riqueza) como coeficientes da felicidade humana: é necessário praticar o bem, uniformizando a prática à teoria; e mal pensam os que, enquanto com palavras desprezam a riqueza, com os fatos ao contrário a procuram. O "Ad Serenum de Otio" visa justificar a vida retirada e dedicada aos estudos, conciliando-a com os deveres da vida pública: o homem, que deve viver conforme a natureza, pode dedicar-se à meditação (otium), pois também com isso pode fazer coisa útil a todos. O homem, se pode, deve ser útil a muitos; se não, a poucos; se nem a esses, aos mais próximos ou então a si mesmo; e terá feito também assim obra boa. É difícil para o homem (e também para o sábio) manter sua serenidade perante o espetáculo da injustiça e da baixeza, do qual todos os

dias é testemunha ("Ad Serenum de Tranquillitate Animi"); mas o sábio não pode odiar os maus, porque em todas as idades as condições morais são mais ou menos as mesmas. Se o mal é uma necessidade da vida, à qual os homens não se podem subtrair, por que devemos odiá-los e não antes, por isso mesmo, aprender a amá-los? O sábio deve conservar-se afastado dos desejos sem limites e insaciáveis, armar-se contra as desgraças, manter-se calmo mesmo perante as injustiças, que vê em seu redor. A vida é breve ("Ad Paulinum de Brevitate Vitae") para quem, perdendo seu tempo em frivolidades, não visa ao próprio aperfeiçoamento moral; é longa para quem, como o sábio, sabe fazer bom uso do tempo.

As três consolationes *são talvez a obra mais conhecida e decerto mais interessante de Sêneca. A forma, se não é originalíssima, é ao menos pessoal: o escritor aproxima-se cada vez mais da humanidade, falando com três pessoas afligidas pela dor. O interlocutor ideal não é mais a consciência do filósofo, mas uma criatura viva que sofre. Todavia, a idéia fundamental continua: na "Ad Marciam de Consolatione" conforta Marcia, filha do historiador Cremúcio Cordo (vítima do despotismo imperial), pela perda de seus queridos; e o conforto baseia-se nos conceitos da dor universal, à qual ninguém pode subtrair-se, na necessidade da morte e nas virtudes dos entes perdidos. Na "Ad Polybium de Consolatione" conforta o poderoso liberto do Imperador Cláudio pela perda do irmão: escrita durante o desterro na Córsega, parece uma adulação para que Políbio interceda junto a Cláudio em favor de Sêneca. A sombra da desaprovação dos críticos, que quiseram ver nessas páginas uma grave contradição entre as teorias sustentadas pelo filósofo e a prática degradação do homem que especula sobre a dor para dela tirar vantagens, deve ser afastada, considerando a constante unidade da idéia de Sêneca, que também aqui continua a demonstrar como a morte é uma necessidade, à qual ninguém pode fugir; pelo que nada vale a queixa: que nem os mortos recebem de bom grado. Grande conforto é o estudo. Se essa obra pode ser criticada como um momento de fraqueza de um homem, que há anos vivia na inóspita ilha do exílio, a figura de Sêneca aparece límpida na terceira* consolatio, *também escrita durante a sua estada na Córsega ("Ad Helviam Matrem de Consolatione") e dirigida à mãe: nobres páginas, nas quais o elemento moral (o desterro não é mais que uma mudança de habitação para o sábio, o qual não pode ser infeliz) une-se admiravelmente ao elemento humano, quando incita a mãe a suportar com coragem as desgraças da vida.*

De Sêneca, além dos dez diálogos, temos ainda quatro obras, diferentes pela estrutura e quanto à importância, que o tempo fez chegar até nós mais ou menos completas.[5] *Escrito nos primeiros anos do principado de Nero (em 55 ou 56 d.C.) e dedicado ao imperador é o "Ad Neronem Caesarem de Clementia": em forma simples e agradável o autor expõe a utilidade, melhor ainda, a necessidade da clemência num príncipe, propondo Augusto como modelo de generosidade. É evidente a intenção do*

ensinamento; e, nos primeiros anos, Nero ouviu benevolamente os conselhos do antigo preceptor. Mais tarde a obra de Sêneca não teve efeito algum sobre o tirano sanguinário, do qual o filósofo se afastou: desse tempo deve ser o tratado "De Beneficiis Libri VII", pois nele achamos manifestadas idéias práticas sobre os benefícios e a gratidão. São muitos os ingratos, mas nem por isso os bons devem desistir de fazer o bem. Muitos são os benefícios, diferentes os modos de concedê-los, diferentes os modos de aceitá-los: a gratidão é um dever, mas muitos por diversas razões são ingratos. Notáveis são os exemplos lembrados nessa obra, onde predomina o sentimento de humanidade social e onde é tratado um moderno conceito sobre os deveres que o homem tem para com a sociedade, da qual faz parte; e notável é também a demonstração de que o sábio não se deve sentir obrigado perante o tirano, do qual recebeu benefícios: o tirano doa conforme seu capricho, sem critério, e o sábio, com os bons conselhos, retribui em maior medida qualquer benefício recebido. Os críticos pouco benévolos para com Sêneca quiseram demonstrar que ele escreveu essas páginas para desculpar-se de suas imensas riquezas; de qualquer maneira, a tese é geral e o assunto é demonstrado com intenções nobres.

Ao último período da vida de Sêneca pertencem os "Naturalium Quaestionum Libri VII", dedicados a Lucílio, governador da Sicília, e as "Epistulae Morales", dedicadas ao mesmo jovem amigo. A primeira obra nos apresenta Sêneca cientista: como estóico, admite que, para conhecer a virtude e a divindade, é mister estudar antes a natureza em suas diferentes manifestações e em seus fenômenos físicos. Também ele, como Lucílio (que escreveu um poema sobre o Etna, falsamente atribuído a Virgílio pela tradição), é um entusiasta da ciência em geral e da Física em particular, que indica como base da moral: repreende, portanto, os que perdem seu tempo e gastam o intelecto, narrando migalhas da História, em lugar de voltar a mente para os estudos de Geografia, Meteorologia e Astronomia. Esta obra, derivada talvez de Posidônio, teve grande sucesso durante a Idade Média como livro de texto: para os modernos contém erros graves; mas tem notável importância para a história da ciência antiga. Para o conhecimento da evolução do pensamento de Sêneca, são muito interessantes as digressões de caráter moral, que visam atingir a corrupção dos contemporâneos. Última obra de Sêneca são as "Epistulae Morales ad Lucilium", que constituem um curso completo de ética, desenvolvido em vinte livros:(6) *são 124 cartas, escritas num estilo simples, mas profundas no conteúdo moral, quase sempre prático. O escritor publicou os três primeiros livros, o que significa que a forma epistolar era um pretexto, pois ele não se dirige ao amigo Lucílio, mas sim a toda a humanidade contemporânea e futura.*

Com a atividade filosófica e científica Sêneca alternou durante a vida uma atividade poética, que pareceria contradizer, à primeira vista, a índole de sua alma meditativa; mas também os epigramas compostos no desterro e as tragédias não nos afastam do seu mundo moral. A

tragédia, teatralmente morta com Lúcio Ácio no início do século precedente, era o gênero preferido pela classe aristocrática: escritas para a leitura, nos círculos literários, as tragédias serviam para debater concepções filosóficas ou políticas. Assim, Sêneca compôs nove tragédias: "Hércules Furens", "Troades", "Phoenissae", "Medea", "Phedra", "Oedipus", "Agamemnon", "Thyestes", "Hercules Oetaeus" (furioso). Só observando os títulos, vemos a imitação de assuntos gregos já desenvolvidos pelos poetas do período arcaico latino; e o modelo é certamente Eurípedes, o mais filósofo dos trágicos helênicos. Ricas de fatos, de psicologia, de inspirações morais, essas tragédias têm um defeito fundamental: falta-lhes a teatralidade. Sêneca quer levar ao palco não o drama de Hércules, de Tiestes, de Agamenon, de Édipo, mas o drama da sua alma: da atmosfera das grandes paixões heróicas saem as meditações a respeito do destino, do mistério do universo, do trabalho espiritual do homem. As personagens pensam, não agem; falam, não lutam; são interessantes, mas não comovem; e são todas iguais, todas filósofos, que falam como estóicos e como estóicos devem morrer: até morrem estoicamente sobre o palco, contra o costume grego e o preceito horaciano, que neguem verossimilhança a esse expediente dramático. A inovação de Sêneca é moderna e servirá de exemplo a todos os autores de tragédias, desde Shakespeare até Corneille, desde Schiller até Alfieri; mas é uma inovação retórica, que leva a humanidade à ação. Sêneca, embora conheça e saiba examinar o coração humano, nessas tragédias é um filósofo que não sabe encontrar uma forma que se adapte a seus tratados.(7)

Não estaria completo o quadro das obras de Sêneca sem um breve aceno a uma sátira, que os críticos modernos, depois de longa hesitação, estão agora concordes em atribuir ao escritor romano. Trata-se de uma "sátira menipéia", mista de verso e prosa: os códices lhe dão o título de "Divi Claudii Apotheosis Annaei Senecae per Saturam"; mas Dion Cássio dá-lhe o título de "Divi Claudii Apokolokyntosis",(8) *isto é, "apoteose daquela abóbora de Cláudio". É uma sátira mordaz contra o Imperador Cláudio, ou melhor, contra o Senado que decretou honras divinas ao príncipe. Começa com a descrição da morte de Cláudio, que, como Augusto, Tibério e Calígula, se apresenta no concílio dos deuses para pedir a apoteose. Após longa discussão, na qual tomam parte as principais divindades, Cláudio é rejeitado pela celeste reunião e mandado ao inferno, para onde é levado por Mercúrio, não antes porém de ser obrigado a passar sobre a Terra e assistir em Roma ao seu próprio enterro; no inferno é acolhido pela fileira numerosa de suas vítimas, que o acusam das culpas pelas quais se manchara em vida. Cláudio quer defender-se e procura um advogado; mas Eaco, juiz infernal, não quer ouvi-lo (imitando o próprio Cláudio que em vida costumava ouvir somente o acusador) e o condena a brincar com dados num copo sem fundo, de modo que os dados lhe fogem, sem que ele compreenda nada. Chega Calígula, que quer Cláudio como escravo: chicoteado e esbofeteado, acaba sendo escritu-*

rário forense. A sátira, que talvez nos chegou incompleta, não é, artisticamente, uma obra importante: Sêneca não tinha alma de escritor satírico; todavia, sente-se amiúde em alguns episódios a genialidade de um intelecto que, também num gênero pouco adaptável à própria sensibilidade, demonstra a força da indignação contra um tirano e contra uma assembléia corrupta e por isso imoral.

III — A moral de Sêneca

A magnífica intuição dos poetas define de maneira perfeita aquilo que o crítico se esforça por esclarecer e amiúde ofusca. É opinião comum que Sêneca seja um filósofo; Dante, ao contrário, dá-lhe o apelativo de moralista ("Inferno", IV, 141): no limbo, o poeta italiano vê, entre sumos escritores e heróis antigos — Sócrates, Platão, Demócrito, Diógenes, Anaxágora, Tales, Empédocles, Heráclito, Zenão, Dioscórides, Orfeu, Cícero, Lino e "Seneca morale".

Provavelmente, no apelativo "morale" Dante considerava implícito o substantivo "filósofo"; mas para Dante poesia e filosofia identificavam-se. Nesse sentido também nós podemos aceitar a definição, pois uma atenta leitura das obras faz compreender que o filósofo Sêneca é bem diferente de um verdadeiro filósofo: ele é um entusiasta da filosofia, um estudioso apaixonado e informado de todas as correntes de idéias de seu tempo, mas é demasiadamente contrário a encerrar-se num sistema ou numa fórmula. Ele é filósofo, tanto quanto o é cada homem; mas é também e principalmente poeta, pois o elemento preponderante em suas obras são os sentimentos, mais do que as idéias. Na história do pensamento não contribuiu em nada; nem com uma idéia: contudo, ninguém nunca foi tão compenetrado do sentimento da nobreza do espírito humano e ninguém soube tão poderosamente transmitir esse sentimento em suas palavras.

O que mais causa admiração e entusiasmo nas obras de Sêneca é a simplicidade com a qual este mostra nossas paixões, examina-as de perto, vivisseciona-as, exalta-as ou abate-as, sem nunca sair do campo prático da vida. Mesmo quando retórico, ele é humano, porque sua retórica nasce do entusiasmo da pesquisa ou da demonstração. Não afirma categoricamente senão depois que recolheu abundantes exemplos, circunstâncias, acontecimentos, comparações; e os exemplos, as circunstâncias, os acontecimentos, as comparações são tirados da vida de todos os dias, do quadro natural desta. As idéias abstratas são uma riqueza que não tem valor, uma moeda que não tem curso. Para Sêneca, o homem vive no meio dos outros homens, não separado do mundo.

Enquanto a doutrina de Epicuro encontrara terreno favorável na Roma das guerras civis e depois morrera na renascença de Augusto, o estoicismo renascia nos tempos do império não somente como meio para combater a tirania dos sanguinários imperadores, mas sobretudo como concepção política. De fato, fazendo uma relação historicamente paradoxal, poderíamos reconhecer que

em política o epicurismo levado a suas mais afastadas conseqüências não pode concluir senão com o liberalismo, que é a concepção mais contrastante com o universalismo do direito romano. O estoicismo, ao contrário, embora não podendo encontrar na alma romana a resignação perante a necessidade do destino, podia encontrar em Roma uma grande adesão, graças à proclamada necessidade de fortalecer o caráter perante a dor física e moral, assim como já era na tradição da primeira república. O fato de que os costumes dos cidadãos romanos tivessem perdido a rigidez dos antigos podia até levar a ver na moral estóica uma útil função educativa. O estoicismo romano — o de Sêneca, de Epiteto, de Marco Aurélio, não o estoicismo eclético de Cícero — apresenta justamente a característica de acentuar a finalidade ética: não é só a maior aderência aos problemas da vida da sociedade romana, que afasta decididamente os conceitos físico-teóricos; mas também a exigência da reforma moral de toda a humanidade, reforma auspiciada pelo Cristianismo entre os homens que ainda não podiam ser cristãos por muitas razões e que ao mesmo tempo não estavam mais satisfeitos com uma moral que não reconhecia a eficácia de muitos dentre os mais delicados sentimentos. O estoicismo nascera das exigências éticas; e ética devia ser sua função em Roma, no tempo de Sêneca e depois de seu período, quando o conceito doutrinário físico-teórico não interessava mais a ninguém; mas concorria, com as outras doutrinas menores e sobretudo com outras tendências religiosas, para preparar o terreno onde a palavra de Jesus pudesse dar uma nova consciência moral. Entre a moral de Sêneca e a evangélica há um abismo: para Sêneca, o homem pode remir a si mesmo com a força da razão, para São Paulo só pode ser remido por Deus no abandono da fé; no Cristianismo, Deus é salvador dos homens, na idéia de Sêneca, o homem é o salvador de si mesmo; na visão evangélica, o milagre desce do céu para a humanidade, na de Sêneca sobe da alma humana para o céu. Todavia, tanto São Paulo como Sêneca observavam o homem em sua terrena passagem através das paixões, das dores, do martírio espiritual e material; e ambos queriam remi-lo. Não pode ser considerado Sêneca como o poeta da energia da vida moral?

Por isso Sêneca aparece-nos, a quase dois mil anos de distância, como um moderno: é um homem que vive a nossa vida e se agita em nossas lutas. Mas a modernidade de Sêneca é um dos tantos preconceitos com os quais queremos descobrir verdades fundamentais: os grandes pensadores e os grandes escritores, na realidade, são de todos os tempos, pois eles descobrem um trecho da verdade eterna. Quando os lemos, neles encontramos parte de nosso pensamento, de nossa consciência; e os chamamos modernos. Não são modernos: são grandes, sabem dizer aquilo que nós sentimos e não sabemos manifestar por meio da palavra escrita ou oral. E por isso Sêneca é grande: vive, observa, entusiasma-se, escreve; e suas palavras simples e claras nos chocam. Todos nós estamos convencidos de que a humanidade é

uma só grande família; e Sêneca o demonstra com imagens de persuasiva eficácia ("Epist.", 95, 52): "Nós somos como membros de um só corpo, a natureza nos fez unidos, nos fez nascer dos mesmos princípios e para o mesmo fim. A natureza nos deu o instinto do recíproco amor e da vida social. Ela é a base da eqüidade e da justiça. Ela nos faz sentir que é muito melhor receber o mal que fazê-lo. Ela nos impõe estender as mãos socorredoras para quem precisa... A sociedade é como uma abóbada, que se desfaria toda, se uma pedra não sustentasse a outra." E com esses princípios é natural que ele reconheça como crime as guerras ("Epist.", 95, 30) e que a propósito dos espetáculos sanguinários exclame melancolicamente ("Epist.", 35, 33): "O homem deveria ser sagrado para o homem, e agora ao contrário é matado por brincadeira e deleite. Deveria ser crime ensinar o homem a dar e receber feridas, e ao contrário ele é apresentado nu e inerme, fazendo-se espetáculo de sua morte."

A moral de Sêneca baseia-se no amor humano; e em todas as suas páginas vemos desfilar um grande sentimento de piedade. A respeito de uma desonra social — a instituição da escravidão — ele tem palavras de sentida veemência ("Epist.", 47): "São servos, mas homens; servos, mas nossos companheiros; servos, mas nossos humildes amigos; servos, mas unidos à nossa servidão, somente se considerarmos um instante qual poder tem a sorte sobre nós e sobre eles." Ele reconhece sempre e abertamente o direito humano dos servos e a iniqüidade jurídica e moral da escravidão, que não existe na natureza humana, assim como não existe a nobreza: essas duas condições são devidas à injustiça ou à sorte, e são igualmente acidentais, pois de um lado constituem um privilégio, de outro uma injúria. A sociedade quis legalizar o privilégio da nobreza e a injúria da escravidão; mas a consciência moral recusa reconhecer o que impôs a violência legal. O direito positivo negava ao escravo a pessoa jurídica; Sêneca lha devolvia inteira sobre a base do direito natural: "Quem não exclui que o escravo pode ser benfeitor de homens livres, não conhece o jus humano." ("De Beneficiis", III, 18.) Assim Sêneca, que afirmava contra o direito constituído a imutável existência de um direito de humanidade, dava o exemplo moral à doutrina jurídica, que cinco séculos mais tarde era solenemente codificada nas "Instituições Justinianas". O princípio jurídico que reconhecia a servidão "como constituição do direito dos povos contrária ao direito da natureza" ("Inst.", I, 1, 3) nascia do princípio moral da doutrina estóica de Sêneca, mais talvez que do pensamento cristão de São Paulo, que aceitava a instituição da servidão como jurídica e socialmente válida, e de S. Agostinho, que reconhecia a servidão como elemento providencial da ordem constituída por Deus.

A doutrina moral de Sêneca nasce do amor; e também da dor. É uma contínua tentativa para fortalecer a alma contra as injúrias da sorte e da iniqüidade humana; é uma preparação do homem aos combates extremos: deve-se viver entre os próprios bens, entre as coisas mais queridas, como se a todo momento essas pudessem

deixar-nos, como se a todo momento a vida mesma viesse a faltar-nos. Ele repete a frase de Demétrio, filósofo cínico: "O ser mais infeliz da Terra é aquele que nunca sofreu adversidades." A maior felicidade está em não precisar de felicidade, está em achar em si mesmo o próprio bem, sem dependência alguma dos casos e das injúrias da sorte e dos homens: assim, somente o sábio, na imobilidade de sua consciência intangível porque interior, incorruptível porque isolada, supera qualquer relação de forças externas, que agem a seu redor, e torna-se e é sempre o único dono e libertador de si mesmo. É preciso sermos sábios, não eruditos: a sabedoria ensina o homem a gozar de seu tempo, a erudição ensina a perdê-lo; a primeira ensina a viver bem e frutuosamente, a outra a viver mal e vadiamente. A cultura pode e deve ser um aviamento para a sabedoria, não um fim. Finalidade da vida humana não é ter tantas noções que não servem para nada: é ter a força de resistir ao mal, de superar as asperezas da existência e de receber a dor como um tesouro do espírito. Nessa contínua elevação moral está toda a humanidade de Sêneca: ele ensina porque tem experiência de ter conquistado a virtude com o drama da própria vida; e pode dizer as palavras necessárias a quem sente a necessidade de não esquecer, nas transações cotidianas, a pureza de sua origem e de sua natureza. Sêneca pode ensinar porque conquistou a virtude dia a dia, momento a momento, e conhece assim as alegrias das vitórias e o abatimento das derrotas. Nas páginas de Sêneca encontramos o homem em colóquio contínuo consigo mesmo: o expediente do fictício contraditor (tão comum na literatura filosófica helenística) é justificado aqui pela íntima necessidade de dirigir uma palavra também às fraquezas humanas. A indivisibilidade desses dois aspectos explica a aparente anomalia, pela qual Sêneca, que geralmente prega a rígida moral estóica, nos aparece moralista não intolerante, até conhecedor de quanto são freqüentes e naturais as lentidões, as demoras, até os passos atrás no caminho da virtude. Pode-se assim não somente explicar mas justificar as contradições, que a aversão dos acusadores ou a míope crítica quiseram ver sempre em Sêneca. Que grande filósofo, mas que péssimo homem, gritam a todo instante; e não se vê que justamente o moralista justificava o homem, assim como o homem procurava salvação no moralista.

Um exemplo prático dessa aparente contradição está na "Consolação a Minha Mãe Hélvia". A ordem exterior é a mesma de todas as obras do gênero: analisar antes a desventura, que atingiu o autor, e demonstrar que ela não o pode abater espiritualmente; mostrar em seguida ao atingido os recursos que ele tem em si ou deve encontrar fora de si para suportar a dor. Mas Sêneca escreve à sua mãe; e a ternura arrebata-o: demonstra que não está sozinho no exílio, e gostaria de estar perto de sua mãe; aconselha a própria mãe a suportar a dor, e lembra a vida familiar com uma saudade que diz claramente quão longe estavam de parecer convincentes os assuntos escolhidos para consolar. Afinal, o consolo nasce de um sentimento sublime, que diz em poucas palavras somente isto: "Que-

rida mãe, nada no mundo me fez esquecer o bem que te quero, mesmo se estou longe de ti, mesmo se estou aflito, mesmo se não posso mudar a sorte; único conforto é o bem que nos une hoje e sempre." Essa é a parte humana da obra; a parte moral está na orgulhosa afirmação de que nenhum golpe externo podia abalar a firmeza de sua alma, pois os perigos estavam todos e somente dentro de si mesmo.

As aparentes contradições desaparecem completamente, quando Sêneca (que prega a virtude, o sacrifício do indivíduo em vantagem dos próprios iguais; que tem grande indulgência e amor para com aqueles que falharam; que combate todas as paixões que entristecem o homem) penetra nas trevas do além-túmulo com celestiais esperanças, extasiando-se no pensamento da verdade eterna, que teria conhecido, da divina e pura luz de onde teria vindo a alegria para a nova consciência. O homem e o moralista chegaram ao equilíbrio completo. Ao amigo Lucílio escrevia ("Epist.", 102): "Desvendar-se-ão para ti os arcanos da natureza, dissipar-se-á essa neblina que agora te circunda: serás ferido por uma luz claríssima. Imagina como deve ser vivido o fulgurar de tantas estrelas, que juntas confundem sua luz. Nenhuma sombra perturbará aquela limpidez: de todos os lados resplandecerá igualmente o céu; noite e dia são somente acontecimentos dessa nossa baixa atmosfera. Então reconhecerás ter vivido nas trevas, quando com todo teu ser verás inteira a luz, que agora pelos angustos meatos dos olhos obscuramente entrevês, e assim mesmo admiras de longe. Que te parecerá aquela divina luz, quando a vires lá, no céu?" A moral romana ainda não conhecia um equilíbrio tão perfeito; e esse equilíbrio nascia num homem que sofrera e lutara, que tirara experiência do pensador e do homem de Estado, sujeito a todas as exigências e conveniências da política; e que todavia soubera elevar-se acima da ruína causada por sanguinários tiranos ou por literatos aduladores. No diálogo "De Providentia" (VI, 3-5) uma suposta voz de Deus assim admoesta os mortais: Ferte fortiter: hoc est, quo deum antecedatis; ille extra patientiam malorum est, vos supra patientiam. Contemnite paupertatem: nemo tam pauper vivit quam natus est. Contemnite dolorem: aut solvetur aut solvet. Contemnite fortunam: nullum illi telum, quo feriret animum, dedi. Contemnite mortem: quae vos aut finit aut transfert. *(Suportai com força qualquer coisa: nisso sereis superiores ao próprio Deus; Deus ignora o sofrimento, vós podeis vencê-lo. Desprezai a pobreza: ninguém viveu tão pobre como quando nasceu; desprezai a dor: ou acaba ela ou acabareis vós; desprezai a sorte: não deis a ela arma alguma para ferir as almas; desprezai a morte, fim ou mudança da existência.) Ainda um passo, e a pregação do verbo de Cristo iluminará de uma luz divina as almas, livres da dor humana.*

G. D. Leoni

CONSOLAÇÃO
A MINHA MÃE HÉLVIA

"AD HELVIAM MATREM DE CONSOLATIONE"

I — Muitas vezes, minha boa mãe, estive a ponto de escrever-te para consolar-te: sempre detive-me. Muitas considerações levaram-me a ousar: principalmente, pensava que teria esquecido todas as minhas preocupações, se tivesse conseguido secar por um pouco tuas lágrimas, embora não podendo enxugá-las por completo; além disso, tinha certeza de que, se conseguisse confortar antes a mim mesmo, minha tentativa de tirar-te da prostração teria sido mais eficaz; enfim, temia que a sorte, sobre a qual fui vitorioso, pudesse vencer algum dos meus queridos; de qualquer maneira, pondo a mão sobre a minha chaga, era levado a querer curar vossas feridas. Muitas outras razões, de outro lado, afrouxavam esse meu propósito: compreendia que não devia afrontar tua dor ainda recente e ardente, para evitar que os confortos a exasperassem e a aumentassem, visto que também nas doenças nada há mais danoso que um remédio intempestivo. Esperava, portanto, que a violência da dor se quebrasse, e que, mitigada pelo tempo a ponto de suportar os remédios, permitisse ser tocada e observada. Mais ainda, conquanto folheasse todas as obras compostas pelos mais ilustres gênios para acalmar ou pelo menos aliviar as dores, não encontrava exemplo algum de alguém que tivesse consolado seus queridos, enquanto ele mesmo era por eles lastimado. De modo que a novidade do empreendimento me fazia hesitar e temer que essa não fosse uma consolação, mas uma excitação à dor. Que novas palavras, e não tiradas da usual linguagem de todo dia, devia usar um homem que, já em cima da fogueira, levantava a cabeça para consolar os entes queridos? Toda dor que passa os limites do suportável tira necessariamente a faculdade de escolher as palavras, se amiúde sufoca também a voz. Procurarei, todavia, fazê-lo como posso, não porque tenha confiança em minha capacidade, mas porque o fato de que o consolador seja eu mesmo poderá constituir a mais feliz das consolações. E confio que a mim, a quem nunca negaste nada, agora não negarás, por muito obstinada que seja a tua aflição, que ponha um limite a tuas lágrimas.

II — Olha quanta confiança tenho em teu afeto: tenho certeza de que serei mais forte do que tua dor, sendo que nada é mais forte do que ela entre os míseros. E para não a afrontar logo, dela me aproximarei antes, e dentro porei tudo o que pode inflamá-la; observarei e reabrirei outra vez todas as chagas já cicatrizadas. Alguém dirá: "Que nova maneira de consolar é essa, lembrando os males esquecidos e pondo perante o cúmulo de todas as suas desventuras uma alma que a muito custo consegue suportar só uma?" Mas reflita, esse alguém, que os males que chegaram a esse ponto de gravidade, isto é, de piorar

não obstante o remédio, curam-se geralmente com os contrários. Pôr-lhe-ei na frente antes de tudo todos os seus lutos, todas as desventuras; e isto será não um medicamento brando, mas uma cauterização e uma amputação. E que obterei? Que uma alma, que venceu tantas misérias, enrubesça por não ter a força de suportar, sobre um corpo coberto de cicatrizes, uma nova ferida. Que chorem e se lastimem e se enfraqueçam, ao sopro das mais leves contrariedades, as almas delicadas das pessoas que uma tranqüilidade demasiadamente longa enervou; mas as pessoas que passaram toda a vida na desgraça devem suportar com forte e imutável constância mesmo as dores mais graves. A perpétua infelicidade só tem isto de bom: que endurece por fim os que incansavelmente persegue.

Descanso algum te concedeu a sorte, entre os mais graves lutos; e nem excetuou o dia de teu nascimento. Assim que nasceste, ou melhor, enquanto nascias, perdeste tua mãe, e foste por assim dizer abandonada à vida. Cresceste sob o jugo de uma madrasta, que todavia obrigaste, com um respeito e um afeto que só se pode ver numa filha, a ser-te realmente mãe; mas não há ninguém a quem uma madrasta mesmo ótima não tenha custado sempre demasiado caro. Perdeste, enquanto esperavas a sua chegada, um amorosíssimo tio, homem bom e forte; e pois que a sorte temia apresentar-se muito pouco feroz, deixando-te um intervalo de repouso, tiveste que sepultar no mesmo mês o marido bem-amado, que te tornara mãe de três filhos;[8] e esse luto te foi anunciado enquanto ainda choravas o outro, enquanto teus filhos estavam longe, como se teus males tivessem sido recolhidos todos propositalmente naquela época para que não tivesse nada sobre o que tua dor pudesse reclinar-se. Não falo dos perigos contínuos e dos sustos, de que sem interrupção sustentaste os assaltos. Faz pouco tempo que recolheste os ossos de três netos no mesmo seio em que foram criados; e vinte dias depois de celebrar o enterro de meu filho, morto entre teus braços e teus beijos, tiveste a notícia de meu exílio. Somente isso te faltava até agora: chorar os vivos.

III — Sim, é verdade: essa recente ferida é a mais grave de quantas já desceram em teu corpo, porque não esfolou somente a pele, mas penetrou profundamente em teu peito e até ao coração. Mas como os recrutas gritam mesmo quando levemente feridos, e temem a mão do médico mais do que as espadas, enquanto os veteranos, por muito profundo que sejam os golpes recebidos, suportam pacientemente e sem queixas que seus corpos sejam limpos da podridão como se fossem de outrem, assim tu agora deves submeter-te com firmeza à cura. Longe de ti as lamúrias e os gemidos e as outras manifestações de dor feminina: mal-empregadas foram tantas desventuras, se ainda não aprendeste a ser desventurada.

Talvez pareça que te tratei com demasiada severidade, não tirando nenhum de teus males, mas antes amontoando-os todos diante de ti?

IV — A isso me induziu um fim magnânimo: isto é, estabeleci vencer tua dor, não iludi-la. E vencê-la-ei, creio

eu, se conseguir demonstrar antes de tudo que não sofro por uma razão a respeito da qual eu poderia ser chamado mísero e por causa da qual os meus familiares poderiam tornar-se míseros; depois, demonstrarei, passando a ti, que nem tua sorte, que em tudo está unida à minha, se pode chamar infeliz. Começarei dizendo, como teu afeto materno almeja ouvir, que eu não tenho mal algum. Se puder, demonstrar-te-ei como também as coisas que tu pensas que me aniquilam com seu peso, não são nem elas intoleráveis. Se, enfim, nisso não for possível acreditares, terei pelo menos o orgulho de estar contente nessas condições, que costumam tornar míseros os homens. Não creias em outros, no que dizem a meu respeito: pessoalmente, para que não sejas agitada por falsas opiniões, declaro-te que não sou em nada mísero; direi mais, para que tenhas maior certeza: nunca poderei ser mísero.

V — A natureza nos gerou em bom estado e nele estaríamos se dela não nos afastássemos. Ela fez com que não precisássemos de muitas coisas para viver prosperamente: cada um pode por si tornar-se feliz. Pouca importância têm as coisas contingentes, tanto que não têm poder, nem, se favoráveis, de ensoberbecer o sábio, nem, se contrárias, de abatê-lo: ele esforçou-se sempre para pôr em si cada bem seu, para obter de si toda a sua alegria. E com isso pensas talvez que eu queria dizer que sou um sábio? Não, absolutamente; porque se pudesse mesmo só afirmá-lo, isso significaria que não só não seria infeliz, mas seria o mais felizardo de todos os homens e quase um deus. Agora (e isso basta para suavizar qualquer miséria) me entreguei aos sábios, e, ainda incapaz de defender-me por mim, encontrei em campo alheio o abrigo, que facilmente protege a si mesmo e aos seus. Eles me aconselharam que ficasse sempre atento e observasse qualquer ataque, qualquer assalto da desgraça muito antes que me abatesse.

A desventura é grave para aqueles a quem chega inesperadamente; facilmente a suporta quem sempre a espera. Assim, também o ataque de um exército inimigo dispersa os soldados tomados de surpresa; mas se preparados para a guerra antes da guerra, ordenados e prontos repelem a primeira investida, que é a mais furiosa. Nunca me entreguei à sorte, mesmo quando parecia que estivesse em paz comigo; todos os favores, dos quais muito generosamente me cercava (riquezas, cargos, prestígio), coloquei-os em tal lugar de onde pudesse retomá-los, sem me aborrecer. Deixei sempre grande distância entre mim e eles: tirou-me os favores, portanto, não mos arrancou. A sorte contrária não diminui senão os homens que se deixaram enganar pela prosperidade. Os homens que se agarram a seus presentes como a coisas das quais temos perpétua propriedade e que por eles querem ser invejados pelos outros, jazem prostrados e aflitos, quando os deleites falsos e fugazes abandonam sua alma vã e pueril, que ignora qualquer prazer real; mas, quem na prosperidade não se orgulhou, não se abala se as coisas mudam. Contra um e outro estado têm uma alma invicta, cheia de firmeza já experimentada, porque experimentou na boa sorte o que é útil contra a infelicidade. Por isso, como nas

coisas que todos almejam possuir, sempre pensei que não houvesse algum bem verdadeiro (e as achei vazias e cobertas de uma maquilagem aparente e ilusória, sem nada que parecesse à sua aparência), assim agora, nesses que são chamados males, não encontro nada que seja tão horrível e duro como pode fazer temer a opinião do vulgo. A própria palavra "exílio" chega ao ouvido muito duramente e fere quem a ouve como triste e execrável justamente por essa convicção radicada em todos: assim decidiu o povo. Mas o sábio rejeita em grande parte os decretos do povo.

VI — Sem dar importância, portanto, ao critério da maioria, que se deixa transportar pela superficialidade e pela opinião corrente, vamos ver o que é o exílio. É, na substância, uma mudança de lugar. Para que não pareça que eu esteja atenuando sua aridez e tirando o que tem de pior, direi ainda os aborrecimentos que derivam dessa mudança: pobreza, desonra, desprezo. Com esses lutarei mais tarde: por enquanto, quero limitar-me a examinar qual é a dor proveniente da pura e simples mudança de lugar.

"Viver longe da pátria é intolerável." Olha, pois, para a multidão, à qual não são suficientes as casas da imensa Roma: a maior parte dela está longe de sua pátria. Afluem de seus municípios, de suas colônias, de toda a Terra, quem levado pela ambição, quem pelo seu dever de magistrado, quem por uma missão confiada, quem pelo afã de gozar em lugar mais apropriado e rico de vícios, quem pelo desejo de estudos literários, quem pelos espetáculos; alguns foram impelidos pela amizade, outros por uma atividade que encontrou mais amplo teatro para demonstrar a própria virtude; alguns levaram para lá sua venal beleza, outros sua venal eloqüência. Nenhuma raça de homens falta na cidade, que oferece grandes prêmios às virtudes e aos vícios. Suponhamos que todas essas pessoas sejam chamadas, uma por uma, e se pergunte a cada uma onde nasceu: veremos que a maioria é formada por gente que deixou sua residência para estabelecer-se numa cidade grandíssima e belíssima, realmente, mas não sua. Em seguida, deixando essa cidade, que se pode chamar cosmopolita, vamos para todas as outras: não existe nenhuma que não tenha sua população em grande parte estrangeira. Deixemos as cidades que atraem as multidões com sua posição amena e com suas campinas risonhas; perlustremos os lugares mais desertos, as ilhas mais rochosas, Sciatos, Sérifo, Giaro, Cossura:[10] não encontraremos lugar algum de exílio, onde alguém não more por seu prazer. Onde se poderá encontrar um rochedo mais desguarnecido do que este? ou mais pobre para quem procure riqueza? ou mais selvagem para quem dê atenção aos homens? ou mais horrível pela posição? ou mais inclemente pelo clima? Apesar de tudo, também aqui moram mais estrangeiros do que indígenas. A mudança de lugar não é, pois, tão grave, se esse lugar consegue tirar alguém de sua pátria. E há também quem afirme existir nas almas humanas uma certa inclinação natural a mudar de sede e transferir a sua própria residência; pois que o homem recebeu da natureza um intelecto móvel e inquieto, que nunca pára num lugar, mas

anda de um lado e de outro, levando seus próprios pensamentos para qualquer coisa, ansioso de sossego e ávido de novidade. Isso não pode admirar a quem reflita em sua primeira origem; pois que o homem não é plasmado de pesada matéria terrena, mas deriva do sopro divino: e as coisas celestes estão sempre em movimento; melhor, fogem em veloz corrida. Olha as estrelas, que iluminam o mundo: nenhuma delas fica parada. O Sol anda continuamente e vai de lugar em lugar e, embora rodando com todo o universo, move-se em sentido contrário ao céu e passa por todos os pontos das constelações e nunca pára: seu movimento e seu andar de um lugar a outro são eternos. Todas as coisas rodam e passam: vão de um a outro ponto, como ordena a inexorável lei do mundo; quando terão terminado, durante um determinado período de tempo, sua volta, farão novamente o caminho percorrido. Continuas, agora, a pensar que a alma humana, formada pelas mesmas partículas das quais são constituídos os astros, sofre em viajar e em migrar, quando o próprio Deus simpatiza ou talvez vive justamente pelo seu eterno velocíssimo movimento?

VII — Agora, das estrelas volta-te para as coisas humanas: verás que todos os homens e todos os povos, sem exceção alguma, mudaram suas sedes. Que procuram as cidades gregas nos países dos bárbaros? e as colônias macedônicas no meio dos Indos e dos Persas? Na Scízia e em todas as terras daqueles povos ferozes e indômitos vêem-se cidades gregas fundadas nas costas do Ponto: nem a rigidez do inverno perpétuo, nem a índole dos habitantes, selvagens como seu clima, obstaculizaram os emigrantes. Na Ásia Menor há uma multidão de gregos; Mileto fundou em todo mundo e deu habitantes a setenta e cinco cidades: todo o lado da Itália banhado pelo mar Jônio tornou-se a "Magna Grécia". A Ásia deu origem aos Etruscos, os Tírios (Fenícios) habitam a África, os Cartagineses a Espanha, os Gregos introduziram-se na Gália, os Gauleses na Grécia; os Pirineus não impediram a passagem dos Germanos: a volúvel raça humana espalhou-se por todos os caminhos do mundo, mesmo se desagradáveis e desconhecidos. Levaram consigo os filhos, as esposas e os pais, mesmo se velhos; alguns, após terem sido jogados aqui e acolá, não escolheram eles mesmos o lugar onde parar, mas pelo cansaço pararam no mais próximo; outros conquistaram com as armas o direito de apoderar-se das terras alheias; outros foram engolidos pelo mar, enquanto iam para terras desconhecidas; outros pararam onde a falta do necessário os obrigou a parar. E assim, também são diferentíssimas as causas que os levaram a abandonar a própria e procurar outra pátria: quem, fugindo às armas inimigas, foi expulso de sua terra e levado, despojado de tudo, para terra estrangeira, pela destruição de sua cidade; quem foi expulso pela guerra civil; quem foi mandado embora pela necessidade de diminuir a população demasiadamente abundante; quem foi obrigado a fugir por uma epidemia ou por freqüentes terremotos, ou por qualquer outra causa que tornava o país malsão e inabitável; outros foram seduzidos pela fama de uma região fértil, exageradamente famosa. Quem por uma causa, quem por outra

se afastou de sua casa: isto, porém, mostra claramente que nada ficou nunca no mesmo lugar em que nasceu. Eterno é o mudar do gênero humano; todos os dias alguma coisa muda em tão enorme esfera; põem-se os alicerces de novas cidades, surgem novos nomes de povos, depois que os precedentes se extinguiram ou foram absorvidos por povos mais fortes. Que mais são essas emigrações de povos, senão públicos exílios?

Mas para que levar-te num tão longo discurso? Para que lembrar Antenor que fundou Pádua e Evandro que pôs o reino dos Árcades nas margens do Tibre? E Diômedes e os outros que, vencidos ou vencedores, a Guerra de Tróia dispersou por terras alheias? O Império Romano reconhece como seu fundador um exilado,(11) fugido pela queda de sua cidade, à procura de terras longínquas por medo dos vencedores, trazido à Itália pelo Fado com poucos companheiros sobreviventes. E quantas colônias semeou, mais tarde, por todas as províncias o povo romano! Ele mora onde chegou vitorioso. A essas mudanças de lugar muitos aderiram de boa vontade, e também os velhos, abandonados os próprios altares, seguiam os colonos além-mar. É inútil, por outra, citar mais exemplos: um ainda acrescentarei, que se apresenta espontaneamente ao olhar: também esta ilha amiúde mudou de habitantes. Sem calcular os mais antigos, cujos nomes se perdem na noite dos tempos, os Gregos da Fócida, que agora moram em Marselha, pararam antes nesta ilha; não se sabe exatamente o que os fez fugir depois: se o clima áspero ou a vizinhança da Itália muito poderosa, ou o mar sem portos; não foi certamente a barbaridade dos habitantes, como aparece pelo fato de que pararam no meio de povos gauleses, ferozes e incivis, então, muito mais que todos os outros. Depois passaram por essa ilha os Ligúrios e depois também os Iberos, como se vê pela semelhança dos costumes; têm, de fato, chapéus e calçados semelhantes àqueles dos Cantábrios, e também algumas palavras, pois que a língua deles, devido a suas relações com os Gregos e os Ligúrios, modificou-se profundamente. Foram trazidas ainda duas colônias de cidadãos romanos, uma por Mário e outra por Sila: tantas vezes mudaram os habitantes desse árido e espinhoso rochedo! A custo, enfim, se pode encontrar um recanto habitado ainda pelos indígenas: tudo está misturado e transplantado. A cada um sucedeu um outro; este desejou o que aquele achou aborrecido; esse foi expulso do lugar, de onde antes expulsara os outros. Porque a sorte quis que nada ficasse sempre no mesmo lugar.

VIII — Não considerando os outros inconvenientes conexos com o exílio, contra a mudança de lugar pareceu remédio suficiente a Varrão, o mais douto entre os Romanos, pensar que, por toda parte onde formos, teremos ao nosso redor a mesma natureza; e a Bruto(12) pensar que quem parte pode levar consigo suas virtudes. E se alguém julga ineficaz para consolar o desterrado um só desses dois remédios, deverá reconhecer que juntos são eficazes. De fato, quão pouco é o que perdemos! Mas nos seguem em toda parte as duas coisas mais belas: a natureza comum a todos e a virtude individual. Crê-me, isso foi feito por aquele que deu forma ao universo, seja ele o

Deus Senhor de Tudo, seja a incorpórea razão, artífice das maiores obras, seja o divino espírito difundido com igual intensidade em todas as coisas, máximas e mínimas, seja a sorte e a série imutável das causas ligadas uma à outra: isto, digo eu, foi feito para que não fiquem ao arbítrio alheio senão as coisas de menor valor. O que no homem há de melhor, está além de toda a força humana e não pode ser dado nem tirado. Esse céu, que é a coisa maior e mais bela que a natureza tenha criado, e a alma que o contempla e o admira — e dele é a parte mais nobre — são nossos, sempre, e conosco ficarão enquanto vivermos. Por isso, alegres e de cabeça erguida iremos com passo intrépido onde quer que a sorte nos leve, percorreremos qualquer terra: entre os confins do mundo não há exílio; porque nada daquilo que está dentro dos confins do mundo é estranho ao homem. De qualquer parte o olhar levanta-se igualmente para o céu, a mesma distância separa em qualquer parte as coisas divinas das humanas.

Por isso, enquanto meus olhares não se afastarem do espetáculo que nunca os farta; enquanto me for permitido olhar o Sol e a Lua, fixar os outros planetas, deles observar o nascimento e o ocaso e as distâncias, e indagar as causas que tornam seu curso mais veloz e mais lento, contemplar durante a noite tantas estrelas brilhantes, uma imóvel, outra que se move em curto espaço mas sempre sobre seu caminho, e algumas que aparecem de repente, algumas que espiram centelhas, como se caíssem, tanto que ofuscam a vista, ou fulgidíssimas percorrem voando um grande espaço; enquanto estiver com todas essas coisas e me confundir, tanto quanto é permitido ao homem, com as coisas celestes; enquanto tiver sempre alta a alma, inclinada por sua natureza à contemplação dos astros a ela semelhantes — que importa que solo eu pise?

IX — "Mas esta terra não é rica de árvores frutíferas que alegrem a vista; não é sulcada por rios grandes e navegáveis; nada produz que os outros povos venham procurar, é fértil apenas o suficiente para nutrir os habitantes; nela não se abrem pedreiras de mármores procurados, nela não se escavam minas de ouro ou de prata."

Acanhada é a alma, que as coisas terrenas deleitam; e é preciso arrancá-la dessas e levá-la para as que em toda parte aparecem igualmente e igualmente resplandecem. Devemos refletir que esses bens terrenos são obstáculos aos verdadeiros bens por causa das opiniões falsas e mentirosas: quanto mais compridos pórticos se constroem, quantos mais altas torres se levantam, quanto mais amplos caminhos se abrem, quanto mais profundas se escavam as grutas estivas, quanto mais monumentais se erguem os tetos das salas de jantar, tanto mais todas essas coisas nos esconderão o céu. Embora o acaso te tenha atirado em tal lugar, que a mais luxuosa habitação seja uma choupana, terias na verdade uma alma vil e serias um mesquinho confortador de ti mesmo, se te resignasses a isso só, lembrando a choupana de Rômulo. Deves antes dizer: "Esta humilde choupana hospeda virtudes? E então é mais linda que todos os templos, pois que nela estão a justiça, a moderação, a sabedoria, a piedade, a regra

para justamente cumprir todos os deveres, a ciência das coisas divinas e humanas. Lugar nenhum é angusto, se pode conter tantas e tão grandes virtudes, nenhum exílio é tão grave, se nele podemos ir com aquelas virtudes." Bruto, em seu livro "Das Virtudes", conta ter visto Marcelo[13] desterrado em Mitilenes, e tê-lo encontrado feliz, o quanto pelo menos pode sê-lo um homem, e dedicado aos bons estudos como em nenhum outro período da vida; e diz ainda que por tal motivo teve a sensação, partindo, de ir ele para o exílio, porque voltava sem Marcelo, mais que de deixar Marcelo no exílio. Ó bem-aventurado Marcelo, teu exílio agradou a Bruto mais que teu consulado teria agradado à república! Que homem deve ter sido ele se obteve que um outro se considerasse um desterrado somente porque se afastava dele, exilado! Que homem deve ter sido para ser admirado por outro homem, que foi admirado, ele próprio, por Catão! Conta ainda Bruto que Júlio César, passando por Mitilenes, não parou, porque não podia suportar a cena de um homem reduzido a tão míseras condições. A Júlio César impetrou mais tarde a volta com públicas súplicas o Senado, tão atencioso e meigo, que parecia que todos tivessem naquele dia a alma de Bruto, e que pedissem não para Marcelo mas para si próprios, para não ficarem exilados, como teriam ficado sem ele; mas muito mais glorioso foi para Marcelo o dia em que Bruto não suportou deixá-lo e César vê-lo desterrado, porque teve a sorte de ver o reconhecimento de ambos: Bruto se sentiu magoado de voltar sem Marcelo, César ficou envergonhado.

Não há dúvida que um homem tão forte como Marcelo tenha exortado amiúde a si mesmo a suportar o exílio de bom grado com estas palavras: "Não é uma desventura que tu estejas bem longe da pátria. Apreendeste de teus estudos pelo menos o suficiente para saber que para o sábio todo lugar é pátria. Por outro lado, o homem que te mandou ao exílio, não esteve ele mesmo dez longos anos longe da pátria? Esteve para estender os domínios romanos, todavia esteve longe. E agora chama-o a si a África, que ameaça uma nova guerra, chama-o a Espanha que consolida a sedição desordenada e abatida, chama-o o infiel Egito, chama-o todo o mundo que espera das agitações do império a ocasião para revoltar-se. Aonde correrá antes? Contra que parte se voltará? Sua vitória o arrastará para todas as terras. O vulgo pasmado e reverente olhe para ele; tu vives contente, porque Bruto te admirou!"

X — Portanto Marcelo suportou bem seu exílio, e nada mudou em sua alma a mudança de lugar, embora disso lhe derivasse a pobreza. Mas cada pessoa, que não seja possuída pelo demônio da avareza e do luxo, que confunde a ordem das coisas, sabe que a pobreza não é um mal. Quão pouco chega, de fato, para sustentar um homem! E a quem pode faltar esse pouco, se tem alguma virtude? No que me diz respeito, tenho consciência de ter perdido preocupações não riquezas. As necessidades do corpo são poucas: pode subtrair-se do frio, e tirar-se a fome e a sede; tudo o que se deseja a mais, procura-se para os vícios e não para as necessidades. Não é preciso sondar todo o mar nem encher o ventre com animais ma-

tados nem arrancar as ostras das praias desconhecidas dos mares mais longínquos: que os deuses e as deusas exterminem aqueles, cujo afã de coisas raras passa além dos confins de um império, que suscita tantas invejas! Querem que se apanhe para lá do Fásis[14] alguma raridade para que embeleze seu suntuoso banquete, e não têm vergonha de fazer vir aves desde os Partos, aos quais ainda não fizemos pagar a derrota de Crasso. De toda parte do mundo acolhem alimentos, conhecidos e ignorados, para sua gula enjoada; da extrema parte do oceano são trazidas as iguarias que seu estômago, estragado pelas gulodices, pode aceitar; vomitam para comer, comem para vomitar, e não se dignam digerir nem os petiscos que eles procuram por toda a Terra.

Quem despreza essas coisas, que dano pode receber da pobreza? Além disso, se alguém as deseja, ela lhe será útil. Sara, de fato, sem querer; e se, não forçado, toma um remédio, pelo menos durante o tempo em que não pode querer, é como se não quisesse. Calígula (que a natureza degenerou, penso eu, para mostrar quanto pode o máximo dos vícios no máximo da prosperidade) gastou em um dia só para um almoço dez milhões de sestércios; e, embora ajudado pela fantasia de seus cortesãos, pôde a custo encontrar a maneira de converter o tributo de três províncias em um almoço. Paupérrimos aqueles cujo paladar não se excita senão perante alimentos preciosos: preciosos não por algum excelente sabor ou doçura da gula, mas pela raridade e dificuldade de encontrá-los! Caso contrário, se readquirissem o bom senso, que necesidade haveria de tantas fadigas gastas em servir o ventre, de iguarias de países longínquos, e de despovoar e de sondar os abismos? Espalhados jazem os alimentos, que a natureza pôs por toda parte; mas eles, como cegos, os relaxam e percorrem todas as regiões e atravessam os mares para estimular a grande preço a fome, que com pouco poderiam satisfazer. Teríamos vontade de lhes dizer: "Para que fazeis descer ao mar os navios? para que armais as mãos contra as feras e contra os homens? para que correis aqui e acolá afanosamente? para que acumulais riquezas sobre riquezas? não quereis refletir quão pequenos são vossos corpos? não vos parece uma loucura, até a mais solene das loucuras, desejar muito, quando o vosso corpo pode conter tão pouco? Podereis aumentar vosso patrimônio, levar mais longe os confins do império, não dilatar vossos corpos. Quando vossas compras tenham saído perfeitamente, e vossos soldados vos tenham trazido preciosos manjares, e esses manjares de todas as partes da Terra sejam recolhidos, não tereis onde pôr vossos banquetes. Para que procurais tantas coisas? Na verdade, eram infelizes vossos antepassados (sobre cuja virtude se baseiam ainda hoje vossos vícios) que preparavam a comida com suas próprias mãos, dormiam no chão e tinham casas ainda não resplandecentes de ouro e templos ainda não reluzentes de pedras preciosas; e juravam religiosamente sobre divindades feitas de argila; e aqueles que a essas divindades tinham implorado, embora certos de morrer, para não faltar à fé jurada, voltavam para o inimigo!" E aquele nosso ditador, que ouviu os embaixadores dos Sanitos, enquanto que com a mesma mão, com

a qual muitas vezes abatera o inimigo e pusera a coroa de louro sobre o altar de Júpiter Capitolino, virava no fogo um modesto alimento, vivia talvez menos feliz do que viveu nosso quase contemporâneo Apício, que na cidade, da qual certa vez foi obrigado a partir pelos filósofos, teve escola de gulodice e contaminou seu tempo com sua ciência? Vale a pena saber como acabou: após dissipar cem milhões de sestércios na cozinha, após gastar em cada orgia somas fabulosas iguais a muitas dádivas de príncipes e às rendas dos tributos do Estado, por fim, oprimido pelas dívidas, foi obrigado a examinar suas contas; e, calculando que lhe teriam sobrado dez milhões de sestércios, como se viver com dez milhões de sestércios fosse para ele viver sob a espectro da fome, envenenou-se. Que necessidade louca de luxo havia nesse homem, para o qual ter dez milhões de sestércios era pobreza! E agora pensa, se puderes, que o que importa é a quantidade de dinheiro, não a da alma... Houve quem se afligiu de possuir dez milhões de sestércios e afastou-se, envenenando-se, daquilo que tantos almejam possuir! Para homem tão estulto a última bebida foi salutar: os verdadeiros venenos ele os comia e bebia quando não se deleitava somente, mas se vangloriava de banquetes imensos, ostentava seus vícios, arrastava toda a cidade a imitar suas prodigalidades, e levava a segui-lo por tal caminho a mocidade, que mesmo sem maus exemplos é por natureza mais inclinada para o mal que para o bem. Isso acontece a quem não usa as riquezas conforme o bom senso, que tem regras bem determinadas, mas conforme seus preciosos hábitos, cujo capricho é demasiado grande para ser dominado. Para a cobiça nada chega, para a natureza basta também pouco.

Por isso a pobreza não traz nenhum dano ao desterrado; porque lugar algum de exílio é tão pobre que não seja bastante fértil para alimentar um homem.

XI — "Mas o desterrado sentirá a falta de roupas e de casa." — Mesmo se ele desejar essas coisas somente porque são necessárias, não lhe faltará nem um teto nem um trapo para vestir. Como com pouco se nutre, assim com pouco se veste o corpo humano: a natureza quis que as necessidades, que ela deu ao homem, não fossem difíceis de satisfazer. Mas se desejar vestes de púrpura repleta de suco de muitas conchas, ou tecidas de ouro, ou bordadas com várias cores e pontos, ele é pobre por culpa não da sorte, mas sua. E se a esse homem devolveres tudo o que perdeu, nada obterá mesmo após a restituição, faltar-lhe-á, comparado com aquilo que deseja, mais que quanto falta ao desterrado, comparado com o que possuía. Se deseja vasilhame de ouro e prata ilustrado pela assinatura de antigos artesãos, e bronzes que se tornaram preciosos pela loucura dos amadores, e um exército de escravos, tanto que se torne angusta a casa mais espaçosa, e cavalos ocupados só em comer e engordar, e mármores de todas as regiões; mesmo que todas essas coisas lhe sejam amontoadas na frente, nunca lhe satisfarão a insaciável alma, mais do que qualquer quantidade de água poderia saciar o homem cujo desejo provém não da falta de água, mas do queimar das vísceras ardentes: porque essa não é sede, mas doença. Nem isso acontece só pelo dinheiro ou

pela comida: todos os desejos que nascem não do desejo mas do vício têm a mesma natureza; por muito que se acumule na frente de tais homens, a cobiça desses não terá fim, mas dará mais um passo. Quem, portanto, permanece contente entre os limites marcados pela natureza, não conhece a pobreza: quem sair desses limites é pobre mesmo entre as maiores riquezas. Às necessidades provêm suficientemente também os lugares do exílio; às coisas supérfluas não bastam os reinos.

É a alma que torna ricos os homens: a alma segue-os no exílio; e quando encontra quanto basta para sustentar o corpo, mesmo nas mais ásperas solidões, é rica e goza de seus bens: à alma nada importa o dinheiro, não mais do que importa aos deuses imortais. Todas essas coisas que os tolos, escravos do próprio corpo, olham admirando — mármores, ouros, pratas, grandes mesas redondas e polidas — são pesos terrenos que não podem atrair uma alma pura e que lembra sua natureza, imune de tal vício e pronta para voar ao céu assim que liberta do corpo, e no entanto observa as coisas divinas com pensamento incansável, quanto lho permite o grave e importuno cargo dos membros, que a cercam. Por isso, não pode nem ser mandada ao exílio, pois que é livre, semelhante aos deuses, presente em todo o espaço e contemporânea a todo o tempo: porque seu pensamento vaga em todos os céus e penetra o passado e o futuro. É esse nosso mísero corpo, prisão e corrente da alma, que pode ser jogado em qualquer lugar; sobre ele têm poder os suplícios, os roubos, as doenças: a alma é sagrada e eterna, e ninguém lhe pode fazer violência.

XII — A fim de que tu não creias que para aliviar os aborrecimentos da pobreza (que é grave só para os homens que a crêem tal) eu me sirva unicamente de preceitos dos sábios, observa como são mais numerosos os pobres; nem poderás dizer que eles são mais tristes ou mais preocupados do que os ricos, porque até se diria que são mais felizes quanto menos possuem os objetos que possam magoá-los. Deixemos os pobres e vamos aos ricos: em quantas circunstâncias são eles semelhantes aos pobres? Quando viajam, suas bagagens são só uma parte daquilo que possuem; e, se a viagem impõe pressa, devem privar-se da multidão de acompanhadores. Quando soldados, quanto da própria riqueza levam consigo, visto que a rude vida da milícia impede todo luxo? Os ricos são iguais aos pobres não somente em certas condições de tempo ou por miséria de lugar: quando são tomados pelo tédio das riquezas, escolhem alguns dias em que comem no chão, e deixam seu vasilhame de ouro e de prata, servindo-se de louças de barro. Loucos, temem sempre aquilo que às vezes desejam! Imitam a pobreza para experimentar um prazer; e, contudo, quanta escuridão e quanta ignorância daquilo que ela realmente é ofende seus cérebros!

Quanto a mim, cada vez que volto com o pensamento aos antigos tempos, tenho pudor de procurar confortos à pobreza: pois a corrupção de nosso tempo chegou a tal ponto, que o viático, que se deixa hoje aos desterrados, é maior do que aquilo que era uma vez o patrimônio dos ricos. É sabido que Homero teve um só escravo; Platão,

três; Zenão, de quem teve origem a austera e viril escola estóica, nenhum; e quem poderá dizer que eles tiveram uma vida infeliz, sem arriscar de parecer a todos por essa sua opinião infelicíssimo ele mesmo? Para as exéquias de Menênio Agripa, que foi mediador de paz entre os nobres e a plebe, foi preciso fazer uma coleta. Atílio Régulo, depois de ter dispersado os Cartagineses na África, escreveu ao Senado que seu colono tinha ido embora, abandonado seu campo; e o Senado estabeleceu que o campo fosse cultivado durante a ausência de Atílio Régulo às expensas públicas. Não achas que valeria a pena não ter um criado, para ter como colono o povo romano? As filhas de Cipião receberam um dote do erário, porque o pai não lhes deixara nada; e era lógico, por Hércules, que o povo romano pagasse ao menos um tributo a Cipião, pois exigia um tributo anual de Cartago. Felizes os maridos, para os quais foi sogro o povo romano! Ou crês que aqueles cujos filhos são casados com dançarinas, que têm um milhão de sestércios de dote, sejam mais felizes que Cipião, cujos filhos receberam em dote do Senado, seu tutor, uma pequena moeda? Como pode queixar-se um desterrado de que lhe falte alguma coisa, se para Cipião faltou o dote, para Régulo um colono, para Menênio o enterro, e se para todos aquilo que faltava foi substituído tanto mais honrosamente, justamente porque faltava? Com esses advogados a pobreza não só é defendida, mas pode tornar-se até agradável.

XIII — Poder-se-á responder: "Por que divides artificiosamente todas essas coisas, que são toleráveis quando isoladas e não quando juntas? É tolerável mudar de sede, se mudar somente a sede; é tolerável a pobreza, conquanto não se junte a ela a desonra, que abate todas as almas por si só."

Às pessoas que me queiram assustar, acumulando diante de mim todos os males, é preciso responder assim: se formos suficientemente fortes contra uma só desgraça, o seremos igualmente contra todas. Desde que a virtude robustece a alma, ela é por toda parte invulnerável. Se te livraste da avareza, que é o mais violento flagelo da humanidade, a ambição não retardará teu caminho; se consideras a morte não como uma pena, mas como uma lei da natureza, de modo que a alma fique desembaraçada do medo dela, nenhum outro medo ousará vir aborrecê-la; se estás convencido de que a união dos sexos foi dada ao homem não para o prazer, mas para a continuação da espécie, e não violas essa lei arcana e severíssima, profundamente enraizada em nossas vísceras, estarás imune a qualquer outro desejo do prazer. A razão não vence os vícios um por um, mas os abate todos contemporaneamente: ela vence uma vez por todas. Pode acreditar-se, talvez, que o sábio seja perturbado pela infâmia, ele que reúne tudo em si e está tão afastado das opiniões do vulgo? Mais ainda do que a infâmia é uma morte infamante; contudo Sócrates, com o mesmo rosto, com o qual certa vez, único em Atenas, dominara os trinta tiranos, entrou no cárcere, tornando-o com isso menos infamante; porque o cárcere não é cárcere quando nele está um Sócrates. Quem pode ser tão cego, perante a verdade, a ponto de achar desonrosa para Marcos Catão a dupla recusa de

suas candidaturas à pretoria e ao consulado? Foi antes vergonha para a pretoria e para o consulado, os quais não podiam senão ser honrados por um Catão. Ninguém pode ser desprezado por outrem, se não se desprezou antes a si mesmo. A esse tipo de desonra estão sujeitas as almas covardes e fracas; mas para o homem que se eleva acima e contra os mais cruéis golpes da sorte, e domina os males que oprimem os outros, as desventuras são como uma auréola.

De fato, nós somos tais que nenhuma coisa desperta nossa admiração tanto quanto um homem forte na desventura. Quando, em Atenas, Aristides estava sendo levado ao suplício, quem quer o encontrasse baixava os olhos e gemia, como se tivesse sido condenado não um homem justo, mas a própria justiça; assim mesmo, houve quem lhe cuspisse no rosto. Teria podido sentir indignação, sabendo que ninguém que tivesse a boca pura teria ousado uma tal coisa: ele, ao contrário, limpou o rosto, e sorrindo disse ao magistrado, que o acompanhava: "Avise esse tal que de agora em diante não boceje mais tão indecentemente." E foi esse o melhor modo de se fazer vilania à vilania. Sei que alguns dizem que não há pior coisa que o desprezo e que prefeririam a morte. A esses responderei que amiúde o exílio não produz o desprezo: quando cai um grande (e continua grande mesmo no chão), ele não é desprezado mais do que quanto o sejam as ruínas dos templos, que os devotos adoram igualmente como se estivessem de pé.

XIV — Então, minha querida mamãe, não tens, pelo que me diz respeito, nenhum motivo para te consumir em pranto: resta examinar ainda se podem estimular-te motivos particulares; isto é, se pode magoar-te a idéia de que perdeste uma ajuda e uma defesa, ou a idéia de que não podes suportar minha falta. Para a primeira, bastam poucas palavras, porque conheço tua alma, e sei que ela, em seus entes queridos, não ama senão eles mesmos. Esta idéia se refere às mães, que, com feminina incapacidade de controle, querem controlar os poderes dos filhos; às mães que, como as mulheres não podem exercer os cargos públicos, satisfazem à própria ambição por meio dos filhos, pondo-a a serviço dos outros. Tiveste grande prazer nos bens de teus filhos, muito pouco gozaste dos mesmos, impuseste sempre um limite a nossa generosidade, sem impor limite algum a ti mesma; quando ainda vivo teu pai, aumentaste a riqueza, que já teus filhos possuíam; administraste nossos haveres com o mesmo cuidado como se fossem teus, com o mesmo escrúpulo como se fossem de outrem; não procuraste nenhuma vantagem de nossa influência, como se fosse coisa de outrem, e de nossas honras não te foi dado mais do que o comprazimento e as despesas: nunca teu afeto visou ao útil. Não podes, pois, magoar-te, porque ao filho, que te foi arrancado, faltem as coisas que, quando ele se encontrava no primitivo estado, nunca as achaste necessárias a teu afeto.

XV — Para te dar conforto, devo bater sobre a verdadeira origem de tua grande dor de mãe: "Tenho então que me privar do abraço de meu filho amadíssimo; não posso ter a alegria de vê-lo e de falar-lhe! Onde está aquele em cuja presença a tristeza desaparecia de meu

rosto e no qual derramava qualquer pensamento triste meu? Onde estão os colóquios, que não me saciavam, os estudos dos quais participava com maior interesse do que é de costume entre as mulheres, com maior camaradagem do que é comum ver nas mães? Onde estão os encontros, nos quais, ao ver sua mãe, ele se iluminava de um riso de eterna criança?"

Junta a isso a vista dos lugares, onde gozamos e vivemos juntos, e, necessariamente, a vista de todos os objetos, que te lembram nossa recente vida em comum, estímulo eficacíssimo para azedar a dor: pois a sorte quis completar sua cruel maquinação contra ti, fazendo com que te afastasses, tranqüila e sem nem a suspeita de um semelhante acontecimento, apenas dois dias antes de me golpear. Fora um bem a distância, que nos tivera afastado um do outro; fora um bem nossa separação de alguns anos, para preparar-te a essa desgraça: voltaste, ao contrário, não para ter a alegria de ver teu filho, mas para perder o costume de estar longe dele. Se tivesses partido muito tempo antes, terias suportado com maior coragem o golpe, pois a longa separação teria atenuado a saudade; se não te tivesses afastado novamente, terias tido pelo menos o extremo prazer de ver teu filho dois dias mais. Ao contrário, a sorte cruel dispôs as coisas de modo que nem estivesses a meu lado na desgraça, nem estivesses habituada à ausência. Mas, quanto mais graves são essas dores, tanto mais deves chamar em socorro todas as tuas forças, e enfrentar, por assim dizer, com maior ímpeto, esse inimigo, que conheces e que amiúde derrotaste. O sangue, que agora derramas, não brota de meu corpo invulnerado: a nova ferida te alcançou através das cicatrizes precedentes.

XVI — Não é razoável que te desculpes, dizendo que és mulher, porque às mulheres é concedido o direito de chorar em demasia, mas não sem um limite. Nossos antepassados estabeleceram onze meses de luto para as mulheres que choravam o marido: por meio desse decreto público vinham a uma transação com a pertinácia da aflição feminina. Não proibiam o luto, mas lhe impunham um termo; afligir-se sem medida, mesmo quando se perde alguém dos entes mais queridos, é um gosto tolo, e não afligir-se em absoluto é dureza desumana: entre o sentimento e a razão o meio-termo ideal é sentir a dor da perda e reprimi-la. Não é razoável que penses em certas mulheres a cuja dor só a morte põe fim (e tu conheces algumas que, pondo o luto pela morte de um filho, nunca mais o tiraram).

De ti, ao contrário, pela energia que tua vida exigiu desde o começo, temos o direito de esperar mais: não pode assumir como desculpa o ser mulher quem sempre foi imune aos defeitos das mulheres. Não te arrastou no número das demais o pior vício de nosso tempo, a falta de pudor; não te dobraram nem as jóias nem as pérolas; a riqueza nunca conseguiu brilhar a teus olhos como o máximo bem do gênero humano; a imitação dos piores, que é perigosa mesmo para os honestos, não afastou do caminho certo a ti, que foste criada numa casa antiga e austera; nunca te envergonhaste de tua fecundidade como se fosse coisa repreensível no teu tempo; nunca escondeste,

como se fosse um peso vulgar, teu ventre prenhe, como fazem as outras, que se dedicam somente à beleza; nunca suprimiste no seio os filhos concebidos; não manchaste teu rosto de cosméticos; nunca te agradaram os vestidos com os quais, quem os veste, está mais nua do que se estivesse nua: único enfeite, beleza superior a qualquer outra e não vinculada a idade alguma, máximo orgulho foi para tí sempre a pudicícia.

Não podemos, pois, para legitimar tua dor, servirmonos do pretexto de teu sexo, do qual tuas virtudes te afastaram: deves manter-te tão longe dos prantos femininos quanto te mantiveste dos defeitos. Nem as mulheres te deixarão consumir sobre tua ferida, se querem tomar como exemplo aquelas cuja admirada virtude pôs entre o número dos grandes. A sorte reduziu a dois os doze filhos de Cornélia: dez mortos (se repararmos no número) e Gracos (se quisermos fazer a estimação da perda). Contudo, às pessoas que ao redor dela choravam e imprecavam contra seu destino, impôs não acusar a sorte, que lhe dera por filhos os Gracos. De uma tal mulher é justo que nascesse aquele que na assembléia ousou dizer: "Tu ousas dizer mal de minha mãe, que gerou a mim?" Mas muito mais corajosas me parecem as palavras da mãe: porque o filho mostrou ser orgulhoso de sua estirpe, a mãe mostrou ser orgulhosa também da morte dos filhos. Rutila seguiu no exílio o filho Cota, e o afeto prendeu-a de modo que preferiu enfrentar o exílio a enfrentar a dor de estar longe; e não voltou para a pátria senão quando voltou o filho. Com a mesma coragem, com a qual o seguira, perdeu-o mais tarde, quando tinha voltado e já se sentia posto em evidência na vida pública; e ninguém a viu chorar depois que o levaram embora. No exílio mostrou sua força de alma, na morte sua sensatez, porque nada conseguiu amedrontar seu amor materno, e nada a fez insistir numa aflição inútil e tola. Quero que tu estejas no número dessas mulheres, e que sigas, em dominar e comprimir teu desgosto, o magnânimo exemplo dessas como sempre dessas imitaste a vida.

XVII — Compreendo que isso não está em nosso poder, nem podemos dominar nossas comoções: especialmente as comoções que se originam da dor e são indomáveis e rebeldes a qualquer tratamento. Queremos sepultá-las e sufocar os gemidos: ao contrário, as lágrimas escorrem pelo rosto fingidamente calmo; queremos ocupar a mente nos jogos e nos espetáculos dos gladiadores: ao contrário, mesmo no meio dos espetáculos, que nos deveriam distrair, basta a sombra da saudade para reviver a paixão. É melhor, pois, vencê-la do que enganá-la; porque das distrações, dos prazeres e dos negócios ressurge, e toma vigor do descanso para tornar-se cada vez mais áspera; ao contrário, se ceder à razão, acalma-se para sempre. Por isso, não te recomendarei, como sei que muitos fazem, que faças uma viagem longa que te ocupe, ou agradável que te divirta, nem que ocupes teu tempo revendo diligentemente as contas e administrando o patrimônio; nem que te ocupes sempre com algum novo trabalho. Todas essas coisas são úteis para a dor; e não quero que ela seja enganada, mas que acabe.

Por isso te incito a procurar refúgio onde todos os que

procuram conforto para suas mágoas deviam refugiar-se: nos estudos liberais. Eles saberão sarar tua ferida, arrancando de ti toda queixa. Tu agora os deverias cultivar mesmo se nunca tivesses tido familiaridade com eles; mas tu, por quanto te permitiu a austeridade de velho tipo de meu pai, abordaste todas as boas artes, embora sem aprofundar seu estudo. Oh! se meu pai, que era o melhor dos homens, mas estava demasiadamente preso aos costumes dos antepassados, tivesse desejado que tu fosses ensinada ao invés de informada somente dos preceitos da sabedoria! Agora, contra os golpes da sorte, precisarias não procurar auxílios, mas servir-te dos que tiveste. Mas meu pai não quis que tu seguisses tua inclinação para esses estudos por causa das mulheres que se servem da cultura não para tirar regras de sabedoria, e sim para enfeitar-se com ela como com custosa jóia. Todavia, graças a tua pronta inteligência, assimilaste mais que quanto pudesse fazer supor o tempo dedicado à cultura: lançaste os alicerces de toda disciplina. Volta para ela, agora: ela te protegerá. Ela te consolará, te deleitará; se entrar em tua alma, acolhida com sincera fé, nela não entrará mais a dor, nem as preocupações, nem o inútil tormento de uma vã aflição: para nenhum desses males estará aberto teu peito, que para as outras fraquezas está, há tempo, fechado. Ela é realmente o mais seguro castelo, e só ela te poderá arrancar do arbítrio da sorte.

XVIII — Mas, visto que, enquanto não entrares no porto que os estudos te prometem, precisas de algum amparo onde apoiar-te, quero mostrar-te de que alívios podes dispor. Dirige teu olhar para meus írmãos: se eles estão salvos, não é justo que tu acuses a sorte. Em um ou outro tens razões de alegria diferente: um com sua atividade alcançou as mais altas honras, outro sabiamente delas se manteve afastado. Vive tranqüila na dignidade do primeiro, na paz do segundo, no afeto de ambos. Conheço os sentimentos profundos de meus irmãos: o primeiro ama as honras só para que te ornem, o outro fechou-se numa vida pacífica e calma só para se dedicar a ti. A sorte situou teus filhos da melhor maneira, para que te dêem auxílio e deleite: podes ser defendida pela autoridade de um, gozar do ócio do outro. Disputarão entre eles as atenções para contigo, e a saudade de um será compensada pelo afeto de dois filhos: poderás até afirmar sem mais que não te falta senão o número.

Desses dirige o olhar a teus netos; ao gracioso menino que é Marcos,[15] diante do qual nenhum aborrecimento pode durar, nenhuma dor, por grande e recente que seja, pode arder no peito de ninguém: o menino vivaz tudo alivia! Que lágrimas não enxugaria seu riso? Que rugas de dor não estenderiam suas carícias? Quem não seria convidado a brincar pela sua alegria? Quem não se sentiria atraído e afastado de seus pensamentos, embora profundos, por aquele seu chilrar, do qual nunca nos cansaríamos? Queiram os deuses conceder-nos que ele sobreviva a nós! Sobre mim pare cansada toda a crueldade da sorte; todas as dores de sua mãe, todas as dores de sua avó se transfiram para mim: os outros gozem sempre de seu estado atual. Nenhuma queixa farei sobre meu luto e sobre minha condição, conquanto tenha sido eu o bode expia-

tório da família, de modo que a ela não chegue nenhuma outra desgraça. Pegue no colo Novatila,[16] que logo te dará bisnetos, e cujo afeto eu cultivava tanto, e que considerava tão minha que agora, por me ter perdido, se pode chamar órfã, embora o pai esteja ainda vivo: ama-a também por mim. A sorte lhe arrancou a mãe, há pouco tempo: teu afeto pode fazer com que ela se magoe pela perda, mas não sinta a falta da mamãe. Agora é o momento de regularizar seus costumes, de formar seu caráter: mais profundamente descem os preceitos que se imprimem nas almas de tenra idade. Acostume-se a falar contigo, cresça como tu a queres: dar-lhe-ás muito, mesmo que só lhe dês o exemplo. Este sagrado dever será para ti como um remédio, porque nada mais que a razão ou uma sábia ocupação pode tirar da dor uma alma que se aflige por uma pessoa querida.

Contaria entre os maiores alívios teu pai, se não estivesse longe de ti. Todavia, pelos sentimentos que nutres para com ele, pensa quais sejam os seus para contigo: compreenderás quanto é mais justo que tu te conserves para eles antes que estar fixa sobre mim. Cada vez que te invadir a violência sem limite da dor e ela te quiser arrastar consigo, pensa em teu pai. Tu, dando-lhe tantos netos e bisnetos, não te podes considerar filha única; todavia, depende de ti que esse último período de sua vida seja sereno como foi feliz a vida passada. Enquanto ele viver, não é justo que tu te queixes de viver.

XIX — Ainda não falei de teu maior conforto, de tua irmã,[17] daquele coração a ti mais que fiel, no qual passam indivisivelmente todas as tuas mágoas, daquela alma maternal para nós todos. Com ela tu confundiste tuas lágrimas, em seu seio retomaste vida. Ela é sempre o eco fiel de teus sentimentos: só pelo que me diz respeito, sua dor não é causada somente por tua dor. Suas mãos me levaram a Roma; seus cuidados afetuosos e maternais me restabeleceram após longa doença; para ser útil à minha questura, ela, que antes não teria ousado nem falar nem responder em voz alta aos cumprimentos, aumentou suas relações, e por mim, pelo afeto que me dedicava, venceu a verecúndia. Sua vida retirada, sua humildade no meio de tanta insolência de outras mulheres, sua calma, seus costumes modestos e amantes da paz familiar, não impediram que se tornasse por mim até ambiciosa.

Esse é o alívio, minha querida mãe, pelo qual serás acalmada: fica perto da irmã o mais que puderes, liga-te a ela com apertados abraços. Quem está aflito, procura fugir àquilo que sobretudo ama e procura liberdade para sua dor; tu, ao contrário, com qualquer pensamento, aproxima-te dela: seja que tu queiras continuar a ficar neste estado, seja que queiras afastar-te deste estado, tua dor encontrará em tua irmã ou um termo ou uma companhia. Mas, se não me engano, quanto à experiência dessa tão perfeita mulher, ela não permitirá que te consumas numa estéril tristeza, e te porá diante seu exemplo, do qual fui também eu espectador. Ela perdera o esposo querido, nosso tio (com o qual casara ainda jovem), mesmo durante a viagem por mar; contudo, suportou ao mesmo tempo a dor e o medo, e, vencendo a tempestade, náufraga trouxe em salvo o cadáver do marido. Quantos

admiráveis feitos de muitas mulheres jazem sepultados no esquecimento! Se a ela fosse dado por sorte viver nos tempos antigos, tão simples em sua admiração pelas virtudes, quantos escritores, disputando entre si, celebrariam essa esposa que, esquecendo ser uma fraca mulher, esquecendo o mar, terrível mesmo para os corações mais fortes, expôs ao perigo sua própria vida para sepultar o cadáver, e não temeu seu perigo, porque pensava no enterro do esposo. É celebrada pelos carmes a mulher[18] que se ofereceu em substituição do marido; mas é até mais querer dar-lhe sepultura com o perigo da vida, porque maior é o amor que enfrenta um perigo igual para uma vantagem menor. Depois disso, ninguém se admire de que ela não tenha sido vista em público por dezesseis anos, durante os quais o marido governou o Egito, e que não admitiu em casa nenhum habitante da província, e que nada pediu ao marido, e que nunca permitiu a ninguém que lhe pedisse alguma coisa. Por isso, aquela província mexeriqueira e hábil em dizer mal dos prefeitos, onde também os que eram isentos de culpa foram atingidos pela maledicência, a admirou como exemplo único de santidade, e, coisa dificílima para quem ama as indiretas mesmo se perigosas, conteve a seu respeito toda liberdade de palavra, e hoje, sem esperança, deseja uma prefeita a ela semelhante. Teria sido muito se aquela província durante dezesseis anos a tivesse louvado; e até mais que a tenha ignorado. Lembro esses fatos não para dizer seus louvores, que um aceno tão breve diminui, mas para que tu entendas a magnanimidade dessa mulher, que não foi vencida pela ambição e pela avareza, companheiras e peste de toda potência, e que o medo da morte, quando o navio já quebrado lhe mostrava iminente o naufrágio, não assustou a ponto de fazer com que desistisse, presa ao marido morto, de procurar não uma salvação para ela, mas o modo de levar em salvo o cadáver para sepultá-lo. Tu deves mostrar-te igual a ela em força da alma, e retomar coragem, e comportar-te de maneira que ninguém possa pensar que te arrependes de ter tido a mim como filho.

XX — Mas, visto que, não obstante tudo, teu pensamento amiúde correrá a mim, e nenhum de teus filhos neste período será lembrado mais freqüentemente do que eu (não porque eles te sejam menos queridos, mas porque é natural que a mão se pouse mais sobre a parte que dói), eis como deves pensar-me: alegre e ativo, como se é quando tudo vai bem. De fato, tudo vai bem, pois que a alma, livre de qualquer estorvo, pode atender às ocupações próprias dela, e agora compraz-se em estudos menos severos, agora ávida de verdade eleva-se a considerar sua natureza e a do universo. Procura antes as terras e suas posições; depois as leis do mar que as circunda, e o alternar-se da baixa e da alta maré; depois estuda o espaço medonho que liga a Terra ao Céu e que está cheio do tumulto dos trovões e dos raios, dos sopros dos ventos e da chuva, da neve e da saraiva; enfim, exploradas as zonas mais baixas, irrompe até a sumidade do céu, e goza do espetáculo maravilhoso das coisas divinas e, lembrando sua eternidade, transcorre através de todos os tempos, durante todo o passado e todo o futuro.

DA TRANQÜILIDADE DA ALMA

"AD SERENUM DE TRANQUILLITATE ANIMI"

SERENO A SÊNECA([19])

I — Observando-me atentamente, descobri em mim, ó Sêneca, certos defeitos tão visíveis que eu os poderia tocar com o dedo; outros que se dissimulam nas regiões mais profundas; outros enfim que não são contínuos, mas que reaparecem somente a intervalos. Eu não hesito em dizer que estes últimos são os mais desagradáveis de todos. Eles lembram aqueles inimigos que nos rodeiam para nos assaltar no momento propício e com os quais não se sabe nunca se se deve estar em pé de guerra, ou se se pode contar em um período de paz.

No entanto, a disposição na qual eu me surpreendo o mais freqüentemente (pois, por que não me confessarei a ti, como a um médico?), é de não estar nem francamente liberto de minhas crenças e repugnâncias de outrora, nem novamente sob seu domínio. Se o estado no qual estou não é o pior que possa existir, é em todo caso o mais lamentável e o mais bizarro: não estou nem doente nem são.

Não me digas que todas as virtudes são fracas nos seus inícios e que com o tempo elas tomam consciência e força. Também não ignoro que todos os benefícios que visam ao exterior, como o brilho de uma dignidade, a glória da eloqüência e todos aqueles que dependem do favor público, têm necessidade de duração para crescerem: as virtudes precisam de tempo para amadurecerem, e as qualidades que nos permitem seduzir graças a um simples verniz, esperam que o correr dos anos lhes acentue gradualmente as cores. Mas temo que o hábito que fortalece todas as coisas possa consolidar em mim esta fraqueza: tanto no mal como no bem, um contato prolongado nos faz tomar o gosto.

Em que consiste esta enfermidade de uma alma irresoluta, que não se inclina deliberadamente nem à virtude nem ao vício? Eu não saberei dizê-lo numa palavra, mas posso explicá-lo pormenorizadamente. Indicar-te-ei o que sinto: tu acharás o nome da doença.

Tenho um profundo amor à simplicidade, eu o confesso: o que amo não é nenhum leito faustosamente preparado, não são de modo algum roupas que se tiram do fundo de um baú, que se torturam debaixo de pesos e de inúmeros parafusos, para obrigá-las a ficarem com lustro,([20]) mas um costume simples e grosseiro que se conserva sem cuidado e que se usa sem escrúpulo.

O que eu amo não é uma alimentação que muitos escravos preparam e olham comer, que se encomenda não sei quantos dias antes e que é apresentada por não sei quantos braços: são pratos fáceis de achar e de preparar, que não têm nada de requintado, nem de raro; relativa-

mente aos quais se tem certeza de que não faltarão em nenhuma parte, que não pesam nem à bolsa nem ao estômago e que não tornam a sair de nenhum modo, por onde eles entrarem.(21)

O que eu amo é um servo simplesmente vestido, um pequeno escravo desajeitado, é a maciça baixela de meu pai, homem rústico, cuja argentaria não trazia nem gravações, nem mesmo o nome do artífice; é uma mesa que não deslumbra pelas suas cores marmôreas e que não seja conhecida de toda a cidade por ter pertencido sucessivamente a toda uma série de amadores, mas que seja de uso cômodo e diante da qual não se vejam os olhos dos convivas nem arregalarem de prazer nem de ciúmes.

E quando estou bem acostumado a esta maneira de viver, eis que me deixo fascinar pela pompa de algum *paedagogium,*(22) pelo espetáculo de escravos mais cuidadosamente vestidos e guarnecidos de ouro que para um desfile público, e de um batalhão de criados resplandecentes. Igualmente me fascina uma casa onde tudo, até o solo que se pisa, é precioso, onde a riqueza é tão pródiga nos menores recantos, que mesmo os tetos reluzem, e onde uma multidão de cortesãos se oprime ao redor das fortunas que se desperdiçam. E que dizer daquelas águas límpidas e transparentes, que correm ao redor das salas de festa; e das próprias festas dignas de sua decoração?

Posso dizer que o luxo, ao sair de uma longa e ingrata temperança, me envolve de repente com seu brilho e me rodeia com seu tumulto, e sinto meus olhares vacilarem: eu o suporto menos facilmente à vista do que no pensamento; e retorno de lá não corrompido mas desencorajado: não mais sustento a cabeça alta no meio de meus pobres móveis, sinto pungir-me uma dor secreta e me ponho a duvidar sobre se todas aquelas suntuosidades não valem que as prefiramos. Nada há em tudo isto que mude meus sentimentos, mas não deixa de haver algo suscetível de abalá-los.

Resolvi seguir a varonil energia de nossos preceitos e introduzir-me na vida pública. Agradam-me as dignidades e os fasces: não certamente que a púrpura ou as varas do litor me seduzam, mas para estar na possibilidade de melhor servir meus amigos e meus próximos e todos os meus concidadãos e finalmente a humanidade inteira; com um ardor de noviço, inclino-me a seguir Zenão, Crisipo e Cleantes,(23) nenhum dos quais, para falar a verdade, tomou parte nos negócios públicos, mas dos quais muitos se tornaram discípulos.

Minha alma, que não está habituada a choques, padece com a menor humilhação; ao sofrer alguma injúria (como é comum encontrar em toda a existência humana) ou alguma contrariedade, bagatelas, que me têm tomado mais tempo do que elas valem a pena, volto-me à ociosidade e, como os animais por mais cansados que estejam, acelero o passo ao retornar ao lar.

Decido então encerrar-me em casa: que ninguém me roube um dia, pois jamais ele me indenizaria de uma tal perda; que minha alma não se incline a não ser para si mesma, que não sonhe a não ser com ela; que não se ocupe de nada que a distraia, de nada que a submeta ao

julgamento de outrem. Apreciemos uma tranqüilidade que seja estranha a todas as preocupações públicas ou particulares.

Mas desde que uma nobre leitura me exaltou o espírito e que grandes exemplos me estimularam, não peço mais nada que saltar no fórum para emprestar a um o apoio de minha palavra, a outro o de uma atividade que poderá não servir para nada, mas que se esforçará ao menos por ser útil para abater em pleno fórum o orgulho de alguns audaciosos, que o sucesso torna insolentes.

Em literatura, por Hércules, estou bem advertido de que não se deve ter em vista senão as idéias e não se deve falar a não ser para exprimi-las: é preciso subordinar a forma ao pensamento, de maneira que este, qualquer caminho que ele tome, veja as palavras seguirem sem esforço. Para que serve compor obras eternas? Por que querer que a posteridade pronuncie teu nome? Tu nasceste para morrer: existe menos pretensão em se fazer ocultar em silêncio.(24) Escreve, pois, para ocupar teu tempo, escreve para ter proveito e não para tua glorificação, num estilo desprovido de brilho: inútil esforçar-se mais que de ordinário, quando se trabalha para viver.

Sim, mas desde que meu espírito se eleva para concepções um pouco generosas, eis que ele apura seu estilo e aspira dar à forma tanto de elevação quanto ao sentimento, e minha linguagem tenta igualar a nobreza de meu pensamento. Esquecendo então meus princípios e os conselhos de um gosto mais sóbrio, lanço-me numa sublimidade de estilo e não sou mais eu que falo pela minha boca.

Para abreviar esta enumeração, eu torno a encontrar sempre em mim esta fraqueza de uma alma cheia de boas intenções, e temo cair nela ou, o que seria mais angustioso, ficar perpetuamente suspenso à beira deste abismo; e me pergunto se meu caso não seria por acaso mais grave do que ele me parece: pois temos os olhos indulgentes quando se trata de nossa pessoa e o amor-próprio obscurece sempre nossos julgamentos.

Creio que há muitos homens que poderiam ter-se elevado à sabedoria se não se tivessem julgado filhos da fortuna, se não tivessem fingido ignorar algumas de suas imperfeições e não tivessem tido os olhos fechados diante dos outros; pois não se deve imaginar que nossa própria adulação nos seja menos funesta que a de outrem. Quem ousa dizer a si mesmo a verdade? Qual é o homem que, no meio de uma multidão de cortesãos que o adulam, não exagera ainda mais as lisonjas que lhe dirigem?

Assim, pois, eu te suplico, se conheces um remédio capaz de deter as indecisões que me agitam, não me julgues indigno de te dever a tranqüilidade. Sei que esta inconstância da alma não tem nada de muito perigoso e que ela não acarreta nenhuma perturbação profunda; e para empregar uma comparação que te faça compreender do que me queixo: a tempestade não mais me agita, mas não sinto menos enjôo. Liberta-me pois deste mal e vem em auxílio de um desventurado que ainda sofre à vista da terra.

SÊNECA A SERENO

II — Eis que faz muito tempo, por Hércules, que eu me pergunto a mim mesmo sem nada dizer, ó Sereno, com o que poderia comparar uma semelhante disposição de espírito; e o que me parecia assemelhar-lhe mais é o estado daquelas pessoas que convalescem de uma longa e grave enfermidade e sentem ainda de tempos em tempos alguns calafrios e leves indisposições; e que uma vez livres dos últimos traços de seu mal, continuam a se inquietar com perturbações imaginárias, a se fazer, ainda que restabelecidas, tomar o pulso pelo médico e consideram como febre a menor impressão de calor. Sua saúde, ó Sereno, não deixa nada mais a desejar, mas aquelas pessoas não estão habituadas novamente à saúde: assim, ainda se vê estremecer e agitàr-se a superfície de um mar calmo, quando a tempestade acabou de se aplacar.

Assim também os procedimentos enérgicos nos quais encontramos auxílio anteriormente não são mais próprios: tu não precisas mais nem lutar contra ti nem te censurar nem te atormentar. Estamos na etapa final: tem fé em ti mesmo e convence-te de que segues o bom caminho, sem te deixares desviar pelas inúmeras pegadas dos viajantes extraviados à direita ou à esquerda e dos quais alguns se desgarram nas proximidades da estrada.

O objeto de tuas aspirações é, aliás, uma grande e nobre coisa, e bem próxima de ser divina, pois que é a ausência da inquietação. Os gregos chamam este equilíbrio da alma de *euthymia* e existe sobre este assunto uma muito bela obra de Demócrito. Eu o chamo "tranqüilidade", pois é inútil pedir palavras emprestadas para nosso vocabulário e imitar a forma destas mesmas: é a idéia que se deve exprimir, por meio de um termo que tenha a significação da palavra grega, sem no entanto reproduzir a forma.

Vamos, pois, procurar como é possível à alma caminhar numa conduta sempre igual e firme, sorrindo para si mesma e comprazendo-se com seu próprio espetáculo e prolongando indefinidamente esta agradável sensação, sem se afastar jamais de sua calma, sem se exaltar, nem se deprimir. Isto será tranqüilidade. Procuremos, de um modo geral, como se pode alcançá-la: tu tomarás, como entenderes, tua parte do remédio universal.

Mas ponhamos desde logo o mal em evidência, em toda a sua diversidade: cada qual nele reconhecerá o que lhe diz respeito pessoalmente. Ao mesmo tempo, dar-te-ás conta de quanto tens menos a sofrer deste descontentamento de ti, do que aqueles que, estando ligados por uma profissão de fé faustosa e ornando com um nome pomposo a miséria que os consome, teimam no papel que es-

colheram, menos por convicção que por questão de honra.

Para todos os doentes o caso é o mesmo: tanto tratando-se daqueles que se atormentam por uma inconstância de humor, seus desgostos, sua perpétua versatilidade e sempre amam somente aquilo que abandonaram, como aqueles que só sabem suspirar e bocejar. Acrescenta-lhes aqueles que se viram e reviram como as pessoas que não conseguem dormir, e experimentam sucessivamente todas as posições até que a fadiga as faça encontrar o repouso: depois de ter modificado cem vezes o plano de sua existência, eles acabam por ficar na posição onde os surpreende não a impaciência da variação, mas a velhice, cuja indolência rejeita as inovações. Ajunta ainda aqueles que não mudam nunca, não por obstinação, mas por preguiça, e que vivem não como desejam, mas como sempre viveram.

Há enfim inúmeras variedades do mal, mas todas conduzem ao mesmo resultado: o descontentamento de si mesmo. Mal-estar que tem por origem uma falta de equilíbrio da alma e das aspirações tímidas ou infelizes, que não se atrevem a tanto quanto desejam, ou que se tenta em vão realizar e pelas quais nos cansamos de esperar. É uma inconstância, uma agitação perpétua, inevitável, que nasce dos caracteres irresolutos. Eles procuram por todos os meios atingir o objeto de seus votos: preparam-se e constrangem-se a práticas indignas e penosas. E quando seu esforço não é recompensado, sofrem não de ter querido o mal, mas de o ter querido sem sucesso.

Desde então, ei-los presos, ao mesmo tempo, do arrependimento de sua conduta passada e do temor de nela recair, e pouco a pouco se entregam à agitação estéril de uma alma que não encontra para suas dificuldades nenhuma saída, porque ela não é capaz nem de mandar nem de obedecer suas paixões; entregam-se à aflição de uma vida que não chega a ter expansão, e enfim a esta indiferença de uma alma paralisada no meio da ruína de seus desejos.

Tudo isto se agrava quando, superada uma tão odiosa angústia, nos refugiamos no ócio e nos estudos solitários, nos quais não se saberá resignar uma alma apaixonada da vida pública, impaciente de atividade, dotada de uma necessidade natural de movimento e que não encontra em si mesma quase nenhum consolo. De sorte que uma vez atraídos pelas distrações que as pessoas atarefadas devem mesmo às suas ocupações, não mais suportamos nossa casa, nosso isolamento e as paredes de nosso quarto; e nos vemos com amargura abandonados a nós mesmos.

Daí este aborrecimento, este desgosto de si, este redemoinho de uma alma que não se fixa em nada, esta sombria impaciência que nos causa nossa própria inércia, principalmente quando coramos ao confessar as razões e o respeito humano recalca em nós nossa angústia: estreitamente encerradas numa prisão sem saída, nossas paixões aí se asfixiam. Daí a melancolia, a languidez e as mil hesitações de uma alma indecisa, que a semi-realização de suas esperanças prolonga na ansiedade e seu malogro

na desolação; daí esta disposição para amaldiçoar seu próprio repouso, para lamentar-se por não ter nada a fazer e para invejar furiosamente todos os sucessos do próximo (pois nada alimenta a inveja como a preguiça desgraçada, e se desejaria ver todo o mundo malograr, porque não se soube obter êxito).

Depois deste despeito pelos sucessos dos outros e deste desespero de não ser bem-sucedido, começa o homem a se irritar contra a sorte, a se queixar do século, a se recolher cada vez mais em seu canto e aí se abriga sua dor no desânimo e no aborrecimento. A alma humana é, com efeito, por instinto ativa e inclinada ao movimento. Toda ocasião para se despertar e para se afastar de si lhe é agradável, mais particularmente entre as naturezas deterioradas, que pretendem a colisão das ocupações. Certas úlceras provocam a mão que as irritará e se fazem raspar com prazer: o sarnento deseja o que irrita sua sarna. Pode-se dizer o mesmo destas almas, em que as paixões brotam como as úlceras malignas e que consideram um prazer atormentar-se e sofrer.

Não existem igualmente prazeres corporais que se reforçam com uma sensação dolorosa, como quando uma pessoa se vira sobre o lado que ainda não está fatigado e se agita sem cessar procurando uma posição melhor? Semelhante a Aquiles, de Homero,[25] deitando-se ora de bruços ora de costas e experimentando sucessivamente todas as posições possíveis. E não é isso o natural da doença, nada suportar por muito tempo e tomar a mudança por um remédio?

Daí aquelas viagens que se empreendem sem nenhum intuito, aquelas voltas a esmo ao longo das costas, e esta inconstância sempre inimiga da situação presente, que alternativamente experimenta o mar e a terra: "Depressa, vamos à Calábria." Logo se está cansado das doçuras da civilização. "Visitemos as regiões selvagens, exploremos o Brútio (Calábria) e as florestas da Lucânia." Todavia, nestas solidões, suspira-se por qualquer coisa que dê descanso aos olhos fatigados pelo rude aspecto de tantos lugares áridos. "A caminho de Táranto, com seu porto e seu inverno tão doce e para esta opulenta região que seria capaz de sustentar sua população de outrora![26] Mas não, retornemos a Roma: faz muito tempo que meus ouvidos estão privados dos aplausos e do barulho do circo e tenho desejo de agora ver correr sangue humano."

Assim como as viagens se sucedem, um espetáculo substitui o outro, e como diz Lucrécio: "Assim cada um foge sempre de si mesmo."[27] Mas para que fugir, se não nos podemos evitar? Seguimo-nos sempre, sem nos desembaraçarmos desta intolerável companhia. Assim, convençamo-nos bem de que o mal do qual sofremos não vem dos lugares, mas de nós mesmos, que não temos força para nada suportar: trabalho, prazer, nós mesmos; qualquer coisa do mundo nos parece uma carga. Isto conduziu muitas pessoas ao suicídio: porque suas perpétuas variações as faziam dar voltas, indefinidamente, no mesmo círculo, e elas consideravam impossível toda novidade. Assim tomaram desgosto pela vida e pelo mundo e sentiram aumentar em si o clamor furioso dos corações: "Mas como, sempre a mesma coisa?"

III — "Queres saber o que aconselho contra esta melancolia? O melhor seria, na opinião de Atenodoro,[28], obrigar-se à atividade, tomando parte nos negócios públicos e procurando para si obrigações sociais. Com efeito, vêem-se homens que passam seus dias a expor o corpo à ação do sol, a excitá-lo e a cuidá-lo: os atletas não podem fazer nada de mais útil do que exercitar desde manhã até de noite seu vigor físico e seus músculos, aos quais consagram sua existência. Da mesma maneira, para nós que preparamos nossas almas para as lutas da vida civil, o mais belo emprego que podemos fazer de nosso tempo é consagrá-lo inteiramente à tarefa que escolhemos; pois, desde que uma pessoa tem vontade de se tornar útil a seus concidadãos e à humanidade, o meio de nisto se exercitar e aperfeiçoar ao mesmo tempo é lançar-se imediatamente em plena ação e administrar segundo suas aptidões os interesses públicos e particulares.

"Mas, acrescenta ele, como no louco combate das ambições, no meio de tão maus espíritos que caluniam nossas melhores intenções, a retidão não está nada segura, pois deverá encontrar mais dissabores que satisfações, nosso dever é renunciar ao fórum e à vida pública. Mas uma alma elevada encontra mesmo na vida particular abundantes ocasiões para desenvolver seu zelo, e se a fúria do leão e dos outros animais diminui quando são colocados na jaula, não é da mesma maneira com o ardor dos homens, cujas grandes ações se tornam maiores quando realizadas em segredo.

"Será necessário, todavia, ao se esconder uma pessoa, em qualquer lugar onde se abrigue seu ócio, procurar tornar-se útil aos indivíduos e à sociedade, pela sua inteligência, sua palavra e seus conselhos. Pois não se é unicamente útil à república, lançando candidatos, defendendo acusados, opinando sobre a guerra e a paz; exortar a juventude e, num tempo tão pobre de mestres de moral, inspirar aos corações a virtude, empolgar, deter os extraviados que se lançam ao dinheiro e ao vício e, na falta de melhor, retardar ao menos sua queda: é trabalhar, no domínio particular, pelo bem público.

"Por que dizer que o pretor, que julga entre estrangeiros e cidadãos, ou que o pretor urbano, que repete a quantos aparecem a fórmula que lhe dita um assistente, fazem obra mais importante que o filósofo, o qual ensina o que é justiça e o que é o dever, o que são a paciência, a coragem, o desprezo pela morte, o conhecimento dos deuses e, finalmente, como uma boa consciência é um bem que se adquire facilmente?

"Por conseguinte, se consagras ao estudo um tempo que roubas à vida social, tu não podes ser acusado nem de abandonar nem de faltar a teu dever; o bom soldado não está necessariamente na linha da frente, nem defende necessariamente o flanco direito ou o flanco esquerdo: ele pode também vigiar as estradas, posto que por ser menos perigoso não é contudo supérfluo; fazer sentinela durante a noite e velar sobre o arsenal: todas funções que não têm nada de mortífero e que todavia fazem parte das obrigações militares.

"Ao te isolares no estudo, tu te livrarás de todos os

desgostos da vida, não mais desejarás a noite por aborrecimento do dia e não mais serás uma carga para ti mesmo, nem inútil aos outros. Farás inúmeros amigos e todo homem de bem virá espontaneamente ao teu encontro: pois jamais, por mais obscura que seja, a virtude não vive ignorada; existem sinais que revelam sua presença e todo aquele que for digno, sempre a descobrirá.

"Se, com efeito, renunciarmos a toda relação com o próximo e nos afastarmos do gênero humano para viver unicamente concentrados em nós mesmos, este isolamento, esta indiferença absoluta terão por resultado a mais completa ociosidade: começaremos a construir de um lado e a demolir do outro; a repelir o mar, a desviar as águas lutando contra as diculdades do terreno e a desperdiçar o tempo, que a natureza nos dá para aproveitar.

"Assim procedendo, somos ora avarentos, ora generosos: uns ao gastar fazem um cálculo minucioso de seu emprego e os outros nada guardam. Assim, é o cúmulo que um ancião carregado de anos seja incapaz de provar o quanto tem vivido, a não ser pela invocação da sua própria idade."

IV — Por mim, muito querido Sereno, sou de opinião que Atenodoro se inclina e se retira rapidamente demais diante das circunstâncias. Não contesto que não haja casos onde se deva recuar; mas lentamente, passo a passo, salvando as bandeiras e a honra militar. Pois obtém-se do inimigo muito mais respeito e garantias quando nos rendemos com as armas. Aqui está, segundo minha opinião, o que deve fazer a virtude e aquele que deseja a virtude: se o destino triunfa e lhe tira os meios de agir, que ele não se apresse em virar as costas e fugir, largando suas armas e tratando de procurar um abrigo, como se existisse um lugar no mundo onde se pudesse escapar ao destino, mas que ele imponha somente maior reserva à sua atividade e procure com perspicácia algum emprego que lhe permita tornar-se outra vez útil à cidade.

A carreira militar lhe é proibida? Que ele pretenda as magistraturas. Está ele reduzido à vida particular? Que advogue. O silêncio lhe é imposto? Que ele dê a seus concidadãos o apoio mudo de sua presença. Mesmo o acesso ao fórum lhe é perigoso? Que nas residências particulares, nos espetáculos, à mesa, ele se mostre companheiro honesto, amigo fiel, conviva moderado. Ele não pode mais cumprir com seus deveres de cidadão? Restam-lhe os deveres de homem.

Daí o princípio do qual nós estóicos estamos orgulhosos: o de não nos encerrarmos nas muralhas de uma cidade só, mas de entrarmos em contato com o mundo inteiro e de professarmos que nossa pátria é o universo, a fim de oferecer à virtude um mais amplo campo de ação. Excluem-te do tribunal, expulsam-te da tribuna e dos comícios? Volta-te e olha: quantas extensões imensas, quantas nações se abrem para ti! Por mais vasta que seja a parte do mundo que te é vedada, aquela que te é permitida será sempre maior.

Mas repara que nem todo o mal vem de ti. Pois não queres tomar parte nos negócios públicos a não ser como cônsul prítane, *ceryx* ou *sufet*.[29] Não queres tu igual-

mente fazer a guerra como general ou como tribuno? Mesmo se não figuras na primeira linha e que a sorte te rebaixa entre os triários,[30] combate de lá, por meio de tua voz, de tuas exortações, de teu exemplo e de tua moral: tendo as mãos cortadas, ainda podemos servir nosso partido, continuando firmes no nosso posto e animando os outros com nossos gritos. Adota uma tática análoga: se a sorte te afasta das primeiras classes da república, resiste e ajuda os outros com teus brados; se te apertam a garganta, resiste ainda e auxilla-os por meio de teu silêncio. Jamais um bom cidadão perde seu trabalho: este é ouvido e é visto. Sua fisionomia, seus gestos, sua muda obstinação e seu modo de andar, tudo auxilia.

Há na Medicina substâncias que, sem que se tenha necessidade de prová-las ou tocá-las, agem pelo aroma; assim é a virtude: sua benfazeja influência se exerce mesmo a distância e sem que ela seja visível. Que ela dê expansão e seja livre em seus impulsos, ou que ela tenha dificuldade em se desfraldar e seja reduzida a recolher suas velas; que ela seja ociosa, muda, estreitamente aprisionada, ou que se abra com facilidade, em todas as situações possíveis ela é útil. Acreditas tu que o repouso bem empregado não é um exemplo proveitoso? Assim, a melhor regra é combinar o repouso com a ação, todas as vezes que a atividade pura nos for perturbada por impedimentos acidentais ou por condições políticas: pois jamais todos os caminhos nos serão interditados, de modo que não nos reste nenhum meio de praticar uma ação virtuosa.

V — Onde encontrar uma cidade mais miserável que Atenas, na época em que era martirizada pelos trinta tiranos? Mil e trezentos cidadãos, elite da população, pereceram sob seus golpes e sua crueldade, que, longe de se saciar, se exasperava cada vez mais. Numa cidade que possuía o Areópago, o mais justo dos tribunais, que ao lado de seu senado possuía entre o povo um outro senado, via-se cada dia reunir-se um sombrio grupo de carrascos e uma sinistra cúria estreita demais para tantos tiranos. Que tranqüilidade podia conhecer esta cidade que possuía tantos tiranos, até para servir de guarda-costas?[31] Não se podia mesmo conceber a menor esperança de liberdade e nenhum remédio parecia possível contra uma tal quantidade de desgraças: onde esta desafortunada cidade encontrou tantos Harmódios?[32]

Sócrates, entretanto, ia e vinha, tranqüilizava os senadores desconsolados, pregava a coragem àqueles que perdiam a esperança na república; aos ricos, cuja opulência os fazia estremecer, censurava este arrependimento tardio de sua funesta cobiça; a quem o queria imitar, oferecia o grande exemplo de um cidadão que marcha livre, com trinta déspotas ao seu redor. Não obstante, eis que Atenas, ela mesma, fez morrer este homem numa prisão: ele desafiou impunemente todo um bando de tiranos, e um governo livre não pôde tolerar sua liberdade. Vê, pois, que mesmo numa república oprimida o honesto encontra ocasião para mostrar quem ele é, e que numa república próspera e feliz reinam ao mesmo tempo a crueldade, a inveja e mil outros vícios dissimulados.

Por conseguinte, conforme a situação da república e o que a fortuna nos permitir, lançar-nos-emos a todo pano ou nos recolheremos em nós mesmos; mas, em todos os casos, nós nos moveremos sem nos deixarmos paralisar pelo temor. Aquele que assim proceder, esse será verdadeiramente homem, porque sentindo-se envolvido pelos perigos e não ouvindo ao seu redor senão o fragor das armas e das prisões, evitará a destruição de sua virtude nos obstáculos, mas também não a esconderá, pois enterrar-se, não é conservar-se.

Se não me engano, Cúrio Dentato dizia que ele preferia estar morto a viver morto: o pior dos males não é suprimir-se do número dos vivos, antes de morrer? Mas façamos assim: se pertencemos a um tempo no qual a vida política é difícil de ser praticada, tornemos mais ampla a parte do ócio e do estudo: como o marinheiro nas travessias perigosas, multipliquemos as escalas; e sem esperar que os afazeres nos abandonem, desprendamo-nos deles espontaneamente.

VI — A este respeito devemos considerar primeiramente a nós mesmos, depois as tarefas que queremos empreender, depois os homens para os quais ou com os quais teremos de trabalhar. Antes de tudo, é indispensável avaliar-se uma pessoa a si mesmo, pois na maioria das vezes exageramos nossas capacidades. Um cairá por ter presumido demais de sua eloqüência; outro quer tirar de seu patrimônio mais do que este pode render; um terceiro esgota seu corpo débil em labores extenuantes. Alguns têm uma timidez incompatível com a vida de negócios, que exige uma fronte intrépida; outros têm uma rigidez que não lograria êxito na corte; outros não sabem dominar sua cólera e explodem com palavras imprudentes ao menor mau humor; outros enfim são incapazes de reprimir sua veia e deixam-se levar contra sua vontade a prazeres perigosos: para todos estes o repouso é preferível à atividade. Um caráter ardente e indócil deve evitar tudo que possa instigá-lo a uma independência perigosa.

Devemos examinar se nossas disposições naturais nos tornam mais aptos à ação ou aos trabalhos sedentários e à contemplação pura; e inclinar-nos do lado para o qual nosso gênio nos conduz. Isócrates arrancou com viva força Éforo do fórum, quando se convenceu de que este era mais indicado para escrever história.(33) Jamais um talento que se força produz o que se esperava; e forçar a natureza é sempre inútil.

Em seguida, devemos avaliar nossas próprias empresas e colocar na balança nossas forças e nossos projetos. Com efeito, devemos sentir-nos sempre superiores à tarefa que realizamos: um fardo desproporcionado só pode esmagar quem o carrega. De outro lado, há ocupações que, sem terem muita importância, estão cheias de mil complicações: deve-se evitá-las por causa dos apuros sem fim, aos quais elas darão origem. Não nos aventuremos jamais a um negócio em que poderíamos correr o risco de ficar sem saída: aceitemos aqueles nos quais estamos seguros, ou que pelo menos temos esperança de terminar; deixemos aqueles que se complicam quanto mais se trabalha e que não podem ser interrompidos quando se quer.

Deve-se, finalmente, escolher com cuidado os homens: ver se eles merecem que lhes consagremos uma parte de nossa existência e se são gratos ao sacrifício de tempo que lhes fazemos; pois há os que chegam a considerar os serviços que lhes prestamos como um benefício para nós mesmos. Atenodoro declarava que ele não iria cear mesmo com alguém que não lhe devesse nenhuma obrigação. Tu podes crer, quanto menos ele havia de ir, com os que pagam os serviços de seus amigos por meio de um jantar e que consideram cada prato de sua mesa como uma nova generosidade: como se eles honrassem as pessoas comendo em excesso. Suprime estes testemunhos e espectadores, pois um banquete a portas cerradas não terá mais nenhum prazer para eles.(34)

VII — Mas nada agrada tanto à alma como uma amizade fiel e doce. Que felicidade a de encontrar corações aos quais se possa sem temor confiar quaisquer segredos; consciências, que nos temem menos do que a nossa; companheiros, cuja palavra acalma nossas inquietações, cujos conselhos guiam nossas decisões, cuja alegria dissipa nossa tristeza e cuja vista seja para nós um prazer! Naturalmente, escolhê-los-emos também isentos de paixões, o quanto for possível, pois o vício é contagioso: ele se apodera de nós desde que nos aproximamos e seu contato é funesto.

Durante uma epidemia deve-se evitar de demorar junto de pessoas já contaminadas e que são vítimas do flagelo; pois contraíremos seu mal e só seu hálito já nos contaminará. Do mesmo modo, quando se tratar de escolher nossos amigos, apliquemo-nos para não nos ligarmos a não ser com homens o menos possível corrompidos: é querer propagar o mal colocar indivíduos sãos em contato com enfermos. Fora disso, não exijo que o prudente seja o único objeto de tuas simpatias ou de teus primeiros passos: e onde encontrarias tu este mortal sem igual, que já procuramos durante tantos séculos? O melhor é o menos mau.

Apenas serias tu favorecido na tua escolha se escolhesses amigos virtuosos entre os Platões, os Xenofontes e em toda aquela fecunda linhagem dos sucessores de Sócrates, ou se pudesses ter a contribuição do século de Catão, que produziu tantas personagens dignas de serem contemporâneas de um Catão. (Produziu também muitos malvados, que tramaram crimes piores que os de qualquer outra época: é que uns e outros eram igualmente necessários para valorizar Catão; são-lhes necessárias pessoas de bem para comparar seu mérito, e más para seu valor.) Mas hoje em dia, com tão grande penúria de pessoas honestas, deve-se ser menos exigente na escolha.

Evitemos, porém, o mais possível as naturezas tristes e queixosas, que não deixam escapar nenhuma ocasião para se lamentar. Por mais fiel, por mais dedicado que possa ser, um companheiro de humor inconstante e que se queixa a cada momento é inimigo de nossa tranqüilidade.

VIII — Passemos ao domínio das riquezas, principal fonte das misérias dos homens: pois, comparando-se todos os nossos outros perigos, prazeres, doenças, temores,

desgostos, sofrimentos e preocupações de toda espécie, com os males que nascem do dinheiro, será deste lado que muito claramente penderá a balança.

Figuremo-nos como se suporta mais facilmente não possuir do que perder; e perceberemos que a pobreza tem muito menos tormentos a temer e muito menos riscos a correr. Pois é um erro pensar que os ricos aceitam mais corajosamente suas penas: que o corpo seja grande ou pequeno, as feridas lhe são igualmente dolorosas. Bion disse com fineza: "Não é porque se tem mais cabelos sobre a cabeça que é menos desagradável sentir arrancá-los."([35]) Não é diferente no caso do pobre e do rico, e seu sofrimento é o mesmo: o dinheiro se apega tão intimamente à alma, que não se pode arrancá-lo sem dor. É aliás, eu o repito, mais suportável e mais simples nada adquirir do que perder alguma coisa: daí vem que se vê um ar mais alegre nas pessoas que a fortuna jamais visitou do que naquelas que ela traiu.

É o que Diógenes([36]) compreendeu na sua sublime sabedoria; e dispôs-se de tal modo, que nada lhe pudesse ser tirado. Chama isto pobreza, necessidade ou miséria; dá a esta confiança não importa que nome afrontoso: eu cessarei de julgar Diógenes feliz, quando tu me achares um outro homem que nâo tenha nada para perder. Ou eu me engano, ou é ser rei viver cercado de pessoas rapaces, de trapaceiros, de bandidos, de ladrões e ser o único no mundo que está ao abrigo de seus crimes. Se se duvida da felicidade de Diógenes, que se duvide também da situação dos deuses imortais, e que se pergunte se eles não são infelizes por não possuírem nem propriedades, nem jardins, nem terras valorizadas pelos braços de mercenários, nem capitais colocados com grandes juros na praça do comércio. Não é uma vergonha estar fascinado pela riqueza? Vamos! Volta-te para o céu: aí verás deuses despojados, dando tudo ou nada conservando para si. É, pois, pobre, no teu parecer, ou semelhante aos deuses imortais o homem que se despoja de todos os bens que dependem da fortuna?

Chamas tu feliz a Demétrio, o alforriado de Pompeu,([37]) que teve a audácia de eclipsar a opulência de seu patrão? Cada dia era-lhe apresentada a lista de seus escravos, como a um general o efetivo de suas tropas: ele, que devia considerar-se rico com dois subalternos([38]) e uma cela pouco espaçosa! Mas Diógenes não tinha senão um escravo que se evadiu: indicaram-lhe onde ele estava, mas o filosófo não se dignou repreendê-lo: "É vergonhoso — disse ele — que Manés possa passar sem Diógenes e não Diógenes sem Manés." Para mim é como se ele tivesse dito: "Fortuna vai ver outro lugar: Diógenes não possui mais nada, sobre o que tu ainda tenhas direitos. Meu escravo fugiu? Mas não, sou eu que estou 'livre'."

Um numeroso pessoal exige que o habilitem, que o alimentem; deve-se prover ao apetite de tantos animais devoradores, é preciso comprar-lhes roupas, é preciso tirar partido das criaturas que não obedecem a não ser com lágrimas e maldições. Quanto mais feliz é aquele que não deve nada a ninguém, a não ser a alguém para quem é fácil recusar: isto é, a si mesmo.

Mas visto que não temos uma semelhante energia de alma, limitemos ao menos a extensão de nossos bens, a fim de estarmos menos expostos às injúrias da fortuna. Os homens de talhe medíocre, que podem abaixar-se atrás de seus escudos, saem mais facilmente do perigo do que aqueles que os excedem e cuja vigorosa corpulência se oferece de todos os lados aos golpes. Para o dinheiro, a verdadeira medida consiste em não cair na pobreza, mas aproximar-se dela o mais possível.

IX — Logo, esta limitação nos será puramente agradável, se tomarmos previamente o gosto pela economia, sem o qual as maiores fortunas são ainda insuficientes e mesmo as mais modestas se prestarão ao desperdício: tanto mais que o remédio está ao nosso alcance e que a pobreza mesma, secundada por gostos simples, pode-se transformar em riqueza. Habituemo-nos a ter o luxo a distância e a fazer uso da utilidade dos objetos e não de sua sedução exterior. Comamos para matar a fome, bebamos para apagar a sede e reduzamos ao necessário a satisfação de nossos desejos. Aprendamos a andar com nossas pernas, a regular nosso vestuário e nossa alimentação, não sobre a moda do dia, mas sobre o exemplo dos antigos. Aprendamos a cultivar em nós a sobriedade e a moderar nosso amor ao fausto; a reprimir nossa vaidade, a dominar nossas cóleras, a considerar a pobreza com um olhar calmo, a considerar a frugalidade, apesar de todos aqueles que acharão aviltantes satisfazer tão modestamente seus desejos naturais; a ter nas mãos, por assim dizer, as ambições desenfreadas de uma alma sempre inclinada para o dia seguinte e a esperar a riqueza menos da sorte do que de nós mesmos.

É impossível ao homem preservar-se suficientemente contra todos os caprichos e todas as injustiças do destino, para não sofrer freqüentes tormentas, quando se está com as armadas no mar. Deve-se reduzir o espaço que se ocupa, se se quer que as setas da fortuna caiam no vácuo: daí resulta que o exílio e a desgraça são por vezes de um efeito salutar e que as desgraças medíocres curam por vezes outras mais graves. Quando uma alma, surda aos bons conselhos, se esquiva dos tratamentos mais suaves, não é querer seu bem submetê-la à pobreza, ao descrédito público e à proscrição? Um mal combate outro. Tomemos, pois, o hábito de nos abstermos de espectadores quando ceamos, de não nos sujeitarmos a não ser a um pequeno número de escravos, de não termos roupas a não ser para o uso que as criou e de nos alojarmos modestamente. Não é só nas corridas e nos torneios do circo, é também na arena da vida que é preciso saber curvar-se.

As despesas de ordem literária, as mais justas de todas, não são estas mesmas razoáveis, a não ser que sejam moderadas. Para que servem inúmeros livros e bibliotecas, se o proprietário encontra apenas o tempo em sua vida para ler as etiquetas? Uma profusão de leituras sobrecarrega o espírito, mas não o ilustra; e melhor seria aplicar-se muito a um pequeno número de autores do que vagar no meio de muitos. Quarenta mil volumes foram queimados em Alexandria.[39] Quantos outros exaltam este esplêndido monumento da magnificência real, como

Tito Lívio, que o chama a obra-prima do gosto e da solicitude dos reis. Eu não vejo lá, nem gosto nem solicitude, mas orgia da literatura; e quando digo da literatura, minto, pois o cuidado pelas letras lá não era cultivado: aquelas belas coleções só eram constituídas para amostra. Quantas pessoas desprovidas da mais elementar cultura têm também livros, que não são de modo algum instrumentos de estudo, mas que adornam suas salas de refeições! Compremos os livros dos quais temos necessidade, não os compremos para ostentação.

É mais moral, dizes tu, assim gastar seu dinheiro, em lugar de o desperdiçar em vasos de Corinto e em quadros. Há vício desde que haja excesso. Por que esta indulgência para um homem que coleciona armários de cidreira[40] e de marfim, que compra obras completas de autores desconhecidos ou medíocres, para bocejar no meio de tantos milhares de volumes, não aproveitando de seus livros a não ser as encadernações e os títulos? Eis como verás em casa dos mais insignes preguiçosos toda a coleção de oradores e de historiadores e estantes para livros construídas até ao teto: pois hoje em dia, ao lado dos banhos nas termas, a biblioteca tornou-se um ornamento obrigatório de toda casa que se preza. Eu perdoaria perfeitamente esta mania, se ela nascesse de um excesso de amor ao trabalho; mas estas obras sagradas, dos mais raros gênios da humanidade, com as estátuas de seus autores, que assinalam sua classificação, são adquiridas para serem vistas e para decorarem as paredes.

X — Todavia, eis que tombaste em qualquer situação difícil, sem que hajas feito nada para isto: a adversidade pública ou particular passou-te um laço pelo pescoço, laço que não podes mais nem desapertar nem arrebentar. Lembra-te de os desventurados que são peados[41] começam por se revoltar contra os pesos e as cadeias de suas pernas; e que desde que eles começam a se resignar, em lugar de se revoltar, a necessidade lhes ensina a suportar sua sorte com coragem e o hábito torna-a suportável. Encontrarás em qualquer situação divertimentos, descansos e prazeres, se te esforçares para julgar teus males leves, antes de considerá-los intoleráveis. O melhor prêmio da natureza ao nosso reconhecimento é que, conhecendo todos os sofrimentos para os quais estávamos destinados na vida, para abrandar nossos padecimentos, ela criou o hábito que nos familiariza em pouco tempo com os mais rudes tormentos. Pessoa alguma resistiria, se, ao continuar, a adversidade conservasse a mesma violência que tem na primeira desgraça.

Estamos todos ligados à fortuna:[42] para uns a cadeia é de ouro e frouxa, para outros é apertada e grosseira; mas que importa? Todos os homens participam do mesmo cativeiro, e aqueles que encadeiam os outros, não são menos algemados; pois tu não afirmarás, suponho eu, que os ferros são menos pesados quando levados no braço esquerdo. As honras prendem este, a riqueza aquele outro; este leva o peso de sua nobreza, aquele o de sua obscuridade; um curva a cabeça sob a tirania de outrem, outro sob a própria tirania; a este sua permanência num lugar é imposta pelo exílio, àquele outro pelo sacerdócio.

Toda a vida é uma escravidão. É preciso, pois, acostumar-se à sua condição, queixando-se o menos possível e não deixando escapar nenhuma das vantagens que ela possa oferecer: nenhum destino é tão insuportável que uma alma razoável não encontre qualquer coisa para consolo. Vê-se freqüentemente um terreno diminuto prestar-se, graças ao talento do arquiteto, às mais diversas e incríveis aplicações, e um arranjo hábil torna habitável o menor canto. Para vencer os obstáculos, apela à razão: verás abrandar-se o que resistia, alargar-se o que era apertado e os fardos tornarem-se mais leves sobre os ombros que saberão suportá-los.

Não descortinemos, de outro lado, um campo vasto demais aos nossos desejos: limitemos o vôo aos objetos mais próximos, visto que não podemos pensar em reprimi-los inteiramente. Renunciando ao que é impossível ou difícil demais para realizar, apeguemo-nos ao que, estando mais próximo, anima nossa esperança; mas sem esquecer que todas as coisas são igualmente frívolas e que se as aparências diferem, é sempre no interior a mesma futilidade. Não invejemos as situações elevadas: pois o que julgamos ser o cume, não é mais do que a beira de um abismo. Em compensação aqueles que a sorte pérfida colocou sobre estes perigosos picos diminuirão os riscos que correm, se se despojarem do orgulho natural e reduzirem sua fortuna na medida do possível, e a um nível mais modesto.

Há sem dúvida muitos homens que não têm o direito de abandonar o cimo onde estão colocados e de onde não podem descer a não ser ao preço de uma queda: homens que consideram sua mais pesada obrigação, precisamente, o serem obrigados a pesar sobre os outros, sobre os quais não estão elevados, mas sim amarrados. Que por sua justiça, sua doçura, sua clemência e sua generosa bondade, eles preparem forças para a sorte que os espera e cuja esperança lhes suavize os perigos da inconstância. Todavia, nada nos preservará melhor das inquietudes deste gênero do que fixarmos sempre um limite para nossas ambições, sem esperar que a fortuna nos interrompa, como é seu costume; e suspendermos nosso progresso muito tempo antes do instante fatal. Do destino ainda sentiremos a picada de muitos desejos; mas estes serão desejos acanhados, que não nos poderão lançar em intermináveis aventuras.

XI — É aos espíritos imperfeitos, medíocres e insensatos que convêm as considerações que precedem: não ao sábio. O sábio não precisa dar um passo tímido ou vacilante: sua fé em si mesmo é tão grande que ele não hesita em se dirigir ao encontro da fortuna, diante da qual jamais cederá. Não há nenhuma razão para temê-la, porquanto não são somente seus escravos, suas propriedades, sua situação, mas seu corpo mesmo, seus olhos, suas mãos e tudo que o prende à vida; porque é sua pessoa, numa palavra, que conta no número dos bens revogáveis, visto que ele vive com a idéia de que seu ser lhe é somente emprestado e está pronto para devolvê-lo de boa vontade, à primeira requisição. Não que ele se sinta diminuído por saber que não pode dispor de si: ao contrário,

ele se conduzirá em todas as coisas com o mesmo escrúpulo e a mesma prudência com que um homem conscienciоso e leal exerce a guarda de um depósito. E no dia em que ele for convidado a restituir, longe de revoltar-se contra o destino, ele lhe dirá: "Dou-te graças pelos bens que colocaste e deixaste em meu poder. Sua conservação tornou-se cara para mim; mas, como tu ordenas, eu os abandono e os restituo com o coração reconhecido e obediente. Se ainda me queres deixar qualquer coisa do que te pertence, eu a guardarei; se decides diversamente, eis minha prataria, meu dinheiro, minha casa e meus escravos: devolvo, restituo tudo." Que a natureza, que é nossa primeira credora, nos reclame sua dívida; a ela também diremos: "Retoma esta alma, melhor do que ma deste. Não procuro nem evasivas nem subterfúgios: de bom grado deponho em tuas mãos o que recebi de ti, sem perceber; toma-o."

Retornar para o lugar de onde se vem: que há de cruel nisto? Quem não souber morrer bem, terá vivido mal. É preciso, pois, começar por despojar a existência de seu prestígio e por colocá-la entre as coisas sem valor. Somos hostis aos gladiadores, diz Cícero,[43] quando eles querem, custe o que custar, obter a vida livre; nossa simpatia é granjeada quando se torne evidente que eles a desprezam. Nossa situação é a mesma, pois quantas vezes morremos, vítimas do nosso medo de morrer!

Estes são caprichos, que a fortuna se permite: "Por que, diz ela, poupar-te, criatura débil e trêmula? Tu serás trespassada e serás crivada de golpes, justamente porque não sabes oferecer o pescoço. E tu, tua vida será prolongada e terás uma morte mais rápida, porque em lugar de desviares a cabeça ou de te cobrires com as mãos, esperas o ferro com coragem." Aquele que temer a morte não fará jamais obra de homem; mas aquele que disser a si mesmo que, desde o instante em que foi concebido, sua sorte foi decidida, governará sua vida em conformidade com esta decisão; e por prêmio terá a vantagem, graças a este mesmo vigor da alma, de jamais se deixar surpreender por qualquer acontecimento que surja. Considerando antecipadamente tudo o que pode acontecer, como o que irá realmente acontecer, ele amortecerá o choque de todos os males: pois, para quem está preparado e a espera, a violência de todas as desgraças se abranda; e somente acham seus golpes terríveis os que se julgavam em segurança e que não tinham diante de si senão perspectivas felizes.

Eis a doença, a escravidão, minha casa que desmorona e se incendeia: nada de tudo isto é inesperado para mim. Eu sabia no meio de que caos a natureza me condenava a viver. Quantas vezes ouvi na minha vizinhança prorromper a voz das carpideiras; quantas vezes vi passarem diante da minha porta os archotes e as tochas que precedem os funerais prematuros![44] Freqüentemente, ressoou ao meu lado o fragor de uma construção que desmoronava; muitas pessoas às quais o fórum, a cúria ou uma conversação acabavam de me reunir, foram arrebatadas durante a noite. De quantas mãos, fraternalmente unidas, a morte rompeu de repente o aperto! Por

que me admirar, quando eu me vir, um belo dia, colhido pelos perigos que jamais cessaram de me rodear?

A grande maioria dos homens, ao começar a navegar, esquece-se da tempestade. Jamais eu me envergonharia de citar um mau autor, por uma boa intenção. Publílio Siro, poeta mais vigoroso do que os trágicos e os cômicos, quando renuncia aos gracejos vulgares do mimo e às palavras feitas para o público das galerias, no meio de tantos outros versos cujo tom se eleva não só acima do estilo trágico, mas também do cômico, escreveu: "Aquilo que pode ferir um, pode ferir todos os outros." Se nos convencermos profundamente desta máxima e se ao assistirmos às inúmeras desgraças que cada dia caem sobre nosso próximo, pensarmos que elas podiam muito facilmente cair sobre nós, seremos pessoas armadas, muito tempo antes do ataque. Não há mais tempo para nos fortificarmos, quando o perigo já nos alcança. "Eu não imaginava que isto me aconteceria!" "Jamais se acreditara que isto seria possível!" E por que não? Onde está pois a riqueza, que a miséria, a fome e a mendicidade não podem alcançar? Onde está a magistratura, cuja pretexta, o bastão augural e o calçado nobre não são acompanhados de acusações humilhantes, da crítica do censor, de mil infâmias e do supremo desprezo da multidão? Onde está a onipotência, que não é ameaçada pela destruição e pelo esmagamento das violências de um senhor ou de um carrasco? E um longo intervalo de modo algum é necessário: no espaço de uma hora passa-se do trono aos pés do vencedor.

Persuade-te, pois, de que toda situação está sujeita a mudanças e de que tudo o que cai sobre os outros pode igualmente cair sobre ti. És rico; por acaso és mais que Pompeu? Quando Caio Calígula, usando para com este velho parente um novo gênero de hospitalidade, lhe abriu a casa dos Césares, a fim de fechar a sua, achou-se aquele sem pão e sem água. Ele, que possuía não sei quantos rios, tendo nos seus domínios sua nascente e sua foz, mendigava o que vazava das goteiras; e morreu de inanição e de sede no palácio de seu parente, enquanto que seu herdeiro, que o esfomeava, lhe fazia preparar exéquias públicas.(45)

Tu exerceste as mais altas funções: foram estas tão grandes, tão inesperadas, tão ilimitadas como aquelas de Sejano?(46) Pois no dia em que o Senado lhe serviu de cortejo, o povo o deixou em farrapos. Deste privilegiado, que os deuses e os homens cumularam de todos os favores possíveis, não restou nada para o dente do algoz.

És rei: não te enviarei a Creso que entrou na fogueira por ordem de seu vencedor e viu extinguir-se a chama, sobrevivendo assim não somente à sua realeza, mas também à sua própria morte; nem a Jugurta, que no mesmo ano em que aterrorizou o povo romano, foi-lhe oferecido em espetáculo. Não vimos o rei da África, Tolomeu, e o rei da Armênia, Mitridates, detidos pelos guardas de Calígula? Um deles teve de partir para o exílio e o outro preferiu sofrer um exílio menos desleal.(47) Na presença deste perpétuo vaivém de elevações e de quedas, se não considerares tudo o que te pode acontecer, como o que

deverá com efeito acontecer, darás à adversidade forças contra ti; ao contrário, desarma-la-ás, quando fores tu que a esperares chegar.

XII — Em seguida, a primeira coisa a evitar é desperdiçar nosso esforço ou em objetos inúteis ou de maneira inútil: quero dizer, imaginar ambições irrealizáveis ou reparar um pouco tarde, uma vez satisfeitos nossos desejos, que nos esforçamos sem proveito. Em outras palavras, evitemos de um lado os esforços estéreis e sem resultado, e de outro lado os resultados desproporcionados ao esforço. Pois é quase certo que nosso humor se entristeça, seja depois de um insucesso, seja depois de um sucesso do qual nos temos de envergonhar.

É preciso privar-se da agitação desregrada, à qual se entrega a maioria dos homens, que vemos precipitarem-se alternativamente nas casas particulares, nos teatros e nos lugares públicos: sua mania de se intrometer nos negócios dos outros lhes dá um ar de grande atividade. Pergunta a algum deles, quando sai de casa: "Onde vais? Qual é teu destino?" Ele responderá: "Por Hércules! Não sei nada, mas eu verei gente e encontrarei qualquer coisa para fazer." Eles vagam assim ao acaso, mendigando ocupações; e que fazem? Não o que resolveram fazer, mas o que a sorte dos encontros lhes oferecer. Suas saídas absurdas e inúteis lembram as idas e vindas das formigas ao longo das árvores, quando elas sobem até ao alto do tronco e tornam a descer até embaixo, para nada. Quantas pessoas levam uma existência semelhante, que se chamaria muito justamente preguiça agitada. Eis que correm como a um incêndio: ter-se-ia pena deles, ao vê-los atropelarem os transeuntes, precipitarem-se e precipitarem os outros; entretanto, para onde correm eles? Vão saudar qualquer personagem, que não lhes responderá o cumprimento, acompanhar o séquito fúnebre de alguém que nem conheciam, assistir ao processo de qualquer profissional das núpcias,[48] ou escoltar uma liteira, que por vezes eles mesmos carregam. Quando em seguida voltam para casa moídos por uma fadiga inútil, protestam que nem eles mesmos sabiam por que tinham saído, nem para onde tinham ido; e no dia seguinte recomeçarão a mesma série de marchas desordenadas.

Que todo esforço tenha, pois, um alvo preciso e seja apropriado para um resultado. Não é uma atividade verdadeira, mas sim quimeras, que animam os inquietos e loucos. Pois estes não se moveriam sem uma certa esperança; e eles se iludem com as aparências, porque seu espírito alucinado não lhes permite distinguir a realidade. Dá-se o mesmo com cada um destes infelizes que não saem a não ser para aumentar a turba: fúteis e quiméricas razões fazem-nos girar pela cidade, ainda que eles não tenham nada absolutamente para fazer; a aurora os expulsa de casa e depois de terem sido esmagados inutilmente diante de um número considerável de portas e de terem saudado muitos nomencladores,[49] sem terem sido recebidos em nenhuma parte, dentre todos, os mais difíceis de serem encontrados em casa, são eles mesmos.

A esta doença se prende um vício horrível: este, de se informar de tudo, de estar à espreita de todas as novida-

des, tanto secretas como públicas e de possuir uma quantidade de histórias perigosas para contar e igualmente perigosas para ouvir.

XIII — Este é bem o pensamento de Demócrito, quando ele começa nestes termos:[50] "Quem quiser viver com a alma tranqüila, não deve ter muitas ocupações: nem de ordem particular nem de ordem pública." Trata-se aqui naturalmente de ocupações inúteis, pois desde que elas são necessárias, devemos, tanto particulares como públicas, ter não somente muitas, mas inúmeras; ao contrário, quando nenhum dever imperioso nos ordena, devemos saber reprimir nossa atividade: pois quem multiplica suas ações se expõe a cada instante à sorte. Ora, o mais certo é provocá-la o menos possível, mas pensar nela sem cessar, sem jamais confiar na sua constância. "Eu viajarei, se nada me impedir." "Serei pretor, se nada se opuser." "Terei êxito neste negócio, se nada vier em contrário."

Eis que isto nos leva a dizer que nada acontece ao sábio, contra sua expectativa: não o subtraímos das desgraças humanas, mas sim dos vícios humanos; e todas as coisas lhe sucedem não conforme seus desejos, mas conforme suas previsões. Ora, o que ele prevê, antes de tudo, é que os obstáculos podem sempre opor-se aos seus projetos. Não é, pois, evidente, que o pesar causado por uma decepção é bem menos sensível, quando não se prometeu antecipadamente o sucesso com segurança?

XIV — Devemos igualmente mostrar docilidade e não ser escravos demais das resoluções que tomamos; ceder de boa vontade à pressão das circunstâncias e não temer de mudar, seja de resolução, seja de atitude, contanto que não caiamos na versatilidade, que é de todos os caprichos o mais prejudicial à nossa tranqüilidade. Porque se a obstinação é inevitavelmente inquieta e deplorável, visto que a fortuna lhe arranca a todo momento qualquer coisa, a leviandade é ainda muito mais penosa, porque ela não se fixa em nada. Estes dois excessos são funestos à tranqüilidade da alma: recusar-se a toda alteração e nada suportar.

É preciso finalmente que nossa alma, renunciando a todos os benefícios exteriores, se recolha inteiramente em si mesma: que ela só confie em si e só se alegre consigo, que ela só aprecie seus próprios bens, que ela se afaste o mais possível dos estranhos e se consagre exclusivamente a si mesma, que os prejuízos materiais a deixem insensível e que ela chegue mesmo a encontrar um lado bom nas suas desgraças.

Quando lhe foi anunciado o naufrágio no qual tudo o que possuía foi tragado pelo mar, nosso Zenão disse: "A fortuna quer que eu filosofe mais desembaraçadamente." Um tirano ameaçava o filósofo Teodoro[51] de mandar matá-lo e mesmo de privá-lo da sepultura: "Tu podes — disse-lhe este — dar-te este prazer: existem aí 2,7 decilitros de sangue, sobre os quais tens todos os direitos; quanto à sepultura, és estranhamente ingênuo, se crês que me aflijo por apodrecer sobre ou debaixo da terra."

Júlio Cano,[52] um dos maiores homens que já existiram e cuja glória nada sofreu, nem mesmo por ter nascido

neste século, teve uma longa discussão com Caio Calígula. Como ele se retirasse, o novo Falárides[53] lhe disse: "Para que não te iludas nem ao menos com uma vá esperança, ordenei que te executem." "Agradeço-te, excelente príncipe", respondeu Cano. Não sei qual era seu pensamento, porque essas palavras podem bem ter vários sentidos: queria ele ultrajar o príncipe e mostrar toda a crueldade de uma tirania sob a qual a morte era um benefício? Ou censurava-lhe o absurdo de obrigar todos os dias a agradecerem-lhe, aqueles cujos filhos ele matara, assim como aqueles de quem confiscara a fortuna? Ou enfim via ele na morte uma libertação, que aceitava com prazer? Qualquer que seja a resposta, ela provém de uma grande alma.

Dir-se-ia: Caio Calígula podia depois disto ordenar que o deixassem viver. Mas Cano não tinha este receio: sabia-se que desde que ele dera semelhantes ordens, Calígula manteria sua palavra. Acreditarias tu que os dez dias que decorreram até seu suplício, Cano os passou sem nenhuma inquietude? Na verdade, não parece verossímil o que este grande homem disse, o que fez e a tranqüilidade que manteve. Ele jogava o "jogo dos ladrões",[54] quando o centurião, passando com um grupo de condenados, o convidou a se levantar e a segui-lo; então ele contou seus pontos e disse a seu adversário: "Atenção! Depois de minha morte, não digas que ganhaste!" Depois, fazendo um sinal ao centurião: "Tu serás testemunha — disse-lhe — de que eu tenho a vantagem de um ponto." Crês tu que Cano dava tanta importância ao seu jogo? Ele zombava do carrasco. Seus amigos estavam consternados em perder um tal homem. "Por que esta tristeza? — disse-lhes. — Vós vos perguntais se a alma é imortal; eu irei sabê-lo agora mesmo." E até ao último instante ele não cessou de procurar a verdade e de perguntar à sua própria morte a solução do grande problema. Seu filósofo[55] o acompanhava; já o aproximavam do túmulo, onde cada dia eram oferecidos sacrifícios a César, nosso deus: "Em que pensas neste momento, Cano? — perguntou-lhe o filósofo. — Em que disposição de espírito te encontras?" "Tenho — respondeu Cano — a intenção de observar neste instante tão breve se vou sentir minha alma elevar-se." E ele prometeu, caso descobrisse alguma coisa, tornar a voltar, a fim de instruir seus amigos sobre a sorte das almas.

Eis a tranqüilidade no meio da tempestade! Não é digno da imortalidade este homem que procura na sua própria morte uma prova da verdade; que nos últimos momentos de vida interroga sua alma exalante, e que não satisfeito de instruir-se até a morte, quer que a morte mesma lhe ensine alguma coisa? Pessoa alguma jamais filosofou por tão longo tempo. Não abandonemos depressa demais este grande homem, do qual não se pode falar a não ser com veneração: sim, nós transmitiremos teu nome até a posteridade mais afastada, ilustre vítima, cuja morte ocupa um tão grande lugar entre os crimes de Calígula!

XV — Mas não adianta nada ter eliminado as causas da tristeza pessoal, pois algumas vezes acontece que um

desgosto pelo gênero humano se apossa de nós, quando percebemos quão grande é a quantidade de crimes felizes; quando refletimos até que ponto é rara a retidão e desconhecida a inocência e a sinceridade, desde que ela não convenha; quando notamos os lucros e as dissipações da paixão desregrada, igualmente odiados, e a ambição que vai além de seus próprios limites, a ponto de procurar seu esplendor através da baixeza. Então mergulha o espírito em noite escura; e destas virtudes assim transformadas, que em ninguém se espera ver, nem são de utilidade alguma para quem as tem, se originam densas trevas. Assim devemos aplicar-nos a não considerar odiosos, mas ridículos, os vícios dos homens e a imitar Demócrito antes que Heráclito: este não podia aparecer em público sem chorar, o outro sem rir; um não via a não ser a miséria em todas as ações dos homens, o outro só tolices. Aceitemos, pois, todas as coisas superficialmente e suportemo-las com bom humor: pois está mais em conformidade com a natureza humana, rir-se da existência do que lamentar-se dela.

Acrescentemos que se presta melhor serviço ao gênero humano ao se rir dele do que ao lamentá-lo: o gracejador nos deixa alguma esperança de melhora, o outro se aflige estupidamente com os males que desesperadamente procura remediar. Enfim, para quem julga as coisas de um ponto de vista mais superior, uma alma mostra-se mais forte abandonando-se ao riso do que cedendo às lágrimas; visto que não se deixa perturbar a não ser por uma emoção muito superficial e que não vê nada de importante, nada de sério, nem mesmo de deplorável em toda a comédia humana.

Observemos os motivos de cada uma de nossas alegrias e de nossas tristezas e compreenderemos a precisão deste pensamento de Bion: "A vida dos homens se assemelha a uma série de experiências: ela não tem nem mais valor nem mais importância do que aquela de um embrião."(56) Vale mais aceitar tranqüilamente os costumes comuns e os vícios da humanidade, sem se deixar levar nem ao riso nem às lágrimas: pois atormentar-se com os males dos outros é tornar-se perpetuamente infeliz e alegrar-se com eles é adotar um prazer desumano. Assim é mostrar uma sensibilidade inútil chorar porque o vizinho enterra seu filho e tomar um ar de tristeza: igualmente, nas nossas desventuras pessoais, jamais nos devemos entregar à dor a não ser o quanto exige a natureza e não o que reclama o costume. Quantas pessoas não vertem lágrimas unicamente para que estas sejam vistas, e cujos olhos secam no mesmo instante em que ninguém mais as observa! Mas elas julgariam vergonhoso não chorar quando todo mundo o faz: o hábito de se sujeitar à opinião de outrem é um mal tão inveterado, que o mais espontâneo de todos os sentimentos, a dor, tem também sua afetação.

XVI — Vem em seguida uma consideração que muitas vezes, e não sem motivo, entristece nosso espírito e o mergulha na maior inquietude: quando vemos pessoas de bem acabarem mal — Sócrates constrangido a morrer prisioneiro; Rutílio a viver no exílio; Pompeu e Cícero a

se entregarem aos seus clientes; e Catão, este Catão enfim, viva imagem da virtude, reduzido a testemunhar publicamente, atirando-se contra sua espada, que a república perecia ao mesmo tempo que ele. Como não se afligir com a idéia de que a fortuna paga tão injustamente os méritos dos homens? E que esperar para si mesmo, quando os melhores dentre eles são os mais maltratados?

Mas, que se deve então fazer? Observa como cada um destes grandes homens suportou seu destino; e se eles mostraram coragem, ambiciona a mesma firmeza de alma. Se foram fracos e covardes diante da morte, sua perda é indiferente: ou eles são dignos de que os admiremos por sua bravura, ou sua covardia os torna indignos de pena. Não será vergonhoso, se a morte heróica destes homens de coragem fizesse de nós apenas covardes? Glorifiquemos um herói digno de tanta glória e digamos: "Ó bravo! Ó afortunado homem! Eis que tu escapas a todas as misérias, à inveja, à morte; eis-te a sair da prisão. Longe de te julgarem digno de uma má sorte, os deuses estimaram que mereceste estar para o futuro ao abrigo da tirania da fortuna." Quanto àqueles que querem salvar-se e que no limiar da morte se voltam para a vida, é preciso empurrá-los com viva força para seu carrasco.

Eu não chorarei nem por quem se alegra nem por quem chora: o primeiro seca minhas lágrimas antecipadamente e o outro torna-se por suas lágrimas indigno das dos outros. Vou eu chorar por Hércules queimado vivo; por Régulo crivado com mil pontas ou por Catão, que suportou com coragem tantos golpes? Todos estes heróis, pelo sacrifício de uma insignificante parte de sua existência, souberam tornar-se eternos e a morte foi para eles o caminho da imortalidade.

XVII — Um outro gênero de inquietude, que não merece menos atenção, nasce do cuidado que o homem emprega em fingir e em jamais se deixar ver tal como é: é o caso de muitas pessoas, cuja vida só é hipocrisia e comédia. Que tormento, esta permanente vigilância sobre si mesmo, este terror de ser surpreendido num papel diferente do que aquele que se escoheu! E esta preocupação não nos deixa mais, desde o instante em que nos persuadimos de que somos julgados a cada olhar que nos lançam. Com efeito, aparecem mil incidentes, que nos revelam contra nossa vontade; e quando logramos nos observar sem desfalecimento, que satisfação! Mas que segurança pode oferecer uma existência inteira passada sob uma máscara?

Que encanto, ao contrário, na espontânea simplicidade de um caráter, que desconhece os ornamentos artificiais e que despreza disfarçar-se! É verdade que corremos o risco de perder a consideração, abrindo-nos ingenuamente demais a todos: pois não faltam pessoas para menosprezar o que se lhes torna acessível. Mas a virtude não pode ser de modo algum desprezada, quando oferecida a todos os olhares; e não é melhor ser menosprezado por sua franqueza do que impor-se o suplício de uma dissimulação perpétua? Todavia não excedamos à medida: pois há muita diferença entre a sinceridade e a falta de modéstia.

É preciso freqüentemente recolhermo-nos em nós mesmos, pois a relação com pessoas diferentes demais de nós perturba nosso equilíbrio, desperta nossas paixões, irrita nossas restantes fraquezas e nossas chagas ainda não completamente curadas. Misturemos todavia as duas coisas: alternemos a solidão e o mundo. A solidão nos fará desejar a sociedade e esta nos reconduzirá novamente a nós mesmos; elas serão antídotos, uma à outra: a solidão curando nosso horror à multidão e a multidão curando nossa aversão à solidão.

Nem mesmo é bom ter sempre o espírito igualmente ocupado: é preciso saber distraí-lo com divertimentos. Sócrates não se envergonhava de se divertir com crianças pequenas, Catão bebia para descansar das fadigas da vida pública, Cipião exercitava seu corpo de triunfador e de guerreiro no compasso da dança: não com estas atitudes moles que hoje em dia estão na moda e que dão ao movimento mesmo uma languidez mais que feminina, mas do mesmo modo que nossos grandes antepassados, que sabiam nos dias de júbilo e de festa dançar varonilmente sem que seu prestígio se arriscasse a sofrer, mesmo que eles tivessem por testemunhas seus inimigos. É preciso saber recrear o espírito: ele se mostrará, depois de um repouso, mais resoluto e mais vivo. Do mesmo modo que não se deve fazer um solo fértil (pois uma fecundidade sempre ativa brevemente se esgotaria), assim um trabalho ininterrupto diminuirá o ardor do espírito: um instante de repouso e de distração lhe devolverá sua energia. Quando o esforço se prolonga demais, ele acarreta à inteligência uma espécie de enfraquecimento e de abatimento. Aliás, os homens não se inclinariam tanto aos divertimentos e aos jogos, se o prazer que sentem não satisfizesse um desejo. Todavia, abusando deles, o espírito perderá sua elasticidade e seu vigor: o sono também é necessário para restaurar nossas forças; mas se ele continua dia e noite, é a morte. Suspensão e supressão não são absolutamente sinônimos.

Os legisladores instituíram dias de festa nos quais nos reunimos para nos divertirmos em comum, porque consideraram necessário que o trabalho fosse de tempos em tempos interrompido por descansos: vêem-se assim grandes homens tomarem regularmente de permeio diversos dias de férias. Outros ainda dividiam cada dia entre o repouso e os afazeres. Lembro-me, por exemplo, de que o grande orador Asínio Polião jamais se ocupou de qualquer coisa depois de quatro horas da tarde: passado este momento, nem mesmo lia suas cartas, a fim de evitar qualquer preocupação nova; e ele se reservava duas horas durante as quais esquecia todo o afá do dia. Outros, depois de ter feito uma pausa no fim da manhã, reservavam a tarde para tarefas de menor importância. Nossos pais, não impediam eles de se iniciar depois das quatro horas da tarde um novo debate no Senado? Os soldados repartem entre si a vigília; e os homens que voltam da expedição estão livres do serviço durante a noite.

É preciso governar nosso espírito e conceder-lhe de tempos em tempos um descanso que fará sobre ele o efeito de um alimento restaurador. É preciso igualmente

ir passear em pleno campo, pois o céu aberto e o ar puro estimulam e avivam a inteligência; algumas vezes uma alteração, uma viagem, uma mudança de horizontes, assim como uma boa refeição com um pouco mais de bebida do que de costume, lhe darão um novo vigor. Pode-se mesmo, por vezes, chegar até a embriaguez: não, de modo algum para nela mergulhar, mas para nela encontrar a calma, pois ela dissipa as inquietações, modifica totalmente o estado da alma e afasta a tristeza, assim como cura certas doenças. O inventor do vinho não foi chamado "Liber"(57) porque ele solta a língua, mas sim porque liberta a alma das inquietações que a escravizam; e a reanima e fortalece e a dispõe para todas as audácias.

Mas o vinho assim como a liberdade não é salutar a não ser tomado com medida. Afirma-se que Sólon e Arcesilau tinham um gosto acentuado pelo vinho; censurou-se a Catão sua embriaguez:(58): bom meio de reabilitar este vício em vez de rebaixar Catão. Mas não se deve recorrer a ele muito freqüentemente, a fim de não adquirir este detestável hábito; é preciso todavia por um instante afrouxar as rédeas à exuberância e à liberdade e fazer uma interrupção momentânea à sobriedade austera demais. Porque, se acreditamos no poeta grego, "é doce algumas vezes perder a razão"; ou em Platão: "é em vão que o homem de sangue-frio bate à porta das Musas"; e Aristóteles: "não se vê jamais um gênio que não tenha seu grau de loucura".(59). Somente a linguagem de uma alma exaltada pode atingir o majestoso e o grandioso. Que ela desdenhe os sentimentos vulgares e batidos; que um entusiasmo sagrado a anime e a arrebate: somente depois ela pronunciará palavras divinas pela boca de um mortal. É impossível alcançar o sublime e o inacessível, enquanto a alma pertencer a si mesma: é preciso que ela se desvie de seu caminho habitual, se liberte; e que, mordendo o freio, arrebate seu cavaleiro e o faça subir a alturas onde jamais ele se arriscaria por si mesmo.

Eis, muito querido Sereno, os meios de conservar a tranqüilidade da alma ou de tornar a encontrá-la quando perdida, e de não sucumbir à pérfida insinuação dos vícios. Todavia, dize a ti mesmo que nenhum destes meios é suficientemente poderoso para salvaguardar um bem tão frágil, se não cercarmos com a mais ativa e a mais zelosa vigilância nossa alma, sempre pronta a se deixar desviar.

MEDÉIA

TRAGÉDIA

Personagens:

MEDÉIA
A AMA
CRÉON
JÁSON
OS FILHOS DE MEDÉIA
CORO DE CORÍNTIOS

A cena representa o largo diante do palácio de Medéia em Corinto.

[*Em Iolco (Tessália) reinava Éson, que foi destronado pelo irmão Pélias. Jáson, filho de Éson, pediu ao tio a devolução do trono; mas Pélias, para libertar-se dele, mandou que conquistasse o velo de ouro, guardado num bosque da Cólquida. Jáson chefiou uma grande expedição, da qual faziam parte príncipes gregos, no navio "Argo"; e depois de várias peripécias, foi bem-sucedido na empresa, graças a Medéia (filha de Aietes, rei da Cólquida) que se apaixonou pelo jovem herói, o auxiliou e com ele fugiu. Voltando a Iolco, Jáson descobriu que, durante a sua ausência, Pélias tinha matado o irmão Éson; então vingou-se por meio dos feitiços de Medéia, que convenceu as filhas do velho Pélias a esquartejar e cozinhar os membros do pai para rejuvenescê-lo. Acasto, filho de Pélias, subiu ao trono e perseguiu Jáson e Medéia, que fugiram para Corinto, onde foram recebidos pelo Rei Créon. Jáson, tendo repudiado Medéia, está para desposar Creusa, filha de Créon: é neste momento que começa a tragédia, de Sêneca.*][60]

Prólogo

MEDÉIA

Ó deuses do himeneu, e tu, ó Lucina, vigilante do leito nupcial; e tu que ensinaste a Tífis[61] a arte de guiar o primeiro navio para conquistar os mares; e tu, altivo dominador do pélago,[62] e tu, ó Sol, que distribuis sobre a Terra a luz do dia; e tu, ó tríplice Hécate,[63] que dá às misteriosas cerimônias uma cúmplice claridade; ó vós, divindades que Jáson quis como testemunhas de seus juramentos para comigo, e vós, que Medéia deve suplicar entre todas as divindades, caos da eterna noite, reino oposto àquele do céu, ímpios Manes,[64] e tu, dono do triste império,[65] e tu, sua esposa,[66] raptada por um mais fiel amante; — vos invoco com as minhas imprecações. Agora, agora deveis assistir-me, ó deusas, vingadoras do crime: os cabelos desarrumados, entrelaçados de serpentes, firme nas mãos sanguinolentas um lúgubre archote, assisti-me, ó deusas, tão horríveis como quando fi-castes perto de meu leito nupcial. Matai a nova esposa, matai o sogro[67] e toda a família real. E a mim, dai um outro mal, mais terrível que a morte, para que eu possa oferecê-lo ao meu esposo: que ele viva, errando pobre por cidades desconhecidas, desterrado, espantado, abominado, sem lar; que ele me deseje como esposa e encontre a porta fechada, hóspede já muito conhecido. E — não é possível pensar nada mais horrível — possa ele gerar filhos semelhantes ao pai, semelhantes à mãe. Quando eu dava à luz os meus filhos, dava à luz a minha vingança. Mas em vão lamento-me e falo. Não irei contra os meus inimigos? Arrancarei de suas mãos os archotes, arrancarei ao céu a luz. O ancestral de minha raça, o Sol,[68] contempla este espetáculo: não se deixa ele contemplar e não percorre, sentado como de costume em sua carruagem, os serenos espaços do céu? Não volta ele ao lugar, de onde se levantou, não faz ele recuar o dia? Concede-me, concede-me ser transportada através das nuvens pela carruagem paterna, concede-me as tuas rédeas, ó pai; permite-me guiar com teus chicotes flamejantes os cavalos de fogo. Corinto, que apresenta a dois mares o obstáculo de sua dupla praia, será queimada pelas chamas, deixando reunir as ondas. Não me resta senão eu mesma levar a tocha de pinho que precede o cortejo nupcial e, depois das preces para o sacrifício, golpear sobre o altar as vítimas consagradas: em suas vísceras procura o caminho da vingança, ó minha alma, se tu és ainda viva e te resta uma sombra da antiga força. Deixa de lado o medo feminino e reveste teu espírito com todas as cruel-

dades do Cáucaso. Todos os crimes que o Ponto e o Fásis puderam ver, serão vistos pelo Istmo.(69) *Insensatos, incríveis, horríveis, espantosos para o Céu e a Terra são os desígnios que se agitam no âmago de meu cérebro: feridas, mortes, membros esparsos e sem exéquias. Mas são demais medíocres os crimes que agora estou lembrando... Tudo isto eu fiz, quando virgem; é preciso que minha dor se levante ainda mais terrível: agora que sou mãe, meus crimes devem ser maiores. Arma-te de cólera, prepara-te para aniquilar com um furor que vai até ao paroxismo. Que a cena de tua renúncia seja igual à de tuas núpcias! Como deixarás o teu esposo? Como o seguiste. Sufoca tuas moles perplexidades! Esta casa, onde tu entraste por um crime, por um crime deves deixá-la* [sai].

Primeiro intermédio

O Coro

Às núpcias reais assistam benéficas as divindades do céu e do mar, assim como uma multidão comovida. Que primeiramente um cândido touro, de cabeça erguida, avance para os sacerdotes de Júpiter; que a sua fêmea, que tem o corpo níveo e nunca levou o jugo, aplaque Lucina. Quanto àquela[70] que retém as sangrentas mãos de Marte, aquela que dita a paz entre as nações beligerantes, aquela que em sua cornucópia reúne toda riqueza, ela receberá, sendo mais meiga, uma vítima mais tenra. E tu[71] que favoreces as núpcias legítimas e dissipas as trevas com a mão propícia, avança com passo pesado pela ebriedade, cingidas as têmporas com uma coroa de rosas. E tu[72] que precedes o dia e a noite, astro que voltas sempre demais lentamente para o desejo dos amantes, deverias aparecer — conforme o desejo das mães e das noras — o mais cedo possível com teus luminosos raios.

A beleza desta virgem supera de muito a das filhas de Cécrope[73] e das virgens que a cidade sem muralhas[74] manda exercitar-se, como se fossem moços, sobre os cumes do Taígeto;[75] de muito supera a beleza das virgens que são banhadas pelas ondas do Aônio[76] e pelas águas sagradas do Alfeu.[77] Ao aparecer de tão grande beleza, Jáson vence o filho do funesto raio que subjuga os tigres ao seu carro;[78] vence o irmão da virgem altiva, o deus que anima as trípodas;[79] vence Cástor e Pólux[80] vencedor nos certames do cesto. Possa — ó habitantes do céu, eu vos imploro! — possa esta mulher superar todas as esposas; possa o seu esposo superar todos os homens!

Quando ela se dirige para o meio do coro feminino, o seu rosto faz desaparecer todos os outros rostos. Assim o Sol ofusca a luz das estrelas; e a multidão das Plêiades[87] se esconde quando Febo restringe seus cornos arcados num disco que brilha de falsa luz. Assim a cor da neve se torna vermelha, misturando-se com a púrpura fenícia; assim o Sol aparece, na aurora, ao pastor molhado pelo matinal orvalho. Arrebatado às núpcias horríveis da filha do Fásis,[82] acostumado a agarrar com medo e forçosamente o corpo de uma esposa furente, apossa-te com alegria da virgem eólia, casando com o consentimento de seu parentes. Ó moços, entregai-vos aos jogos permitidos neste dia; jogai vossos versos aqui e acolá: esta licença com os príncipes é raramente permitida. Ó filho radioso e generoso do tirsígero Lieu,[83] é tempo de acender as tochas de pinho fendido: faze brotar por meio de teus dedos entorpecidos a solene chama. Que o mordaz fescenino espalhe seus motejos; que a multidão se entregue a suas zombarias. Silenciosamente, nas trevas se afaste aquela[84] que, fugindo, uniu-se com um homem estrangeiro.

Primeiro episódio

MEDÉIA

Tudo está perdido: o canto nupcial chegou a meu ouvido. Imensa dor! Ainda não posso crer em tão grande desgraça. E Jáson pôde fazer tudo isso? Depois de me haver tirado o pai, a pátria, o reino, ele teve a coragem de deixar-me sozinha, numa terra estrangeira? Não tem coração: esqueceu o bem que eu lhe dei, ele que, somente por meio dos meus crimes, conseguiu vencer o fogo e o mar? E pensa ele, então, que eu tenha esgotado a série dos meus crimes? Incerta, exacerbada, não sinto eu talvez que a loucura me incita para a vingança? Oh, se ele tivesse um irmão! Ele, ao contrário, tem uma esposa. Eis: é ela que devo alcançar... Mas tudo isso poderá compensar minha angústia?

Ó minha alma, se os povos da Grécia ou as bárbaras nações conheceram um requintado suplício que as tuas mãos ainda ignoram, agora deves pô-lo em prática. Os teus mesmos crimes perpetrados no passado devem incitar-te; e tu repete-os todos: o velo de ouro raptado, que foi glorioso ornamento do teu reino;(85) o pequeno companheiro esquartejado por mim, ímpia virgem, e seu mísero corpo jogado perante os olhos do pai e depois espalhado aos pedaços no mar;(86) e os membros do velho Pélias cozinhados numa bacia de cobre. Oh! quantas vezes eu derramei criminosamente um infausto sangue! Mas nenhum desses crimes foi praticado em momentos de ira: era o meu infeliz amor que me armava a mão...

Mas que devia fazer Jáson, dominado pela vontade e pelo direito deste estrangeiro?(87) Oh, sim: ele devia deixar-se matar antes... Ó minha louca dor, vê se podes falar com maior juízo! Se for possível, Jáson deve viver, deve ser meu, como o foi até agora; se não for possível, viva igualmente, lembre-se de mim e conserve tudo o que os meus benefícios lhe deram. A culpa inteira é de Créon: servindo-se da autoridade de seu cetro, ele corta o nosso conúbio, tira de seus filhos a mãe, quebra uma fé ligada por estreitos liames. Ele só deve ser punido conforme a justiça. Eu quero transformar a sua casa num amontoado de cinzas. O promontório Meléia,(88) que afasta os navios num mais longo rumo, poderá ver, embora tão distante, um negro vórtice de chamas subir ao céu.

A AMA

Silêncio! Eu te suplico: tua secreta dor deve chorar no âmago do coração. Somente quem sabe agüentar até ao fim, com calma e paciência, uma grave ferida, sabe depois

vingar-se: a cólera dissimulada é prejudicial; o ódio abertamente declarado perde todo meio para a vingança.

MEDÉIA

Leve é a dor que pode refletir e usar a dissimulação: os grandes males não podem ser escondidos. Resolvi passar ao ataque.

A AMA

Ó criatura que eu nutri, susta teu ímpeto insensato: o silêncio poderá salvar-te.

MEDÉIA

A sorte tem medo dos fortes e oprime os covardes.

A AMA

A coragem é louvável só quando se mostra oportunamente.

MEDÉIA

A coragem não é jamais fora de propósito.

A AMA

Nenhuma esperança poderia aliviar tuas desgraças.

MEDÉIA

É quem não tem mais esperança que não deve absolutamente desanimar.

A AMA

A Cólquida está longe: teu marido te traiu; nada te fica de tantas riquezas.

MEDÉIA

Resta-me Medéia: e nela tu vês o mar e a terra, o ferro e o fogo, os deuses e os raios.

A AMA

Terrível é o rei.

MEDÉIA

Meu pai também foi rei.

A AMA

Não tens medo de suas armas?

MEDÉIA

Não, se forem terrenas.

A AMA

Tu morrerás.

MEDÉIA

Desejo-o.

A AMA

Vai embora.

MEDÉIA

Tive que queixar-me por ter fugido.

A AMA

Medéia...

MEDÉIA

Tornar-me-ei Medéia.

A AMA

Tu és mãe.

MEDÉIA

Por quem, tu vês.

A AMA

Hesitas em fugir?

MEDÉIA

Vou fugir, mas não antes de ter-me vingado.

A AMA

Seguir-te-á o castigo.

MEDÉIA

Encontrarei talvez a maneira de fazê-lo parar.

A AMA

Cessa de falar, ó insensata, susta tuas ameaças, teus pensamentos audazes: convém ceder perante as circunstâncias.

MEDÉIA

A sorte pode tirar-me os recursos, mas não a coragem. — Quem, com tanta força, faz chiar a porta do palácio real? É Créon, ele mesmo, o rei que, cheio de orgulho, reina sobre os Pelasgos.(89)

CRÉON

[*vendo de longe a mulher*] Medéia, criminosa filha de Aietes, ainda não saiu do meu reino? Ela trama algum outro crime: conheço sua perfídia, conheço sua mão. Quem ela poupará? Quem ela deixará viver livre e seguro? Estava preparando-me para aniquilar, o mais depressa possível, este execrável flagelo; mas os rogos de meu genro me venceram. Deixei-lhe a vida: liberte o meu país de sua inquietadora presença e poderá ir embora sossegada. Ei-la: aproxima-se com insolência e com ar ameaçante quer falar, aqui, perto de mim. Escravos, não permiti que ela possa tocar-me, nem que se aproxime, nem que fale: ela deve aprender, pelo menos uma vez, a submeter-se às ordens de um rei. [*dirigindo-se a Medéia*] Vai embora, o mais depressa possível, monstro horrível e medonho.

MEDÉIA

Por qual crime, por qual culpa sou condenada ao desterro?

CRÉON

Esta mulher inocente pede-me a causa de sua expulsão.

MEDÉIA

Se tu és juiz, ouve-me; se tu és tirano, manda.

CRÉON

Justo ou injusto, deves submeter-te a uma ordem do rei.

MEDÉIA

Nunca um poder iníquo dura por muito tempo.

CRÉON

Vai queixar-te na Cólquida.

MEDÉIA

Para lá voltarei; mas quem me trouxe aqui, lá me deve reconduzir.

CRÉON

Tua reclamação chega tarde demais: minha sentença foi pronunciada.

MEDÉIA

Quem delibera sem ter ouvido uma das partes, falta ao seu dever de eqüidade, mesmo se a sentença pronunciada é justa.

CRÉON

Ouviste Pélias antes de tirá-lo do suplício? Podes falar: é bom dar a uma tão boa causa a possibilidade de ser defendida.

MEDÉIA

Como seja difícil afastar da cólera um espírito já excitado, como a perseverança de ficar no caminho iniciado seja um privilégio de quem orgulhosamente reina, tudo isso eu o aprendi no meu palácio real: de fato, embora entristecida pelo miserável infortúnio, expulsa, suplicante, sozinha, abandonada, vexada em qualquer lugar, todavia no passado brilhei pela glória de meu pai; e é de meu avô, o Sol, que eu gloriosamente procedo. O território todo que o Fásis banha com os seus tranqüilos meandros; e o território que atrás de si deixa o mar da Cítia,(90) lá onde a água dos pântanos adoça a dos mares; e o território que espanta as virgens armadas de peltas e rodeadas pelas ondas do Termodonte;(91) eis o que meu pai tem sob o seu cetro. Nobre, feliz, poderosa, distinguia-me por esplendor real: naquele tempo procuravam as minhas núpcias os pretendentes que agora, por sua vez, são procurados. A sorte — veloz, inconstante, perigosa — tirou-me do reino, deu-me o exílio. Confie-se, então, no trono quando a sorte volúvel dispersa a seu arbítrio as maiores riquezas! O privilégio magnífico e imenso que os reis possuem (e nunca poderão perdê-lo) é o poder de ajudar os infelizes e de dar um seguro abrigo aos suplicantes. Só isto trouxe comigo do reino da Cólquida: a glória ilustre da Grécia, sua mais bela flor, o baluarte da raça aquéia,(92) a prole dos deuses foram salvos por mim.(93) A mim é devedor Orfeu que com seus cantos encanta as rochas e atrai as selvas; a mim são devedores os gêmeos Cástor e Pólux, e os filhos de Bóreas,(94) e Linceu(95) que através do oceano enxerga com um simples olhar os objetos longínquos, e todos os outros Mínios.(96) Não falo do chefe(97) destes chefes, pelo qual nada me é devido; nem o ponho na conta: por vós reconduzi os outros, ele só por mim. Agora, acusa-me e reúne os meus crimes: eu os confessarei. Podem acusar-me de um crime só: a volta de "Argo". Mas se eu, naquele tempo, tivesse optado pelo pudor e por meu pai, toda a terra dos Pelasgos teria perecido, com todos os seus chefes: primeiro, teu genro, morto pelo feroz touro que emana chamas.(98) Seja qual for a sorte que vai oprimir minha causa, não me arrependo por

ter salvo o que era o orgulho de tantos reis. Quanto ao único prêmio que obtive por todos esses crimes, está em tuas mãos. Se for do teu agrado, condena a ré; mas devolve-lhe o que a torna criminosa. Eu sou culpada, confesso-o, ó Créon; mas tu o sabias, quando abracei teus joelhos e com súplicas implorei a leal proteção de teu direito tutelar. Ainda uma vez peço-te para as minhas misérias um recanto, um abrigo, um humilde refúgio: se queres expulsar-me da cidade, dá-me pelo menos um asilo no lugar mais longínquo de teu reino.

CRÉON

Não sou homem que tenha o cetro com tirania; nem quero espezinhar os infelizes: acho tê-lo mostrado claramente, escolhendo por genro um desterrado oprimido pelos males e temeroso, pois Acasto,(99) rei da Tessália, ameaça-o de castigo e de morte. Esse rei queixa-se: seu pai, velho, trêmulo e acabado pelos anos, foi massacrado e o cadáver esquartejado quando, enganadas pela tua perfídia, as devotas filhas ousaram um ímpio crime. Se tu separas tua causa da sua, Jáson pode justificar-se: o sangue não manchou sua inocência, sua mão não pegou a espada e permaneceu puro, pois não foi vosso cúmplice. Mas tu, tu, inspiradora de odiosos crimes; tu que em tuas ações reúnes uma malvadez feminina a uma força viril e a uma completa inconsciência, vai embora, liberta de tua presença o meu reino, leva contigo tuas ervas letíferas, tira de meus súditos o medo. Vai para outra terra, onde poderás importunar os deuses.

MEDÉIA

Tu me forças a ir embora? Então, devolve à desterrada o seu navio; devolve o seu companheiro: por que me ordenas fugir sozinha? Não estava sozinha quando aqui cheguei. Se tens medo de sofrer uma guerra, manda-nos ambos embora de teu reino. Por que fazes esta distinção, entre os dois cúmplices? Foi por ele que Pélias foi morto, não por mim. Acrescenta a minha fuga, os meus roubos, meu pai traído, meu irmão esquartejado; em suma, todos os crimes que meu marido agora ensina ainda a suas novas esposas: tudo isso não deve ser imputado a mim, porque se me manchei de todos esses crimes, nunca foi para meu proveito.

CRÉON

Já deverias estar longe daqui: por que estás adiando a partida com esses discursos?

MEDÉIA

Indo embora, suplicante, quero dirigir-te um supremo pedido: que o crime da mãe não recaia sobre os filhos inocentes.

CRÉON

Vai: eu os receberei nos meus paternos braços, como um pai.

MEDÉIA

Pelos felizes auspícios destas núpcias reais, pelas esperanças que estas suscitam para o futuro, pela sorte dos impérios que a instável Fortuna agita com suas alternas vicissitudes, rogo-te: concede a quem está para ir embora uma breve dilação, o tempo para dar aos meus filhos o beijo supremo de sua mãe, talvez moribunda.

CRÉON

Tu pedes tempo para alguma nova perfídia.

MEDÉIA

Qual perfídia tu podes temer de mim, num tão curto espaço de tempo?

CRÉON

Um perverso nunca tem pouco tempo demais para prejudicar.

MEDÉIA

Recusarás, então, a esta infeliz um pouco de tempo para chorar?

CRÉON

Embora o medo que penetrou em mim me leve a recusar, concedo-te um dia só a fim de que te prepares para o desterro.

MEDÉIA

É demais: podes tirar uma parte. Eu mesma tenho pressa de ir embora.

CRÉON

Serás degolada se não deixares o Istmo antes que Febo tenha trazido novamente a luz do dia. — Mas as sagradas cerimônias das núpcias me chamam e este dia consagrado a Himeneu reclama minhas preces.

Segundo intermédio

O Coro

Foi ousado demais quem por primeiro, num tão frágil barco, fendeu as ondas infléis e, vendo fugir atrás de si as praias natais, se entregou ao capricho dos ventos: atravessando os mares numa arriscada corrida, ele ousou confiar numa sutil tábua de madeira, pequena linha de separação entre a vida e a morte. Ainda nenhum homem conhecia o movimento dos astros e não se servia das estrelas que constelam o céu: as embarcações não podiam evitar as chovediças Plêiades, nem a constelação da Cabra de Oleno(100) ou o carro que o velho Boote(101) segue e dirige lentamente nas regiões árticas; Bóreas e Zéfiros(102) não tinham ainda um nome.

Tífis ousou desfraldar as velas sobre o vasto mar e ditar novas leis para os ventos, ora estendendo completamente as telas, ora procurando não pegar o Noto(103) senão de través, afrouxadas as escotas, ora fixando as vergas no meio do mastro, às vezes içando-as até ao cimo quando o marujo ávido demais quer aproveitar todas as forças do vento e no alto do cesto da gávea desfralda o pendão vermelho.

Nossos antepassados viveram séculos de inocência, quando longe estava a fraude. Cada um, sossegadamente, contentava-se de sua praia e envelhecia na terra dos pais, rico de pouco e ignorando outros tesouros, exceto os produtos do solo natal. Mas o navio construído com pinho tessálico(104) aproximou as terras tão bem separadas pelas leis da natureza; e obrigou as águas a suportar os golpes do remo e o mar misterioso a tornar-se um dos nossos temores. Duramente foi castigado o audaz navio que percorreu uma longa série de perigos, quando de um lado e de outro os dois montes que se esbarravam no caminho(105) fizeram ouvir um espantoso estrondo e a água comprimida salpicou as estrelas e até as nuvens. O audaz Tífis empalideceu e deixou escapar das mãos inertes o leme; Orfeu emudeceu; e o navio "Argo", também ele perdeu a voz.(106) E quando a virgem do Peloro siciliano,(107) rodeada por uma multidão de cães raivosos, fez emudecer num só instante todos os uivos, quem não sentiu calafrios ouvindo tantos gritos emitidos por um só monstro? E não é certo que, quando as terríveis criaturas(108) encantaram com sua voz melodiosa o mar da Ausônia,(109) o trácio Orfeu, acompanhando-se com a lira piéria,(110) quase atraiu a Sereia, acostumada a reter os navios com o seu canto?

Qual foi o preço desta empresa? O velo de ouro; e este flagelo pior que o mar: Medéia, digno prêmio para os

primeiros navegadores. Agora, as ondas são vencidas e sofrem todas as nossas leis: não há mais necessidade de um "Argo" construído pelas mãos de Atenas e cheio de glória pela honra de conduzir reais remadores; agora o menor barco percorre o pélago: todos os limites foram revolvidos, as cidades edificaram as suas muralhas em novas terras, nada ficou em seu lugar primitivo sobre a terra aberta a todos. O indiano bebe as águas geladas do Aras, o persa as águas do Elba e do Reno.[111] Daqui a alguns séculos, chegará um momento em que o oceano abrirá as barreiras do mundo: abrir-se-á uma terra imensa, Tétis[112] descobrirá um novo mundo e Tule[113] não será mais o mais longínquo ponto da Terra.

Segundo episódio

A Ama

Filha, onde vais, longe de tua casa, tão rapidamente? Pára, reprime teus furores, contém teus ímpetos. [*longe de Medéia, que se agita furiosamente*] Assim como uma ménade(114) tomada pelo delírio divino, quando o deus, que a possui, já lhe tirou a razão, erra doidadamente no cume do nevoso Pindo ou nos montes de Nisa,(115) assim ela corre com passo louco, levando no rosto todos os sinais da furiosa demência. Suas faces são inflamadas; sua respiração é ofegante. Grita; pelos olhos jorram abundantes lágrimas; serena-se: não há nenhuma paixão que ela não experimente. Hesita, ameaça, arde, queixa-se, geme. Onde irá cair o peso de seu ódio; onde irão parar suas ameaças; onde se quebrantará esta agitação? Seu furor transborda. Não é um crime comum nem medíocre o que ela está meditando: ela vai superar a si mesma, pois eu conheço os sinais de suas precedentes cóleras. Alguma coisa de grandioso se está preparando: alguma coisa atroz, inumana, ímpia. Vejo o indício do furor. Possam os deuses desmentir os meus pressentimentos!

Medéia

[*como falando a si mesma*] Se tu procuras, ó mísera, até onde deve chegar o ódio, pode medi-lo sobre o amor. Posso eu sofrer, sem vingar-me, à vista destas núpcias reais? Posso eu passar na inércia este dia, que foi pedido e obtido com tantas preces? Enquanto a terra sustentar o céu; enquanto o resplandencente firmamento desenrolar suas regulares revoluções; e a areia for incalculável; e o dia seguir o Sol e os astros a noite; e o pólo apresentar as Ursas(116) sempre longe das ondas; e os rios se jogarem ao mar; — jamais o meu furor de vingança poderá parar: aliás, cada vez mais se tornará maior. Qual animal selvagem, qual Cila, qual Caribdes(117) que devora as ondas da Ausônia e da Sicília; qual Etna que oprime um Titã ofegante,(118) poderia vomitar mais ardentes ameaças? Nem uma fera impetuosa, nem um mar furioso, nem o terrível Ponto(119) agitado pelo noroeste, nem a violência das chamas avivadas pelo vento poderiam conter o ímpeto de minha ira: eu vou abater, vou revolver tudo. — Ele(120) teve medo de Créon e das armas do rei da Tessália? O verdadeiro amor não tem medo de ninguém. E se ele teve que ceder à força e dar-se por vencido, pelo menos podia procurar sua esposa e falar-lhe uma última vez. Disso também ele teve medo, esse homem tão altivo. E, como genro do rei, podia adiar o momento deste cruel desterro:

por dois filhos concederam-me um só dia. Mais eu não me queixo da brevidade desta dilação: é maior do que me seria preciso. Vai acontecer neste dia, sim vai acontecer um fato inolvidável. Irei até contra os deuses e tudo revirarei.

A Ama

[*voltando para perto de Medéia*] Recupera, senhora, tua alma abalada pelas desgraças, acalma teu rancor.

Medéia

Não terei descanso senão vendo aniquilado comigo o universo todo. Tudo deve desaparecer comigo. É agradável, quando se perece, arrastar outrem à ruína.

A Ama

Vê quantos perigos te ameaçam, se continuar em tua obstinação: ninguém pode impunemente atacar os poderosos.

Jáson

[*entrando, ainda longe das mulheres*] Ó destino sempre cruel, ó sorte dura e igualmente perversa, seja quando me poupas, seja quando me abates! Quantas vezes a divindade inventou para mim remédios ainda piores do que os meus perigos: se eu quisesse mostrar-me fiel a uma esposa merecedora, deveria expor minha cabeça à morte; não querendo morrer, devo, ai de mim!, faltar à minha fé. Não foi o medo que venceu em mim a fidelidade, foi a minha trépida piedade, pois à morte de meus filhos seguiria a de seu pai. Sagrada justiça, se tu habitas o céu, eu te chamo e invoco como testemunha: foram os filhos que venceram o pai; ainda mais: mesmo sua mãe, apesar de sua altivez e de seu coração rebelde ao jugo, teria preferido — estou certo — a salvação de seus filhos às suas núpcias. Resolvi desarmar sua ira com as súplicas. [*aproximando-se*] E, justamente, ei-la: à minha vista, estremeceu, furiosa. Ela transpira ódio: todo o seu desgosto lhe está pintado no rosto.

Medéia

Vou fugir, Jáson, vou fugir. Mudar de sede não é novo para mim. Nova é a causa da minha fuga, pois, até agora foi por ti que sempre eu fugi. Afasto-me, vou-me embora. Mas, forçando-me a deixar os teus Penates,(121) para onde tu me mandas encontrar outros? Chegarei ao Fásis, à Cólquida, ao reino de meu pai, aos campos que foram avermelhados pelo sangue de meu irmão? Quais são as terras que tu me ordenas alcançar? Quais são os mares que tu me designas? O estreito do Ponto,(122) onde guiei a nobre turma dos príncipes, seguindo meu sedutor, através das Simplégades?(123) Alcançarei a pequena Iolco ou a tessálica Tempe?(124) Todos os caminhos que eu te abri, fechei-os para mim. Para onde, então, tu me reenvias? Tu

prescreves a uma exilada o desterro, sem indicar-lhe o lugar! Precisa ir embora. É o genro do rei quem me dá a ordem. Aceito tudo. Acrescenta ainda os mais terríveis suplícios: mereci-os. Que o ódio do rei encubra com cruentas torturas a amante; que minhas mãos sejam amarradas com correntes; que seja jogada na eterna noite de um cárcere: sofreria ainda menos do que mereço. — Ser ingrato, lembre-se tua alma do touro que soprava fogo; e, no selvagem terror de uma raça indômita, lembre-se do rebanho de Aietes que jogou o fogo sobre o campo onde nasceu uma tropa de homens armados; lembre-se enfim dos dardos lançados por estes inimigos surgidos de improviso, quando, por minha ordem, esses belicosos filhos da terra se mataram um ao outro. Acrescenta, além disso, o cobiçado velo do carneiro de Frixo,(125) o monstro sempre acordado que eu forcei a olhar para o céu — ele que sempre ignorou o céu —; o assassínio de meu irmão e tantos outros crimes praticados num só crime, e a mentira com que enganei as filhas do velho Pélias: por minha instigação elas despedaçaram os membros do pai, na vã esperança de vê-lo ressuscitar. Tive um reino estrangeiro, sacrificando o meu: pelos filhos que tu esperas; pelo lar já firme; pelos monstros que eu venci; por estas mãos que nunca poupei quando foi preciso ajudar-te; pelos perigos passados, pelo céu e as ondas testemunhas de minhas núpcias — tem piedade e retribui, na tua presente felicidade, tudo isso a mim que te suplico. Dos famosos tesouros que os Citas roubam nos longínquos países e trazem dos povos brônzeos da Índia (tesouros que o nosso palácio não pode conter, tanto que nós enfeitamos com eles as nossas florestas), de tão grandes riquezas eu não trouxe comigo, no desterro, senão os membros de meu irmão: e também os sacrifiquei a ti. A ti sacrifiquei a pátria, o pai, o irmão, o pudor: eis o dote que eu te dei! Devolve-o a quem agora vai para o desterro.

JÁSON

Créon odiava-te: queria tua morte. Foram as minhas lágrimas que o comoveram. E, somente, te desterrou.

MEDÉIA

Sempre reputei o exílio um castigo; ao contrário, conforme vejo, é um favor.

JÁSON

Enquanto o exílio ainda te é permitido, vai embora, salva-te: a cólera de um rei é sempre terrível.

MEDÉIA

Dando-me este conselho, tu queres favorecer Creusa: desejas libertá-la de uma invisa rival.

JÁSON

É Medéia que me exprobra meus amores?

MEDÉIA

E os assassínios e as perfídias.

JÁSON

Mas, enfim, dize-me: por quais crimes me repreendes?

MEDÉIA

Por todos os crimes que praticaste.

JÁSON

Só resta imputares-me teus próprios crimes.

MEDÉIA

Sim, são teus, teus: quem aproveita um crime, desse crime é autor. Todos podem afirmar que tua esposa é infame: somente tu tens o dever de defendê-la, de proclamar sua inocência. A teus olhos deve ser inocente quem é culpado por te favorecer.

JÁSON

Como é odiosa a vida, quando temos vergonha de tê-la recebido.

MEDÉIA

Não devemos conservá-la, quando temos vergonha de tê-la recebido.

JÁSON

Não seria melhor acalmar teu coração excitado pelo ódio? Pensa nos teus filhos.

MEDÉIA

Renuncio a eles, renego-os, repilo-os. Creusa dará irmãos aos meus filhos?

JÁSON

Rainha, dará irmãos aos filhos de exilados: com o seu poder levantará os miseráveis.

MEDÉIA

Possa nunca chegar o dia funesto em que estes infelizes devam misturar sua gloriosa estirpe com uma estirpe vil, confundindo os descendentes do Sol com os descendentes de Sísifo![126]

JÁSON

Por que, mísera, desejas arrastar-me em tua ruína? Peço-te encarecidamente: vai embora.

MEDÉIA

O próprio Créon ouviu minhas súplicas.

JÁSON

Que posso fazer? Fala.

MEDÉIA

Por mim? Até um crime.

JÁSON

De todo lado um rei ameaça-me.

MEDÉIA

Há algo mais terrível do que eles: eu, Medéia. Põe-nos frente a frente, deixa-nos lutar; e que Jáson seja o prêmio do vencedor.

JÁSON

Eu cedo, oprimido pelos males. Tu mesma receias os golpes da sorte, que já tantas vezes experimentaste.

MEDÉIA

Sempre dominei completamente a minha sorte.

JÁSON

Acasto ameaça...(127)

MEDÉIA

Créon é um inimigo ainda mais próximo. Foge aos dois. Eu, Medéia, não quero forçar-te a armar tuas mãos contra o sogro, nem manchar-te do assassínio de um aliado: ficando inocente, foge comigo.

JÁSON

E como seria possível resistir, se formos ameaçados por uma dúplice guerra, se Créon e Acasto reunissem suas forças contra nós?

MEDÉIA

Acrescenta também os habitantes da Cólquida, acrescenta também Aietes como chefe, reúne os Citas aos Pelasgos: a todos vencerei.

JÁSON

Temo o poderio do cetro.

MEDÉIA

No entanto, parece que o desejas.

JÁSON

A fim de que não seja causa de suspeitas, abrevia esta longa conversa.

MEDÉIA

Ó Júpiter todo-poderoso, é o momento em que deves encher o céu inteiro com teu trovão: estende o braço direito, prepara os teus fogos vingadores e sacode o firmamento todo dilacerando as nuvens. É inútil que a tua mão fique incerta na escolha para lançar suas setas: seja qual for a vítima — eu ou ele — morrerá um criminoso. Acertando em nós, teu raio não poderá errar.

JÁSON

Vê, afinal se podes voltar a idéias razoáveis e a propósitos tranqüilos. Se há, na casa de meu sogro, algo que possa abrandar teu exílio, podes pedi-lo.

MEDÉIA

Minha alma — tu o sabes — pode desprezar as riquezas dos reis: já tem esse hábito. Seja-me permitido, somente, levar comigo, como companheiros de exílio, os meus filhos, a fim de que possa chorar sobre o seu peito. Tu terás outros filhos.

JÁSON

Desejaria atender teu pedido, juro-te; mas o amor paterno mo proíbe. Se quisesse obrigar-me a este sacrifício o rei mesmo, meu sogro, não obteria nada. Eles são minha razão de vida, eles são a consolação desta alma roída pelos sofrimentos. Renunciaria, antes, ao respirar, aos meus próprios membros, à luz.

MEDÉIA

[*como falando a si mesma*] Ele ama de tal maneira os seus filhos? Muito bem. Descobri o ponto vulnerável. [*a Jáson*] Pelo menos, indo embora, seja-me concedido dar a eles as supremas recomendações; possa eu abraçá-los pela última vez: tudo isso será um grande favor. E por fim peço-te a graça de apagar no teu coração as palavras que eu gritei na agitação de meu rancor. Conserva, antes, a

lembrança de minha volta aos melhores sentimentos: de tua memória sejam afastadas as recordações de minha ira.

JÁSON

Tudo isso já está longe de meu espírito. Suplico-te: domina tua ardente alma, modera-a. A calma abranda as calamidades [*sai*].

MEDÉIA

Foi-se. É possível? Tu podes ir embora e esquecer-me? E esquecer tudo o que eu fiz? Já eu saí da tua memória? Não, nunca sairei. Vamos, Medéia: chama o poder de teus malefícios. O fruto de teus crimes é não considerar mais nada como criminoso. Apenas há lugar para a astúcia. Eles têm medo de mim. É preciso, então, atacar lá onde não seja possível haver desconfiança. Vamos, tem audácia, põe em prática tudo o que é possível a Medéia: até o que é impossível. [*à ama*] E tu, minha fiel ama, companheira de minha dor e de meu instável destino, ajuda meus tristes desígnios. Tenho um manto, dádiva divina, orgulho da minha casa e do meu reino: dádiva que o Sol deu a Aietes como sinal de sua origem. Tenho também um colar reluzente — malha de ouro, onde pedras preciosas fazem ressaltar ainda mais o metal — com o qual costumo cingir os cabelos. Os meus filhos levarão à esposa estes presentes, que eu quero impregnar e embeber em sinistros filtros. Imploremos a proteção de Hécate. Prepara o sacrifício fúnebre, estejam prontos os altares, logo a chama crepite no palácio [*saem*].

Terceiro intermédio

O Coro

Nenhuma força — nem da chama nem do vento furioso nem da terrível seta retorcida — pode ser comparada à força de uma esposa repudiada, envolvida pelo fogo do ódio: menos violento é o nubloso Austro[128] quando leva consigo a chuva invernal; menos violento é o Histro quando corre vertiginosamente, destruindo as pontes e inundando as campinas; menos violento é o Ródano quando repele o mar, ou o Hemo quando se derrete em torrentes ao dissolver-se das neves, sob o sol já quente, no meio da primavera. Cega é a paixão que estimula o ódio: não se preocupa de ser moderada nem suporta ser freada, não tem medo da morte, quer espontaneamente jogar-se sobre a espada.

Sede clementes, ó deuses: viva em paz quem conquistou o mar; mas o rei das ondas é furioso, pois o segundo império do universo foi vencido.[129] O jovem[130] que teve a ousadia de dirigir o carro paterno foi queimado pelas chamas que ele mesmo espalhou loucamente pelo céu. Seguir o caminho já percorrido é sempre menos perigoso: é bom passar onde os predecessores encontraram a segurança; é bom não quebrar com violência as sagradas leis do mundo.

Todos os que manejaram os remos do intrépido navio, despojando o Pélion[131] da espessa sombra de suas árvores sagradas; todos os que passaram através dos rochedos vagantes[132] e, depois de ter experimentado todos os perigos do mar, por fim amarraram seu cabo na praia bárbara antes de voltar com o ouro roubado; — todos expiaram com um terrível fim a profanação do império marítimo.

O mar provocado vingou-se das ofensas recebidas: em primeiro lugar Tífis, vencedor das ondas, teve de deixar o leme a um piloto inexperiente, quando na praia estrangeira, longe do reino paterno, caiu e, depois de ter tido um humilde túmulo, desceu entre as obscuras sombras. Foi depois disso que Áulis,[133] fiel à memória do príncipe perdido, reteve longamente em seu porto os navios cansados de deitar âncora.

O filho da musa dos cantos,[134] aquele que com a lira, modulada pelo melodioso plectro, fazia parar as torrentes, calar os ventos, quando as aves, renunciando a seu próprio canto, acorriam perto dele, seguidas pela inteira floresta: — foi esquartejado e seus membros espalhados pelas campinas trácias, enquanto a cabeça flutuou sobre as águas tristes do Ebro:[135] ele chegou novamente às margens do Estige e ao Tártaro já conhecido, mas desta vez para não mais voltar.[136]

Alcide [Hércules](137) abateu os filhos de Aquilão [Bóreas], matou o filho de Netuno que se transmudava em inúmeras formas: depois de ter pacificado a terra e o mar, depois de ter violado o reino do terrível Plutão, estendeu-se ainda vivo sobre o ardente Oeta e ofereceu seu próprio corpo à cruel chama, pois o veneno de um sangue híbrido o consumia, vítima de um presente da esposa.

Anceu foi abatido pelos golpes furiosos de um javali.(138) As tuas ímpias mãos, ó Meleagro, assassinam os irmãos de tua mãe: e tu morres pela mão desta mãe enraivecida.(139) Todos tinham merecido o castigo. Mas qual foi a culpa que com a morte expiou o jovem(140) não mais encontrado pelo grande Hércules, o adolescente raptado pelas correntes de uma água inofensiva? Ide agora, ó heróis, percorrei o oceano, quando uma simples fonte é tão perigosa!

Idmon,(141) quando conheceu a sua sorte, deixou-se devorar por uma serpente nas areias da Líbia. Adivinho verídico para os outros e falso somente para si, Mopso(142) caiu bem longe de Tebas. Se profetizou exatamente o futuro, o marido de Tétis(143) deverá errar, fugitivo; Naúplio,(144) no momento em que estava para arruinar os Argivos com seus pérfidos jogos, será lançado ao profundo mar e o filho perecerá, expiando assim os erros paternos. O filho de Oileu(145) morreu fulminado e ao mesmo tempo afogado; a esposa do rei de Feres,(146) resgatando a sorte do marido, sacrifica por ele a vida. Quanto a Pélias que mandou entregar-lhe, como presa, o velo de ouro sobre o primeiro navio, foi queimado na água de uma pequena caldeira posta no fogo. Ó deuses, já vingastes o mar: poupai quem somente obedeceu.(147)

Terceiro episódio

A Ama

Minha alma está espantada, cheia de horror: é iminente uma grande desgraça. Quanto mais cresce o seu desumano furor, tanto mais ela mesma se exalta e encontra novamente a força que a animou no passado. Amiúde vi Medéia, em delírio, atacar os deuses e suscitar a ira do céu; mas o que ela agora medita é ainda mais extraordinário. De fato, foi-se logo embora daqui com passo agitado pela fúria e chegou a seu funesto refúgio; ela espalha todos os seus materiais: voltam à luz objetos dos quais ela mesma tinha terror desde muito tempo, objetos misteriosos, secretos, escondidos. Depois, estendendo a mão esquerda sobre o lúgubre altar, evoca todos os venenos, que são produzidos pelas areias da abrasada Líbia, todos os venenos que o Tauro[148] gelado pelo frio ártico prende em suas neves eternas; e todos os monstros. Atraídos pelos mágicos encantamentos de Medéia, as raças dos répteis cobertos de escamas deixam seus esconderijos. Eis uma horrível serpente que arrasta seu imenso corpo, vibrando a tríplice língua e procurando a quem deve dar a morte; mas ouvindo o canto, fica imóvel e se enrola em espiral. "São armas fracas demais — ela sussurra; — são dardos demais comuns estes que a profunda terra produz: quero pedir ao céu os seus venenos. Chegou o tempo em que deve ser feito algo mais grandioso do que os malefícios vulgares. Descenda até aqui a famosa serpente que se assemelha a um imenso rio e da qual a Ursa Maior e a Menor sentem os monstruosos apertos (a Grande é propícia aos Pelasgos, a Pequena aos Fenícios): a constelação do Serpentário desaperte enfim as mãos e deixe o réptil cuspir veneno! Às minhas magias aproximem-se Pitão que ousou perseguir as divindades gêmeas,[149] e a Hidra com todos os seus répteis que a mão de Hércules cortava e que imediatamente renasciam.[150] Deixe a Cólquida, ó dragão sempre vigilante, que eu pela primeira vez adormeci com os meus encantamentos."[151]

Depois de invocar todas as raças dos répteis, ela reúne todas as ervas venenosas: as que nascem entre as rochas inacessíveis do Érix;[152] as que, nos montes cobertos de neves, produz o Cáucaso molhado pelo sangue de Prometeu;[153] as ervas, em cujos sucos mergulham suas flechas os habitantes da opulenta Arábia, os Medos, hábeis no manejo do arco, e os velozes Partos;[154] as ervas, cujos sucos são recolhidos, sob um céu gelado, pelos valentes Suevos na floresta Hercínia;[155] as ervas que são produzidas pela terra durante a primavera cheia de ní-

nhos ou quando o frio rigoroso já despojou as selvas de seu ornamento e fechou toda a natureza nas suas neves congeladas; as ervas que levam no caule verdejante as flores venenosas e as ervas cujas raízes espremidas dão origem a sucos nocivos; — todas passam pelas suas mãos. Destas funestas ervas, algumas provêm do tessálico Atos,[156] outras do imenso Pindo; e sobre os cumes do Pangeu outras entregaram sua tenra cabeleira a uma cruenta foice; outras foram alimentadas pelo Tigre que se agita num leito profundo, outras pelo Danúbio, outras ainda pelo Hidaspes que, correndo através das áridas planícies, faz rolar pedras preciosas em suas mornas águas, outras pelo Bétis que deu o seu nome às terras por ele atravessadas e cujas águas, depois de um lento curso, se misturam com as ondas do mar da Espéria.[157] Esta erva, feriu-a o ferro quando Febo faz repontar o dia; os rebentos daquela foram cortados durante a profunda noite; esta, enfim, foi colhida pela unha fadada da feiticeira. Ela pega todas essas ervas mortíferas; espreme o veneno dos répteis, misturando os malefícios de sinistras aves, o coração de um lúgubre mocho e as vísceras arrancadas à uivante coruja quando é ainda viva. Estas são as magias reunidas por esta artista em matéria de crimes: cada uma em seu lugar, tendo umas a força devoradora das chamas, outras a força glacial de um frio que entorpece. A estes venenos ela acrescenta as fórmulas mágicas não menos terríveis. — Mas, ei-la: ressoam seus passos furiosos; e sua voz: as primeiras palavras fazem tremer o mundo inteiro.

MEDÉIA

Eu vos imploro, multidão das sombras silenciosas, deuses dos mortos, caos cego, obscura habitação do tenebroso Plutão, antros da horrível morte situados nas margens do Tártaro. Deixai vossos suplícios, ó almas, acudi para estas novas núpcias. Pare a roda que torce os membros de Ixion,[158] de modo que ele possa pisar a terra; beba Tântalo em paz as águas do Pirene.[159] Vinde todas, ó Danaides,[160] iludidas pelo vão trabalho de vossas urnas sem fundo: este dia precisa das vossas mãos. A pedra que desliza para baixo, liberte enfim Sísifo.[161] Somente o sogro de meu marido deverá receber um castigo ainda maior. E agora, chamado pelos meus encantamentos, ó astro da noite, vem com o teu mais funesto rosto, tendo a ameaça sobre a tríplice fronte.[162]

Para ti, conforme o hábito de nossa raça, soltei os laços de minha cabeleira; percorri a pés nus os lugares mais secretos dos bosques; tirei a chuva das nuvens secas; remexi os mares nas suas profundezas: o oceano, quando venci as marés, teve de fazer recuar as apertadas ondas. Também o céu, perturbado em suas leis, viu no mesmo momento o Sol e as estrelas; e as Ursas trocaram o mar, que lhes é interditado. Mudei a seqüência das estações: em pleno verão a terra cobriu-se de flores, graças aos meus encantamentos; e forcei Ceres[163] a dar uma colheita em pleno inverno. O impetuoso Fásis fez subir as ondas para a nascente; e o Íster que tem muitas fozes deteve preguiçosamente suas águas ameaçadoras entre as

margens. As vagas estrondaram; o mar inchou-se furiosamente, embora os ventos não soprassem; minha voz imperiosa fez desaparecer as sombras numa antiga floresta e voltar ali o dia; Febo parou no meio de sua corrida e a constelação das Iades, abalada pelas minhas magias, vacilou. Eis o momento, ó Febo, para assistir ao sacrifício, que preparei para ti.

Para ti a minha mão sangrenta entrelaçou estas grinaldas amarradas com nove serpentes. Para ti peguei estes membros que foram de Tifeu, o rebelde que abalou o império de Júpiter.(164) Eis o sangue do pérfido Nexo(165) que ele mesmo me deu no momento de morrer; eis a cinza recolhida na fogueira do monte Oeta, cinza que ficou embebida do veneno que fez morrer Hércules.(166) Este archote pertenceu a Altéia, irmã piedosa e mãe ímpia em sua vingança.(167) Estas penas foram deixadas no seu antro inacessível por uma Harpia, que fugia perante Zete.(168) Acrescentem-se estas plumas de uma ave do lago de Estínfalos, ferida pelas flechas mergulhadas no sangue da hidra de Lerna.(169) Ó altares, ouvi vosso sinal: compreendo que as minhas trípodes são agitadas por uma deusa propícia.

Vejo o rápido carro de Trívia:(170) não aquele que ela guia, radiosa, durante a noite, quando seu rosto é completo, mas aquele ao qual faz descrever uma curva mais próxima a nós, quando, triste e com o rosto lívido, é atormentada pelos terríveis encantamentos dos Tessálios.(171) Espalha, então, de teu pálido archote uma sinistra luz no ar, espanta com um novo terror os povos: para te ajudar, ó Díctina, ressoem os preciosos bronzes de Corinto.(172) Para ti, sobre este amontoado de terra ensangüentada, ofereço um solene sacrifício; para ti uma tocha, que foi raptada numa fúnebre fogueira, acendeu estes fogos noturnos; para ti, sacudindo a cabeça e dobrando o pescoço, pronunciei as sagradas palavras; para ti, uma fita liga os meus cabelos soltos, como durante os funerais; para ti agito este lúgubre galho mergulhado nas águas do Estige;(173) para ti, despindo o peito como uma ménade, vou agora ferir os meus braços com a sagrada faca. Que meu sangue caia sobre esses altares: acostuma-te, ó minha mão, a usar o ferro, a ver cair gota a gota o teu querido sangue. Eis: da carne ferida desce o sacro licor.

Se tu te queixas dos meus contínuos pedidos, suplico-te que me concedas o teu perdão: o motivo pelo qual tantas vezes invoco o teu arco, ó filha de Perseu,(174) é sempre o mesmo: Jáson. Agora, tu deves impregnar a capa que vou mandar a Creusa, a fim de que, logo que ela a tenha posto sobre o corpo, uma chama penetre nos seus ossos e a devore até à medula. Um fogo secreto se introduza neste fulvo ouro: aquele que expia com o fígado sempre novo o celeste roubo, Prometeu(175) mesmo me deu este presente e me ensinou a arte de dissimular os seus efeitos. Recebi de Vulcano estes fogos cobertos com uma leve camada de enxofre; e de Faeton, meu parente, provêm estes raios de uma eterna chama. Tenho os fogos que saíram do corpo da Quimera;(176) tenho as chamas que foram raptadas da garganta flamejante do touro:(177) misturando nestes fogos o fel de Medusa,(178) forcei-os a esconder sua virulência. Estimula a força destes venenos,

ó Hécate, conservando nos meus presentes os germes das chamas que eles escondem: possam eles enganar a vista, ser apalpados, penetrar no coração e nas veias, derreter os membros, queimar os ossos, transformar em chamas ainda mais vivas que as tochas os cabelos da nova esposa.

Ah! Obtive o que pedi: três vezes a audaz Hécate deu latidos, três vezes de sua fúnebre tocha fez sair a sagrada chama.

Acabou o encantamento. [*à ama*] Vai chamar os meus filhos, que devem levar à esposa estes preciosos presentes. [*a ama volta com os dois filhos de Medéia*] Ide, ó filhos, prole de uma mãe infeliz, ide granjear com os presentes e inúmeras preces a vossa senhora, a vossa madrasta. Ide e voltai imediatamente a mim, para que eu possa gozar de vossos últimos abraços.

Quarto intermédio

O Coro

Aonde se precipita a sangrenta mênade, levada pelo seu cruel amor? Qual crime prepara em seu impotente furor? Seu rosto inflamado pela cólera torna-se feroz: agitando com arrogância a cabeça, ameaça abertamente o rei. Quem poderia crer que ela foi exilada? Suas faces são avermelhadas e ardentes; depois a palidez afasta o rubor e seu rosto não mantém durante muito tempo a mesma cor. Ela vagueia ao acaso, como uma tigresa privada de seus filhos percorre furiosamente a floresta do Ganges.(179) Medéia não sabe moderar suas cóleras nem seus amores. Agora seu ódio e seu amor se juntaram: que vai acontecer? Quando a nefasta mulher da Cólquida levará seus passos longe do país dos Pelasgos; quando libertará de sua inquietante presença o reino e seus reis? Agora, ó Febo, lança teu carro a rédeas soltas. Que a benéfica noite apague a luz e que este dia tão terrível desapareça diante de Vésper, príncipe da noite!

Epílogo

O Núncio

Tudo é perdido: o reino caiu. A filha e o pai jazem, reduzidos a cinzas.

O Coro

Qual foi a traição que os enganou?

O Núncio

A armadilha comum, pela qual se deixam pegar os reis: os presentes.

O Coro

Mas qual traição podia ser escondida nos presentes?

O Núncio

Eu mesmo estou pasmado: com dificuldade posso crer possível o mal que foi praticado.

O Coro

Como se desenvolveu a desgraça?

O Núncio

Um fogo voraz assola todo o palácio, como obedecendo a uma ordem. O inteiro edifício é destruído. Temo pela cidade.

O Coro

Vamos abafar as chamas com a água.

O Núncio

Não é possível! Eis outro prodígio nesta catástrofe: a água alimenta ainda mais o fogo. Mais se procura abafá-lo, mais cresce sua violência: consome todos os obstáculos [*sai*].

A Ama

[*entrando com Medéia e as duas crianças, que ficam no fundo*] Foge, ó Medéia, longe do país dos Pelópidas:(180) depressa alcança, sem escolher, qualquer outro lugar.

Eu afastar-me daqui? Se eu tivesse saído, voltaria para gozar do espetáculo destas novas núpcias. Para que hesitar, ó minha alma? Estou seguindo o teu feliz ímpeto. Como este esboço de vingança, que tanto te alegra, é pouca coisa! Então, tu amas ainda, ó insensata, pois te contentas de que Jáson fique viúvo. Procura uma maneira especial de castigo: prepara-te para ser ainda digna de ti mesma. Não há mais nada de sagrado para ti, manda embora o pudor: pequena é a vingança que deixa puras as mãos. Inflama novamente teus furores, excita tua indolência que se está afrouxando, faze brotar violentamente do fundo do coração os teus antigos ímpetos. Seja considerado como piedade tudo o que fizeste até agora. Vamos, faze de maneira que se saiba como eram insignificantes e vulgares os crimes praticados para favorecer alguém. Meu ódio não foi senão um prelúdio: era possível ousar algo verdadeiramente grandioso com mãos ainda inexperientes? Com o meu furor de virgem? Agora, só agora sou Medéia: meu talento tornou-se grande no mal. Sou feliz, sim, sou feliz por ter cortado a cabeça de meu irmão; feliz por ter esquartejado o seu corpo, por ter despojado meu pai de seu tesouro sagrado que ele guardava tão cuidadosamente; feliz por ter armado as filhas para que matassem seu velho pai. Ó meu ódio, tu não deves senão procurar um objeto: seja qual for o crime, tua mão não será inexperiente. Então, ó minha cólera, onde te atiras? Quais dardos queres dirigir contra o pérfido inimigo? Não sei o que minha alma feroz decidiu em seu âmago e ainda não ousa confessar a si mesma. Eu fui tola na minha pressa excessiva: ah! se meu odioso esposo já tivesse uns filhos de minha rival! — Mas basta pensar que todos os filhos que ele te deu foram gerados por Creusa. Gosto deste tipo de castigo; e com justa razão: é o crime supremo, eu reconheço-o; e é preciso que minha alma se prepare para isso. Vós, que fostes antes meus filhos, vós deveis expiar os crimes de vosso pai! — O horror fez bater meu coração, meus membros tremem pelo gelo, meu peito sente calafrios. Meu ódio abandonou-me e o amor materno reaparece inteiro em mim, afastando os sentimentos da mulher. Eu, eu vou derramar o sangue dos meus próprios filhos, de minha própria prole? Inspira-te melhor, ó minha demente cólera. Este espantoso crime deve ficar longe de meu pensamento. Qual seria a culpa que estes infelizes iriam expiar? — O seu crime é ter Jáson como pai; e um crime ainda pior: ter Medéia como mãe. Eles devem ser mortos: não são meus... Devem morrer: são meus... Eles não têm culpa, não fizeram nada de mal: são inocentes, confesso-o... Mas também meu irmão era inocente! — Ó minha alma, tu vacilas. Por quê? Por que as lágrimas banham o meu rosto, por que sou arrastada por impulsos contraditórios, entre o ódio e o amor? Uma dúplice agitação produz esta incerteza. Assim como quando os ventos lutam entre si cruelmente e lançam para opostas direções as ondas do mar, umas contra as outras, e o oceano se agita indeciso, assim são as indecisões de meu coração: a ira expulsa a piedade, a piedade

expulsa a ira. Ó minha dor, cede à piedade. — [*chamando os filhos*] Aproximai-vos, ó meus queridos filhos, única consolação de minha casa abatida, aproximai-vos e abraçai com ternura vossa mãe. Possa vosso pai possuir-vos incólumes, com a condição de que também vossa mãe possa possuir-vos. Mas... o exílio, a fuga me esperam. Agora os meus filhos, em lágrimas e gementes, serão arrancados à força de meu peito... Que o pai os perca: a mãe já os perdeu. Novamente cresce minha dor e meu ódio ferve. A antiga Erínis,(181) malgrado meu, apodera-se de meus braços. Ó ira, acompanha-me onde quiseres: seguir-te-ei. Ah! por que a sorte não me deu tantos filhos, quantos foram gerados pela soberba filha de Tântalo?(182) Por que eu não dei a existência a quatorze crianças? Fui estéril demais para minha vingança; mas... o fui bastante para vingar meu irmão e meu pai: dei à luz dois filhos! — Aonde corre esta horda ameaçante de Fúrias?(183) Quem procuram? Contra quem preparam suas flechas de fogo? Contra quem a multidão infernal dirige suas sangrentas tochas? Uma enorme serpente sibila torcendo-se como um chicote que estala. Quem está sendo perseguido por Megera(184) com seu terrível facho? De quem é a sombra hesitante, que avança arrastando seus membros esquartejados? É meu irmão: pede vingança. Ele será vingado. Mas fixa teus archotes em meus olhos, esquarteja-me, destrói-me. Ofereço meu peito às Fúrias. Tu podes comunicar às deusas da vingança que me deixem, que voltem sossegadas para o mundo profundo dos mortos. Deixa-me a mim mesma e serve-te, ó meu irmão, de minha mão, que sabe segurar a espada. — Eis a vítima, com a qual eu vou aplacar os teus Manes [*ela mata um de seus filhos*]. — Que significa este improviso tumulto? Pegam as armas, procuram-me para me matar. Agora que o massacre começou, vou subir ao alto teto do palácio. [*à ama*] Vem comigo, ó minha ama: teu corpo também será levantado daqui, perto de mim. Vamos, ó minha alma: não é mais o momento para gastar secretamente teu poderio. Mostra ao povo o que pode fazer a tua mão [*entra no palácio com a ama e o outro filho, levando também o corpo do filho morto*].

JÁSON

[*entrando*] Acorram todas as pessoas fiéis, pasmadas pela desgraça de seus reis: acorram, a fim de que possa ser capturada quem praticou este horrível crime. Aqui, aqui, coorte de valentes soldados, com vossos dardos: é preciso destruir de cima para baixo a casa!

MEDÉIA

[*aparece no alto do palácio*] Agora já recobrei meu cetro: meu irmão, meu pai, o velo áureo do carneiro voltam ainda para a Cólquida. Encontrei novamente a pátria e a virgindade, que me foram roubadas. Ó divindades, que finalmente se tornaram propícias, ó dia de festa, ó dia nupcial! Vai embora, o crime é consumado, mas não ainda a vingança. Continua, enquanto tuas mãos estão

agindo. Por que hesitas agora, ó minha alma! Por que vacilas agora que podes agir? Já minha ira caiu: arrependo-me do que eu fiz, sinto vergonha... Ó mísera, que fizeste? Arrependo-me em vão, ai de mim: já eu agi. Uma grande volúpia me penetra nos membros, malgrado meu: eis, ela cresce. Não me faltava, para acabar, senão a presença deste espectador. Ainda não fiz nada: todos os crimes que eu pratiquei sem que ele pudesse vê-los, foram inúteis.

JÁSON

Ei-la: assoma ao terraço do teto. Um de vós deve levar até lá o fogo, a fim de que as chamas possam consumir aquela que as ateou.

MEDÉIA

Prepara, ó Jáson, esta fúnebre fogueira para teus filhos e levanta para eles o sepulcro. Tua esposa e teu sogro já receberam as exéquias devidas aos mortos: e fui eu a dar-lhes a sepultura. O primeiro filho já teve a sua morte; quanto ao outro, é sob os teus olhos que terá o mesmo destino.

JÁSON

Peço-te, por todas as divindades, pela nossa fuga comum, por aquelas núpcias que não foram desmanchadas por causa de minha infidelidade, peço-te a vida de meu filho. Se aqui há um criminoso, o criminoso sou eu. Podes matar-me, estou de acordo: sacrifica minha cabeça culpável.

MEDÉIA

Eu vou dirigir o ferro lá onde tu não queres, para o ponto mais dorido. Vai embora, ó soberbo, vai procurar agora o leito das virgens: abandona aquela que tu tornaste mãe.

JÁSON

A morte de um só filho é suficiente para meu castigo.

MEDÉIA

Se somente um morto pudesse saciar minha vingança, não teria praticado aquele crime. Embora matando os dois, será muito pouco para minha dor. Se algum penhor ainda se esconde no meu seio materno, eu procurarei minhas vísceras com o ferro e com o ferro as dilacerarei.

JÁSON

Acaba, então, o crime iniciado. Não te imploro mais: poupa-me pelo menos a espera do suplício.

MEDÉIA

Goza vagarosamente de teu crime, não te apresses, ó minha dor. Este é o meu dia: uso do tempo que me é concedido.

JÁSON

Ó malvada, mata-me.

MEDÉIA

Tu me pedes piedade. Então, eis: está feito [*mata o outro filho*]. Ó minha dor, não tenho mais nada para te sacrificar. Levanta teus olhos cheios de lágrimas, ó ingrato Jáson. Reconheces tuà esposa? [*um carro puxado por duas serpentes desce do céu*] É desta maneira que eu costumo fugir. Abre-se, diante de mim, o caminho do céu: estas duas serpentes apresentam docilmente seus pescoços escamosos ao jugo. Recebe agora os teus filhos, ó pai [*joga aos pés de Jáson os cadáveres dos dois filhos*]. Eu vou levantar-me no ar sobre este carro alado [*sobe com a ama no carro e desaparece além das nuvens*].

JÁSON

Sim, vai pelos infinitos espaços do céu: para provar que não há deuses lá onde tu te elevas.

APOKOLOKYNTOSIS

I — Os acontecimentos que se passaram nos céus durante o dia treze de outubro, primeiro ano de uma nova era de felicidade,[185] eis o que eu quero transmitir à História. E sem ressentimento nem simpatias.[186] Aqui será apresentada a verdade: se por acaso alguém me perguntar de onde tirei estas notícias tão exatas, em primeiro lugar, se não tiver vontade, não responderei. Quem poderá forçar-me a isso? Eu sei que me tornei livre no mesmo instante em que acabou os seus dias aquele que tinha demonstrado a verdade do provérbio: *um homem nasce ou rei ou idiota.*[187] Pelo contrário, se me agradar responder, direi aquilo que me vier aos lábios. Quem exigiu de um historiador deposições juradas? Mas se for preciso apresentar uma testemunha, dirija-se o leitor a quem viu subir Drusila aos céus:[188] ele confirmará ter visto também Cláudio percorrer o mesmo itinerário "passinho por passinho".[189] Queira ou não ele deve ver tudo o que acontece nos céus: é inspetor da Via Ápia, onde passaram — é notório — também o divo Augusto e Tibério César, quando foram para os deuses.[190] Se o interrogarmos, dirá tudo direitinho; mas a sós: no meio de muita gente não abre boca, pois, desde o dia em que no Senado jurou ter visto Drusila subir aos céus — e, como agradecimento por tão bela notícia, ninguém quis acreditar naquilo que ele tinha visto — declarou solenemente que nunca mais faria nenhuma revelação, mesmo que visse matar um homem no meio do Foro. Tudo o que ele me contou, aqui vou transcrever sem mudar uma vírgula: e que tudo isso possa transformar-se para ele em saúde e felicidade.

II —

Já tinha reduzido Febo a luz com caminho mais
[breve

e cresciam obscuras as horas contínuas do Sono;
ao contrário, já Cíntia estendia vitoriosa o seu reino;
já o deforme inverno tirara os presentes jucundos
do outono opulento; já o vindimador, demorando,
de Baco envelhecido os pouquíssimos cachos apa-
[nhava.[191]

Talvez, compreender-se-á melhor se eu disser assim: o mês, era de outubro; o dia, treze. Não sei a hora exata: é mais facil pôr de acordo os filósofos do que os relógios. Bom, a hora: entre meio-dia e a primeira badalada.[192] "Oh! homem sem polidez — dirá o leitor —: em geral, os poetas não se contentam em descrever a aurora e o pôr do Sol: incomodam até o meio-dia. E tu queres deixar de lado uma hora tão bela?"

Já Febo com o carro dividira a metade do curso

e mais perto da noite as bridas, cansado, agitava,
a claridade extrema levando por curvos caminhos.

III — Cláudio dispôs a sua alma para a partida; mas não encontrava a saída. Então, Mercúrio, que sempre gostou do talento dele, chama de um lado uma das Parcas[193] e assim lhe fala:

"Mulher impiedosa, por que deixas padecer aquele infeliz? Nunca terá descanso, depois de tão longas torturas? Durante sessenta e quatro anos ele brigou com a própria alma. Por que não queres dar uma alegria a ele e ao seu povo? Deixa uma vez os astrólogos adivinharem: desde quando se tornou imperador, eles o enterraram cada ano, cada mês. Todavia, não é esquisito que eles não se orientem e que ninguém conheça a hora da morte dele: de fato, ninguém nunca pensou que ele tivesse nascido. Cumpre o teu dever:

"Mata-o; e no trono lhe suceda um outro mais digno."[194]

Mas Cloto retrucou: "Eu tinha pensado, por Hércules, em deixar-lhe alguns dias, somente para poder conceder a cidadania aos poucos que ainda não a possuem: ele decidira ver todos com a toga, Gregos, Gauleses, Hispanos, Britanos.[195] Mas, se acharem melhor deixar alguns estrangeiros, e tu queres isto, então seja assim."

Abriu uma caixinha e pegou três fusos: um era de Augurino, o segundo de Baba, o terceiro de Cláudio.[196] E disse: "Estes três deverão morrer no espaço de um ano, um pouco depois do outro: desta maneira, Cláudio não irá sem companhia. Não é bonito que uma pessoa, a qual até agora viu tantos milhares de aduladores ao seu redor, diante, atrás, por todos os lados, de improviso fique sozinha. Mas, por enquanto, contente-se com esses companheiros."

IV —

Disse; e enrolando sobre o seu fuso funesto os esta-
[mes
interrompeu o curso real duma tola existência.
Láquesis, entretanto, — coroada e enfeitada a cabe-
[ça,
a testa e os cabelos guarnecidos de louro piério, —
cándidos fios deriva do velo que neve parece,
e depois os envolve com dedos espertos: os fios
de nova cor se tingem. Admiram-se disso as irmãs:
a tosca lã no instante em precioso metal se trans-
[forma
e séculos de ouro procedem do fúlgido fio.
Não descansam as Parcas: fiando o magnífico velo
(fadiga entre as mais belas) de rocadas têm cheias as
[mãos!
Corre alegre o trabalho: do fuso que rápido gira
naturalmente descem os dóceis e leves estames:
e vencem de Títão a idade, de Nestor os anos.
Está presente Febo com o canto; e se alegra da sor-
[te:
contente agita o plectro, contente fornece as rocadas.
Prende-as com o canto, com o canto alivia o traba-
[lho.

De fato, enquanto louvam a cítara e o canto fraterno,
flam mais depressa as máos: o notável labor ultra-
[passa
os destinos mortais. "Deste fio nada seja tirado
— Febo sussurra às Parcas — o curso mortal ultra-
[passe
quem a mim se assemelha no aspecto, na graça do
[rosto,
também na voz, no canto. Ele um século de ouro aos
[opressos
vai dar com alegria, vai quebrar o silêncio das leis.
Assim como Lucífero dissipa no céu as estrelas
ou Héspero no céu a volta dos astros anuncia;
assim como, depois das trevas, a Aurora difunde
a rubra luz e o Sol cintilante o universo saúda,
pra fora das barreiras guiando com ímpeto o carro;
assim o novo César aparece, aclamado por Roma
agora será Nero: desprende-se a luz do seu rosto,
do cândido pescoço guarnecido de longos cabe-
[los."(197)

Assim falou Apolo; e Láquesis, que tinha simpatia para com a personagem tão bela, contentou-o plenamente, dando por sua parte a Nero como presente ainda muitos anos.

Quanto a Cláudio, todos gritam:

"Fora da casa seja acompanhado com muitos vivas!"(198)

Entretanto, ele soltou a alma: daquele momento em diante deixou de parecer vivo. Exalou o último respiro, enquanto assistia a um espetáculo de comediantes: eis a razão pela qual eu gosto de estar longe dessa gente.(199) As últimas palavras(200) que ele pronunciou entre os homens (depois ter soltado um som, mais alto do que de costume, pela parte do corpo com que se exprimia mais eloqüentemente) foi esta: "Ai de mim, acho talvez que me sujei."(201) Se era verdade, não sei: o que é certo é que ele sempre sujou em qualquer lugar.

V — Quanto aconteceu, depois, sobre a Terra, é inútil narrá-lo. Todos vós sabeis muito bem; e não há perigo de que possa sair da memória aquilo que a alegria popular gravou tão fortemente: ninguém esquece a própria felicidade. Ouvi, antes, o que aconteceu nos céus: poderá confirmar tudo isso o meu informante.

Anunciam a Júpiter a chegada de um fulano, estatura normal, cabelos quase brancos: "Não deve ter boas intenções, pois abana continuamente a cabeça; e coxeia do pé direito. Perguntei-lhe de onde vinha: respondeu não sei que, com sons indistintos e voz confusa.(202) Não compreendo a sua língua: não é nem grego nem latino, nem de qualquer outro povo conhecido."

Então Júpiter manda chamar Hércules, que viajara pelo mundo inteiro e devia conhecer todos os povos; e lhe pede que investigue a raça daquele sujeito. Hércules, à primeira vista, sentiu grande medo, como se ainda não tivesse acabado de lutar contra os monstros. De fato, logo que viu aquele focinho nunca visto, aquele modo de andar tão esquisito, e ouviu aquela voz rouca e inarticulada, que não era de animal terrestre, mas parecia-se com a dos

monstros marinhos, pensou: "Não acabei: eis meu décimo terceiro trabalho!" Depois, olhando-o melhor, encontrou nele alguma aparência de homem. Aproximou-se e lhe perguntou em grego — coisa fácil para um natural da Grécia:

"Qual o teu nome? o teu povo? a cidade em que moras? os pais?"(203)

Alegra-se Cláudio: lá também há filólofos; e já tem a esperança de poder colocar as suas "Histórias".(204) Então, responde com um outro verso de Homero, para indicar as suas qualidades de César:

"De Ílio os ventos levaram-me à terra onde os Cicones moram."(205)

Na verdade, o verso seguinte teria sido mais exato e igualmente homérico: "Onde toda a cidade saqueei, destruindo os seus homens."

VI — E certamente teria impingido gato por lebre a Hércules, que não é malicioso, se não estivesse ali a deusa Febre, a única divindade que tinha acompanhado Cláudio, deixando o seu templo:(206) todos os outros deuses ficaram em Roma.

"Este indivíduo — assim falou a deusa — é mesmo um pantomimeiro. Posso esclarecer tudo eu, que vivi tantos anos com ele: nasceu em Leão. Apresento-te um patrício de Planco.(207) Repito: nasceu a dezesseis léguas de Viena, é um gaulês autêntico. E como bom gaulês, apoderou-se de Roma.(208) Garanto: nasceu em Leão, onde durante tantos anos, Licínio teve o governo.(209) Agora, tu que percorreste mais caminhos do que qualquer tropeiro profissional, deves conhecer os Leoneses e saber que o Xanto está longe do Ródano mil e mil léguas."(210)

Neste momento, Cláudio pega fogo e desabafa com um barulho danado. Ninguém compreendia nada: certamente, mandava que a Febre fosse presa; e mandava com aquele seu gesto da mão trêmula, todavia firme só para enviar a gente ao cadafalso. Ele tinha dado a ordem de cortar-lhe a cabeça; mas ali todos pareciam ser libertos, pois ninguém lhe dava ouvido.(211)

VII — "Ouve-me — disse então Hércules —: chega de brincadeiras. Aqui, neste país, os ratos comem o ferro.(212) Vamos, dize logo a verdade, se não queres que eu acabe com essas tuas birras." E para que Cláudio tivesse mais medo,(213) Hércules se transforma em ator trágico e declama:

Dize depressa a terra onde nasceste,
se não queres provar esta boa clava
que tão ilustres príncipes matou!
Qual resmungo o teu lábio está cuspindo?
Onde a cabeça trêmula viveu?
Dize logo. No dia em que procurava
as terras hespérias do triforme ret,(214)
para levar o nobre gado a Argo,
um monte eu vi, que a lua nova ilumina
e que sobre dois rios horrendo pende.
O Ródano veloz e imenso corre;
o volúvel Arar procura o curso
e preguiçoso as margens vai lambendo.(215)
Deu-te o sopro da vida aquela terra?

Declamou com muita alma e decisão; todavia não se sentia completamente sossegado, esperando sempre os "raios do idiota".(218) Mas Cláudio, vendo um adversário tão maciço, deixa de lado a conversa fiada, compreendendo que, se em Roma ninguém podia vencê-lo, ao contrário ali não gozava do mesmo privilégio: um galo é dono só na sua estrumeira.(217) Então, falou assim (ou assim pareceu dizer no meio do informe ruído):

"Ó Hércules, fortíssimo entre os deuses, sempre tive confiança em ti e no teu auxílio para com os outros; aliás, se me tivessem pedido um fiador, teria dado o teu nome: tu me conheces melhor do que os outros. De fato, vê se recordas: eu, diante do teu templo em Tívoli, administrava a justiça longos dias a fio nos meses de julho e agosto.(218) Tu sabes quantos tormentos agüentei, ouvindo dia e noite os advogados: se por acaso a sorte te tivesse jogado entre aqueles causídicos, embora acreditando ser muito corajoso, tu terias preferido limpar outra vez os estábulos de Augias: foi muito maior o estrume que eu tive de varrer. Mas querendo agora....."(219)

.....

.....

VIII — "..."(220) Ninguém acha esquisita a tua impetuosa entrada na Cúria: não há obstáculos que tu não possas superar. Todavia, seria bom sabermos qual deus queres que seja este sujeito. Um "deus à maneira epicuréia" não é possível: seria um deus que "não se incomoda por nada e não incomoda ninguém".(221) Um deus estóico? Mas como poderia ser "redondo" — conforme as palavras de Varrão — "sem cabeça nem prepúcio"?(222) Embora... espera um momento: nele há alguma coisa do Deus estóico, pois não tem coração nem cabeça. Vamos! Se ele tivesse pedido o favor da apoteose a Saturno — ele que, verdadeiro príncipe dos saturnais, festejava durante o ano todo o mês deste deus,(223) — não o teria obtido: ainda menos poderia obtê-lo de Júpiter, que ele — quando lhe foi possível — condenou como incestuoso. De fato, condenou à morte seu genro Silano: e, pergunto eu, por quê? Porque, tendo uma irmã, a mais linda moça do mundo, que todos chamavam Vênus, ele preferiu chamá-la Juno!(224) "Oh! — retruca,(225) — gostaria de sabê-lo: por que mesmo a irmã?" — Ignorante, vai à escola: em Atenas é lícito pela metade, em Alexandria por inteiro.(226) Agora, sendo que em Roma — são suas palavras — os ratos lambem as mós,(227) este sujeito quer subir à catedra? Não sabe o que acontece no seu tálamo;(228) certamente, "perscruta os espaços celestes".(229) E quer tornar-se um deus. Não lhe basta ter um templo na Bretanha;(230) não lhe basta que os habitantes o venerem e lhe ofereçam preces como a um deus, "a fim de propiciar-se o idiota!"(231)

IX — No fim, Júpiter lembra-se de que nem aos deuses é consentido, enquanto estiverem pessoas estranhas na Cúria, apresentar e discutir propostas. "Eu, — assim fala, — ó senadores, vos dei licença para pedir explicações; mas aqui, agora, é uma verdadeira balbúrdia. Quero seja observado o regimento interno da Cúria. Qual será a opinião que de nós poderá ter este sujeito, quem quer que seja?"

Cláudio é mandado para fora da sala; e o primeiro a usar da palavra o pai Jano.[232] Este tinha sido designado para as calendas de julho como cônsul da tarde:[233] era um indivíduo que, até onde chega a sua estrada, via "diante de si e, ao mesmo tempo, atrás".[234] Pronunciou um longo e eloqüente discurso, como quem vive sempre no Foro; e o taquígrafo não conseguiu pegar tudo. Por isso, não apresento a oração, para não alterar com palavras diferentes as suas frases. Falou longamente acerca da majestade dos deuses: não se devia dar esta honra a um sujeito qualquer. "Nos tempos idos — conclulu — era grande honra ser feito deus: agora foi tudo reduzido por vós a uma palhaçada.[235] Por isso, para não dar a sensação de julgar mais a pessoa do que o princípio, proponho: de hoje para diante não poderá ser divinizado ninguém entre os que "comem os frutos da terra" ou seja entre os que "são alimentados pela terra pródiga de trigo".[236] Quem, contra este senatus-consulto, for feito ou dito ou pintado deus, seja entregue aos espíritos[237] e, no próximo espetáculo, bem chicoteado entre os gladiadores noviços."

Logo em seguida está com a palavra Diéspiter, filho de Vica Pota,[238] também ele cônsul designado. Modesto cambista, vivia de uma outra profissão: vendia cidadanias ao varejo.[239] Hércules aproximou-se dele com jeitinho e lhe puxou a orelha.[240] Então, Diéspiter formulou assim a sua proposta:

"Considerado que o divo Cláudio é consangüíneo do divo Augusto, e também da diva Augusta sua avó, que ele quis divinizada;[241]

"considerado que ele supera de muito em sabedoria[242] a todos os mortais e que pelo público interesse deve existir alguém em condição de 'comer nabos fervidos' com Rômulo;[243]

"proponho que, desde hoje, o divo Cláudio seja uma divindade com todos os direitos, igual a qualquer outro nomeado anteriormente; e que este ato seja transcrito nas 'Metamorfoses' de Ovídio."[244]

As opiniões estavam divididas; e Cláudio parecia sair vencedor: de fato, Hércules, batendo o ferro enquanto estava quente, corria continuadamente, sussurrando a cada um: "Não me negues este favor, é para mim uma questão pessoal. Amanhã, se precisares, retribuir-te-ei: uma mão lava a outra."

X — Então, foi a vez do divo Augusto, que se levantou e falou com inigualável eloqüência. "Ó senadores, — disse, — vós todos sois testemunhas: desde o momento de minha divinização, nunca abri a boca. Sempre e só cuido de mim mesmo. Mas agora não posso ficar indiferente e sufocar uma dor, que minhhha reserva tornaria ainda mais dura. Para isso procurei na terra e no mar a paz? Para isso acabei com as guerras civis? Para isso consolidei a Urbe com as minhas leis, dei-lhe decoro de obras públicas, a fim de que...[245] Ó senadores, nem sei o que devo dizer: qualquer palavra é nada para manifestar a minha indignação. Não me resta senão recorrer à célebre frase de Messala Corvino, homem de alta eloqüência: tenho vergonha do poder![246] Este sujeito, ó senadores, que

vos parece incapaz de maltratar um mosquito, matara os homens com a mesma facilidade com a qual um cão levanta a pata. Mas para que lembrarei eu tantas e tão ilustres vítimas? Não tem tempo para chorar as desventuras da pátria quem olha para os lutos domésticos. Por isso, deixarei de lado as desventuras da pátria e falarei só dos lutos domésticos, pois, se também minha irmã não sabe o grego, eu conheço-o: é mais próximo o joelho do que a canela da perna.(247) Este sujeito, então, depois de ter ficado por tantos anos à sombra do meu nome, agradeceu-me desta maneira: mandando matar duas Júlias, minhas sobrinhas, uma por ferro, outra por fome; e depois um sobrinho, Lúcio Silano.(248) Júpiter veja se Silano não estava do lado da razão: pelo menos, conforme a justiça, estava do teu lado. Dize-me, ó divo Cláudio, por que todos os que mandaste matar, os condenaste sem processo nem defesa? Onde existe este costume?"(249)

XI — "Aqui, no céu, não — continuou o divo Augusto. — Vê, por exemplo, Júpiter que reina há tantos séculos: somente a Vulcão quebrou uma perna quando o pegou pelo pé, jogando-o dos reinos celestes.(250)

"Brigou com a mulher e a levantou no ar; mas, porventura, a matou?(251) Pelo contrário, tu mataste Messalina: dela, eu era o tio dos pais; e tu mesmo o eras. — "Não sei nada de nada' — gritas.(252) Raio que te parta! É ainda pior essa tua inconsciência do que tê-la matado. E sempre perseguiste o teu predecessor Calígula, também depois de morto.(253) Calígula matou o sogro;(254) Cláudio também o genro.(255) Calígula não quis que o filho de Crasso fosse chamado Magno; Cláudio lhe devolveu o nome, mas lhe tirou a vida. Nesta família, matou Crasso, Magno e Scribônia: três patetas, mas nobres; e Crasso era tão bobo, que até podia ser imperador. Vamos: vós quereis fazer deste sujeito um deus? Ele tem tal físico, que parece ter nascido para enfurecer os deuses... Em suma, se ele proferir três palavras, uma depois da outra, tornar-me-ei seu escravo. Um deus... e quem poderá adorá-lo? quem terá confiança nele? Se criardes deuses como este, ninguém acreditará que vós mesmos sois deuses. Ó senadores, quero concluir: se no vosso meio sempre tive uma conduta honrada; se nunca dei a ninguém respostas rigorosas demais, vingai as ofensas que me foram dirigidas. Conforme as minhas argumentações, eis a proposta que eu apresento."

E, tendo pegado as tábuas de cera, disse:

"Considerado que o divo Cláudio matou o sogro Ápio Silano, dois genros — Magno Pompeu e Lúcio Silano — o sogro da filha — Crasso Frugi, com quem se parecia como se parecem dois ovos;(256) — Scribônia, sogra de sua filha; a própria mulher, Messalina; e todos os outros que não foi possível contar;

"proponho sejam tomadas severas providências contra este sujeito, não lhe seja concedida a faculdade de ser julgado,(257) aliás seja levado daqui quanto mais cedo: saia dos céus no máximo dentro de um mês; para deixar o Olimpo: três dias."

A proposta ganhou os votos da assistência. Imediatamente, Mercúrio(258) pegou-o pelo pescoço e arrastou-o dos céus até aos ínferos, lá

"de onde — dizem — ninguém nunca voltou."(259)

XII — Enquanto desciam pela Via Sacra,(260), Mercúrio pergunta o porquê de aglomeração de gente: seria o enterro de Cláudio? Era o mais esplêndido enterro de todos os séculos; e organizado nos mínimos pormenores: compreendia-se bem que era o enterro de um deus.(261) Tão grande era o número dos flautistas, dos corneteiros, de todos os tipos de tocadores, tão grande era o barulho que até Cláudio o podia ouvir. Todo o mundo estava alegre, em festa: o povo romano passeava, sentindo-se livre. Agatão e alguns rábulas se queixavam de todo coração.(262) E os juízes, pelo contrário, deixavam os seus abrigos, pálidos, emagrecidos, quase que no momento de entregar os pontos: gente que recomeçava naquele instante a viver.

Um destes juízes, vendo os rábulas chorarem a própria sorte, aproximou-se e disse: "Quantas vezes eu falei: não é sempre carnaval!"

Como viu o seu enterro, Cláudio compreendeu que estava morto, pois um grande coro cantava solene hino fúnebre em anapestos:(263)

Chorar devemos,
bater o peito:
ressoe no Foro
triste clamor!
Deu a ossada
um homem grande:
nunca no mundo
viveu um outro
maior varão!
Vencia no curso
em disparada
os mais velozes;
vencia os rebeldes
dos fortes Partos,
vexava os Persas
com flechas leves,
com firme punho
sabia do arco
setas soltar,
para ferir
hoste que foge
ou as pintadas
costas dos Medas.(264)
Impôs o jugo
férreo de Roma
ora aos Britanos
pra além das praias
do noto mar,
ora aos Brigantes (265)
de bruno escudo:
o mesmo pélago
tremeu vencido
sob o ameaço
da nossa lei.
Chorai o grande
que celeremente
mais do que os outros

sabia processos
estudar, uma
só parte ouvindo,
também nenhuma.
Existe agora
um magistrado
que julgue as brigas
no ano inteiro?
Deixa-te o assento
no além-túmulo
que foi já dono[266]
de cem cidades
da grande Creta.
Com mãos aflitas
batei os peitos,
ó causídicos,
raça vendável;
chorai, poetas[267]
novos; e mais
ainda vós
que conseguistes,
jogando os dados,
ganhar fortunas![268]

XIII — Deleitava-se Cláudio, ouvindo os próprios louvores; e queria assistir mais longamente ao espetáculo. Mas Mercúrio, divino mensageiro, pega-o e arrasta-o (tendo-lhe coberto a cabeça para que ninguém pudesse reconhecê-lo) através do Campo de Marte: entre o Tibre e a Via Coberta desce aos Ínferos.[269]

Por um atalho já o liberto Narciso[270] precedera o patrão para fazer as honras da casa; e, à chegada, apresenta-se bem limpo, como quem sai do banho, e grita: "Os deuses misturam-se aos homens?" — "Vamos! — interrompe Mercúrio, — anuncia a nossa chegada."

Imediatamente, Narciso voa. A estrada desce bastante: é fácil descer.[271] E Cláudio, embora gotoso, num instante chega às portas de Dite, onde estava estirado Cérbero, ou, como o chama Horácio, "a fera que tem cem cabeças". Cláudio fica um pouco perturbado (sempre se tinha deleitado com um cachorrinho branco) quando vê na sua frente aquele canzarrão preto e peludo que não gostaríamos de encontrar na escuridão. Mas põe-se a gritar: "Está chegando Cláudio!" Acorre uma multidão festiva: "Alegre-se o mundo inteiro: novamente o encontramos!"[272]

Havia o cônsul designado Caio Sílio, o ex-pretor Junco, Sexto Traulo, Marco Hélvio, Trogo, Vétio Valente, Fábio, cavaleiros romanos que Narciso mandara ao suplício. No meio da multidão ululante, encontrava-se o pantomimo Mnester, que Cláudio tornara, como título de distinção, um divertimento de Messalina.[273] Num relâmpago espalha-se a notícia da chegada de Cláudio: acodem, correndo, os libertos Políbio, Míron, Arpócrates, Anfeu, Feronacto, que Cláudio tinha enviado na frente para não se encontrar em nenhum lugar sem os devidos preparativos; chegam, em seguida, os dois prefeitos Justo Catônio e Rúfrio Polião; depois os amigos Saturnino Lúsio, Pédon Pompeu, Lupo, Céler Asínio, homens de grau con-

sular;[274] enfim, a filha do irmão, a filha da irmã, genros, sogros, sogras, em suma, todos os parentes mais próximos. Formam uma fila, que vai ao encontro de Cláudio. Vendo-os, exclama: "Tudo lotado, aqui, de amigos! Mas como chegastes?" Então Pédon Pompeu lhe grita: "Que dizes, monstro cruel? De que maneira? Quem podia enviar-nos aqui, senão tu, o assassino de todos os amigos? Mas vamos diante dos juízes: mostrar-te-ei os nossos tribunais."[275]

XIV — Então, leva-o ao tribunal de Eaco,[276] que instruía processos conforme a lei Cornélia[277] acerca do homicídio. Pédon pede seja inscrita a causa contra Cláudio e apresenta o ato de acusação: "mortos trinta e cinco senadores, duzentos e vinte e um cavaleiros romanos; e depois todos os outros... quantos são os grãozinhos de pó e areia."[278] Cláudio não encontra um advogado defensor: enfim, apresenta-se Públio Petrônio, seu velho companheiro, homem esperto na linguagem claudiana, e pede um pouco de tempo para preparar a defesa. Não é atendido. Pédon Pompeu[279] sustenta a acusação, no meio de um barulho danado; o defensor gostaria de responder... Mas Eaco, homem justo, pronuncia o veto e condena o réu, depois de ter ouvido somente a acusação, declarando:

"Receba o mal que fez: assim seja feita a justiça."[280]

Seguiu-se um grande silêncio. Todos ficaram estupefatos pela novidade: nunca tinham visto um sistema igual. Todavia, a Cláudio pareceu mais uma injustiça do que uma novidade. Discutiu-se muito acerca do tipo de castigo. Uns sustentavam: Sísifo[281] já fora carregador por bastante tempo; Tântalo, não recebendo socorro, morrera de sede; era preciso brecar a roda de Issião, coitadinho. Mas a proposta foi rejeitada: aposentar aqueles veteranos podia dar a Cláudio a ilusão de ter, num dia futuro, igual tratamento. Decidiram que era necessário encontrar um novo castigo: isto é, inventar para ele uma fadiga vã e, ao mesmo tempo, a ilusão de um novo tormento sem fim e sem resultado. Eis: Eaco condena-o a brincar com os dados, mas usando um copo sem fundo. E Cláudio começa, imediatamente: corre atrás dos seus dados que sempre lhe fogem; e não pode concluir nada:

XV —

E quantas vezes quis jogá-los do copo sonoro,
ambos os dados pelo seu fundo furado escapavam;
e quando, novamente reunidos, ousava jogá-los,
sempre pronto a brincar, sempre pronto a pegar os [seus dados;
ficou desiludido: os dados lhe fogem das mãos,
perenes traidores, escapando às ocultas, distantes.
Assim, quando está para chegar sobre o cume do [monte,
escapa-se das costas de Sísifo o inútil penedo.[282]

De improviso, chega Calígula, que o pede como criado: apresenta testemunhas, que podem afirmar ter visto Cláudio receber chicotadas e bofetadas por parte de Calígula.[283] É adjudicado a Calígula, que o dá de presente a Eaco; e Eaco o entrega ao seu liberto Menandro,[284] para que faça dele um esbirro na instrução dos processos.[285]

NOTAS

(1) O afastamento de Sêneca dos afazeres públicos não se deu de repente, como lembra Tácito ("Annales", XIV, 53-56): está talvez mais certo Suetônio ("Vita Neronis", 35), quando afirma que *saepe* Sêneca pedira ao imperador que o deixasse retirar-se da vida pública e retomasse todas as suas riquezas. O afastamento definitivo deve ter ocorrido em 62, pois que nos últimos meses daquele ano Sêneca ocupou seu *otium*, começando as "Naturales Quaestiones"; e no começo de 63 já se manifestava a animosidade de Nero contra o antigo preceptor (Tácito, "Annales", XV, 23: *gloria egregiis viris et pericula gliscebant).*

(2) Tácito ("Annales", XV, 63) confirma a notícia de que em seus últimos dias Sêneca tinha o corpo exausto por causa do pouco alimento com que se nutria. Mas essa notícia poderia ser muito discutida.

(3) A incongruência já se encontra em Tácito, o qual ("Annales", XV, 60) diz que a morte de Sêneca foi causa de júbilo para Nero, mas não porque tivesse sido provada sua culpabilidade: *non quia conjurationis manifestam [Senecam] comperat [Nero];* e mais adiante ("Annales", XV, 65) refere a voz popular, isto é, que entre os propósitos dos conjurados houvesse o de matar após Nero também Pisão e dar o império a Sêneca, o qual estava a par da idéia (*neque tamen ignorante Seneca*).

(4) Esta herma bifronte estava no Museu de Berlim.

(5) Além da pérda do terceiro e parte do segundo livro do "De Clementia", restam-nos incompletos também "De Vita Beata" e o "De Otio". De outras obras temos somente os títulos e os assuntos: sabemos que Sêneca se interessou muito pelas ciências naturais (terremotos, natureza das pedras e dos peixes), pela geografia (forma do mundo, descrição da Índia), pela moral (acerca dos deveres, da superstição, do casamento, da vida de pai, etc.). Um breve sumário "De Remediis Fortuitorum" serviu de modelo a Petrarca para o seu "De Remedlis Utriusque Fortunae". Um epistolário de 14 cartas de Sêneca e do apóstolo Paulo hoje é considerado apócrifo: é talvez obra tardia de algum apologista cristão, que quis comparar as teorias do filósofo romano com a obra de São Paulo.

(6) Decerto deviam ser mais, se não está errado Aulo Gélio ("Noctes Atticae", XII, 2, 3), citando o livro XXII.

(7) Entre as nove tragédias, as "Phoenissae" (Fenícias), estão apenas esboçadas. Uma décima tragédia ("Octavia") é atribuída a Sêneca; e seria uma *praetexta*, isto é, de assunto romano, tratando da infeliz sorte da mulher de Nero. Mas não é de Sêneca, por duas razões: uma das personagens é o próprio autor, de modo que nos encontraríamos perante um exemplo talvez único do teatro antigo; além disso, há uma referência à morte de Nero, que se deu três anos depois do suicídio de Sêneca. A ação é vivaz (demasiadamente para ser de Sêneca) e não falta de belezas estilísticas: difícil é a procura do autor, que deve ter sido em todo caso um sincero intérprete dos ideais morais e políticos muitas vezes tratados por Sêneca. — Também a respeito das noves tragédias, que chegaram até nós com o nome de Sêneca, surgiram graves dúvidas de autenticidade: foi observado que o filósofo nunca se referiu a tais composições em nenhuma de suas obras; e mais ainda, Quintiliano ("Institutio Oratoria", X, 1, 129), enumerando os gêneros literários cultivados por Sêneca, afirma: *nam et orationes eius et poemata et epistulae et dialogi feruntur.* Ora, sob o apelativo de *poemata* devem ser consideradas as tragédias? Realmente, é assim que Horácio chama às vezes a tragédia ("Ars Poetica", 99 e 276). E Quintiliano ("Inst. Orat.", IX, 2, 8) se refere à

"Medea", atribuindo-a a Sêneca. Em todo caso, um atento exame das nove tragédias nos demonstra que as idéias, as teorias, a moral sustentadas pelas personagens, são bem semelhantes àquelas expostas nos tratados de Sêneca; nem é diferente o estilo, salvo, é claro, os pormenores da linguagem poética.

(8) "Apokolokyntosis" quer dizer exatamente "transformação em abóbora"; apoteose significa transformação do homem em deus; portanto (de *colocynte*, abóbora) transformação em abóbora. Mas, na realidade, na sátira, não se fala dessa metamorfose. Se a obra, como chegou até nós, é completa, *colocynte* é um bem apropriado apelativo de Cláudio ("abóbora, bobo, homem sem intelecto"). Sobre o título dessa obra e sobre suas finalidades, veja-se: G. D. Leoni, "Polêmicas Filológicas" (A "Apokolokyntosis" de Sêneca — Polêmica catuliana), S. Paulo, 1950.

(9) O primeiro é M. Aneu Novato, que foi magistrado e governador da Acáia; o segundo é L. Aneu, autor desta *consolatio;* o terceiro é M. Aneu Mela, que foi pai do poeta Lucano: pouco se sabe acerca de sua vida; suicidou-se depois da conjuração de Pisão.

(10) Ilhas do mar Egeu, que conservam também hoje os nomes gregos de Skiatos, Sériphos e Gyaros. Cossura é a hodierna ilha de Pantelleria, entre a Sicília e a Tunísia.

(11) Enéias

(12) Varrão é o famoso historiador e filólogo (116-27 a.C.); Bruto é o assassino de Júlio César.

(13) Partidário de Pompeu na luta civil, ficou em voluntário exílio quando Júlio César subiu ao poder. Cícero, para agradecer a César que perdoara a Marcelo, pronunciou uma notável oração ("Pro Marcello").

(14) Rio da Ásia Menor.

(15) Provavelmente é Marcos Lucano.

(16) Filha de Novato

(17) Nada conhecemos acerca dessa mulher, que parece ser irmã da mãe somente pelo lado materno.

(18) Alusão a Alceste, que sacrificou sua vida para salvar a do marido Admeto; mas Hércules, agradecido pela hospitalidade que este lhe dera, trou-a dos Infernos, restituindo-a ao esposo. Eurípedes tratou desse assunto numa célebre tragédia.

(19) Sêneca imagina que o amigo Aneu Sereno (do qual bem pouco conhecemos: a ele o filósofo dedicou três obras — "De Constantia Sapientis", "De Tranquillitate Animi", "De Otio" — para convertê-lo do epicurismo para o estoicismo) lhe apresente algumas perguntas. Na verdade, Sêneca não responde exatamente às perguntas e dúvidas do amigo, mas de modo geral estas páginas, se colocam entre as mais brilhantes e vivazes do escritor romano.

(20) Prensas com manivelas *(prela)* para conservar as pregas.

(21) Conforme o bem conhecido costume romano: vomitar para comer ainda...

(22) Escola para as pajens, nas casas dos ricos romanos.

(23) Filósofos gregos: Zenão (325-246 a.C.) fundou a doutrina do estoicismo, que foi continuada por seu discípulo Cleantes (371-233 a.C.) e sistematizada por Crisipo (278-204 a.C.).

(24) Ao pé da letra: "em se fazer sepultar com funerais sem fausto".

(25) Homero, "Ilíada" (XXIV): Aquiles ficou inconsolável pela morte do amigo Pátroclo.

(26) Famosa cidade da Lucânia, Táranto foi florescentíssima colônia grega; mas no tempo de Sêneca estava meio deserta.

(27) Lucrécio, "De Rerum Natura" (III, 1066); na verdade, Sêneca acrescentou no verso de Lucrécio o advérbio ***semper***.

(28) É difícil afirmar se Atenodoro aqui lembrado é o mestre de Augusto e discípulo do estóico grego Posidônio, ou um outro Atenodoro, igualmente estóico, amigo de Catão e cognominado "Kordylion" (corcunda).

(29) Cônsul prítane: supremo magistrado em algumas cidades gregas; nada se sabe acerca do *ceryx; sufet* era o supremo magistrado de Cartago.

(30) Soldados que constituíam a terceira linha de um exército romano disposto em ordem de batalha.

(31) Depois da derrota na guerra contra Esparta, Atenas teve um governo de trinta tiranos (404 a.C.), que cometeram abusos pelo que, um

ano depois, foram expulsos e restabelecida a democracia. Ao que parece, conforme a frase irônica de Sêneca, cada tirano estava cercado por outros tiranos ou satélites.

(32) Hípias, filho de Pisístrato, reinou em Atenas com brandura; mas depois do assassinato do irmão Hiparco, tornou-se cruel e foi morto por Harmódio e Aristogiton (514 a.C.).

(33) A obra de Isócrates, famoso orador grego (436-338 a.C.), exerceu grande influência sobre Cícero. Quanto a Éforo, pouco ou nada se sabe: foi discípulo de Isócrates e escreveu uma vasta obra de história, que não chegou até nós.

(34) Aqui deve haver uma vasta lacuna no texto.

(35) Bíon foi poeta satírico e filósofo cínico grego (III séc. a.C.). A tradução da frase, ao pé da letra: "Não é menos penoso para o cabeludo do que para um calvo sentir arrancarem-lhe os cabelos."

(36) O cínico Díogenes, contemporâneo de Alexandre Magno, pregou a volta do homem ao estado de natureza.

(37) Demétrio ficou famoso pela sua riqueza, prodigalidade e arrogância (Plutarco, "Pompeu", XL, 1-3).

(38) Subalternos *(vicarii):* escravos de categoria inferior, subordinados a outro escravo.

(39) Em 49 a.C. um incêndio destruiu grande parte da biblioteca de Alexandria, criada pelos Tolomeus, descendentes de um general de Alexandre Magno.

(40) Madeira preciosa da África (chamada também *thuia*), que servia para fabricar móveis de luxo.

(41) Escravos que tinham as pernas ligadas por peias.

(42) De um costume militar é tirada esta metáfora: a *custodia militaris* consistia em ligar o braço direito do condenado ao braço esquerdo do seu guarda.

(43) Cícero, "Pro Milone", 92.

(44) Perto do leito fúnebre as carpideiras e os parentes entoavam a *conclamatio funebris.* O rito primitivo das tochas e archotes era conservado nos funerais das crianças

(45) Quem foi este Pompeu? É impossível identificá-lo: talvez um parente de Calígula, que foi por este deixado morrer de fome para tirar-lhe a riqueza.

(46) Ministro e favorito do imperador Tibério; procurou apoderar-se do trono, mas foi denunciado, preso e estrangulado.

(47) Creso foi o último rei da Lídia (VI séc. a.C.), vencido por Ciro Jugurta, rei da Numídia (II séc. a.C.), corrompeu o senado romano na defesa de seus interesses; mas, vencido, tomou parte como prisioneiro no triunfo de Cáio Mário. Tolomeu e Mitridates foram convidados a ir a Roma por Calígula e cumulados de atenções; mas excitaram a inveja do imperador, que mandou matar o primeiro e exilar o segundo. Sêneca não está aqui inteiramente de acordo com os historiadores nos pormenores desse episódio.

(48) Sêneca confirma ("De Beneficiis", III, 16,2) que muitas mulheres divorciavam-se e se casavam novamente, repetidas vezes.

(49) "Nomenclator" era o escravo encarregado de nomear ao seu senhor o nome das pessoas que o procuraram ou cumprimentaram.

(50) Demócrito, filósofo grego do atomismo (V. séc. a.C.). Assim começa a sua obra "Acerca do Prazer".

(51) Teodoro de Cirene foi contemporâneo de Sócrates (V-IV séc. a.C.); e o tirano foi Lisímaco, um dos generais de Alexandre Magno e mais tarde rei da Trácia.

(52) Personagem desconhecida: só Sêneca lembrou-se dele nesta passagem.

(53) Faláride: tirano de Agrigento (Sicília), famoso pela sua crueldade.

(54) Uma espécie de jogo de damas: era chamado também "jogo dos pequenos soldados".

(55) Era costume das grandes personagens da época ter sempre a companhia de uma espécie de diretor espiritual, chamado "filósofo". Ver, a este respeito, a obra de Sêneca "Ad Marciam de Consolatione" (IV, 2).

(56) Bion: ver nota 35.

(57) Liber: um dos nomes de Baco, deus do vinho.

(58) Sólon: legislador e poeta grego (IV séc. a.C.); Arcesilau foi filó

sofo da escola de Platão, iniciador do probabilismo. A embriaguez de Catão é lembrada pelo historiador Plutarco ("Catão, o Moço", IV).

(59) O poeta grego aqui lembrado é Menandro (fragmento 321 da edição Koch); o provérbio é antigo e popular *(Semel in anno licet insanire)* e ocorre também em Horácio: ***Dulce est desipere in loco*** ("Carm." IV, 12,28). O mesmo Sêneca num diálogo "De Superstitione" (que não chegou até nós, mas do qual Santo Agostinho no "De Civitate Dei", VI, 10, citou este fragmento) tinha afirmado, tratando das festas anuais egípcias em honra de Osíris: ***Huic tamen furori certus tempus est. Tolerabile est semel anno insanire.*** E o provérbio continuou através dos séculos, entre o povo e nas obras dos escritores ("Roman de Renart", VI, 485; La Rochefoucauld, Heine, etc.). — A frase de Platão encontra-se no "Fedro" (22, 245); e a de Aristóteles nos "Problemas" (30, 1).

(60) Para uma melhor compreensão da peça, o tradutor julgou oportuno dividi-la em episódios e intermédios, e intercalar algumas indispensáveis didascálias, entre colchetes. Como em todas as obras de autores romanos, as divindades são às vezes com os nomes gregos às vezes com os nomes latinos: foram deixados os nomes encontrados no texto ou usados os nomes latinos que são mais conhecidos, salvo os casos em que pudesse haver confusão.

(61) Tífis, piloto do "Argo", foi ensinado pela deusa Atenas na difícil arte de guiar navios sobre os mares.

(62) Netuno, deus dos mares.

(63) Divindade misteriosa da natureza, identificada com a Lua, Diana e Prosérpina e por isso representada com três cabeças.

(64) Almas dos mortos, tidas como divindades dos Ínferos.

(65) Plutão, deus do mundo subterrâneo.

(66) Prosérpina, raptada por Plutão, amante mais fiel do que Jáson.

(67) A nova esposa esposa é Creusa, filha de Créon: por isso Créon será sogro de Jáson.

(68) Aietes, pai de Medéia e rei da Cólquida, era filho do Sol.

(69) Ponto: região da Ásia Menor, entre a Arménia e a Cólquida; — Fásis: rio da Cólquida; — Istmo: a faixa de terra que divide a Hélade continental do Peloponeso; no istmo era situada a cidade de Corinto.

(70) A Paz.

(71) Himeneu, deus do casamento.

(72) Vésper, astro da tarde.

(73) Cécrope foi o fundador de Atenas.

(74) Esparta: dizia-se que proteção bastante lhe devia de ser a coragem de seus soldados.

(75) Cadeia de montanhas que separam a Lacônia da Messênia, no Peloponeso.

(76) Mar que banha as praias da Aônia (antigo nome da Beócia).

(77) O maior rio do Peloponeso.

(78) Baco, deus do tumulto e da orgia.

(79) Febo, irmão de Diana.

(80) Filhos de Júpiter e de Leda, irmãos de Helena e Clitemnestra.

(81) Estrelas que pertencem à constelação do Touro.

(82) Medéia, que nasceu na Cólquida, atravessada pelo rio Fásis.

(83) Himeneu, filho de Vênus e de Baco (chamado também Lieu, isto é, aquele que manda embora as preocupações): o deus da alegria era representado segurando um tirso, bastão enfeitado com hera e pámpanos e terminado em forma de pinha.

(84) Medéia.

(85) O velo de ouro liga sua fama ao mito de Atamã, filho do deus dos ventos (Eolo). Atamã casou com a deusa Nefele e teve dois filhos, Frixo e Hele; depois, tendo-se apaixonado por uma mulher terrena (Ino), esta quis que os filhos de Atamã fossem sacrificados. Mas a mãe Nefele mandou a eles um carneiro, que tinha o velo de ouro, sobre o qual os moços fugiram. Durante a viagem, Hele caiu no mar (que se denominou Helesponto, os hodiernos Dardanelos); Frixo conseguiu alcançar a Cólquida, bem recebido pelo Rei Aietes. Então, Frixo, sacrificou o carneiro e pôs o velocino num bosque, guardado por um dragão insone. Em seguida, o Rei Aietes deu a filha Calciope em casamento a Frixo.

(86) Fugindo com Jáson sobre o navio "Argo", Medéia estava para ser alcançada pelo pai Aietes; então, matou o jovem irmão Absirto e jo-

gou os membros ao mar, a fim de retardar o passo do pai, que parou para reunir os restos do mísero filho.

(87) Créon.

(88) Promontório da Lacônia, no Peloponeso.

(89) Antigos habitantes da Grécia: aqui o nome tem o sentido de gregos em geral ou em particular de coríntios.

(90) Antiga região, entre o mar Negro e o Cáspio, que confinava com a Cólquida.

(91) Mítico povo de mulheres guerreiras, as Amazonas moravam na Capadócia, às margens do rio Termodonte.

(92) Os Aqueus foram uma das raças gregas; e o nome quase sempre é usado no sentido geral de Gregos.

(93) Medéia, com suas magias, podia ter matado todos os Argonautas.

(94) Zete e Calais, filhos de Bóreas, foram companheiros de Jáson na expedição.

(95) Filho de Afareu, rei da Messênia, Linceu tinha vista tão penetrante que podia ver através dos muros.

(96) Jáson pediu para sua empresa o auxílio de Argo, neto de Atamã, rei dos Mínios, povo que morava numa parte da Beócia. Os Argonautas embarcaram no porto de Orcomeno, que surgia às margens do rio Mínio.

(97) Jáson, chefe dos Argonautas

(98) Aietes prometeu a Jáson o velo de ouro, se o jovem tivesse arado com dois touros que emanavam fogo; e Jáson conseguiu a façanha graças à ajuda de Medéia, que se tinha apaixonado por ele.

(99) Filho de Pélias, queria vingar a morte do pai.

(100) Amaltéia, a cabra que alimentou Júpiter recém-nascido, perto de Oleno (antiga cidade da Etólia), foi depois transformada em constelação.

(101) Constelação ártica situada muito perto da Ursa Maior. Boote em grego quer dizer "que guia o carro".

(102) Ventos do Norte e do Ocidente.

(103) Vento do Sul.

(104) O navio "Argo" foi construído com árvores provenientes das ricas selvas da Tessália.

(105) As Simplégades ("que se chocam") eram dois enormes rochedos postos antes da entrada do mar Negro: empurrados pelos ventos, alternativamente se chocavam e se afastavam, fechando e abrindo a passagem aos navios, que todavia sempre eram despedaçados. Mas com um estratagema, o navio de Jáson passou; e, daquele momento para diante, os rochedos ficaram parados.

(106) A proa do navio representava uma figura esculpida em carvalho de Dodona (a cidade do Epiro, que surgia no meio de uma floresta de carvalhos; e estas árvores sussurravam os oráculos de Júpiter): também a figura da proa falava, dando conselhos aos navegantes.

(107) Cila, terrível monstro, que morava num rochedo, ao largo do promontório Peloro, na Sicília; originariamente, era uma bela ninfa, transformada pela feiticeira Circe, sua rival no amor.

(108) As Sereias, que moravam numa ilha perto da Sicília.

(109) Antigo nome da Itália.

(110) As Musas habitavam a Piéria, região da Macedônia: assim, as Musas foram chamadas Piérides. O adjetivo "piério" equivale a "inspirado pelas Musas".

(111) Aras: rio da Armênia; — Elba e Reno: rios da Alemanha.

(112) Esposa de Oceano.

(113) A Islândia.

(114) Mênades ou bacantes eram chamadas as sacerdotisas de Baco: tomavam parte nas festas em honra ao deus, seminuas, a cabeça ornada de coroas de hera, tendo na mão o tirso, executando danças e movimentos desordenados.

(115) Pindo: cadeia de montanhas escarpadas, que separa a Tessália do Epiro; — Nisa: cidade da Cária, na Ásia Menor.

(116) Ursa Maior e Ursa Menor: constelações do hemisfério norte.

(117) Caribdes: recife no estreito da Sicília. O nome lhe adveio de um monstro feminino que, ao roubar os bois de Hércules, foi fulminado por Júpiter e por este transformado em escolho e colocado junto do outro

recife denominado Cila (ver nota 105): tão breve espaço separava os dois rochedos, que o navegante fatalmente despedaçava o seu navio de encontro a um escolho ao tentar evitar outro. Daí a expressão: entre Cila e Caribdes, isto é, entre dois perigos.

(118) Os Titãs foram gigantes que quiseram escalar o céu e destronar Júpiter: moravam no Etna, oficina de Vulcano.

(119) Ponto Euxino ("mar hospitaleiro") ou simplesmente Ponto era denominado o hodierno mar Negro.

(120) Jáson.

(121) Deuses domésticos, chamados também Lares: símbolo do lar, da casa, da família.

(122) O hodierno Bósforo, a entrada do mar Negro (Ponto Euxino ou Ponto)

(123) Ver nota 105.

(124) Iolco: cidade da Tessália, onde reinou Éson e nasceu Jáson; — Tempe: belo e pitoresco vale da Tessália.

(125) Ver nota 85.

(126) Filho de Eolo e pai de Créon, Sísifo foi considerado o homem mais esperto e mais malvado da antigüidade. Fundou Corinto e foi rei desta cidade; fechou o istmo com muralhas: desta maneira podia assaltar os viajantes como um verdadeiro bandido.

(127) É o filho de Pélias.

(128) Austro: vento do Sul. — E mais adiante: Histro é o antigo nome do Danúbio, um dos maiores rios da Europa, assim como o Ródano é um dos maiores da França; o Hemo é a cadeia de montanhas que atravessa a península balcânica.

(129) O império de Netuno, deus dos mares, foi vencido pelos Argonautas.

(130) É Faeton (o "brilhante"), filho de Hélios: insistiu em experimentar a sensação de guiar o carro do Sol através dos céus; mas a experiência redundou em desastre, pois quase incendiou a Terra: atingido por um raio de Júpiter, Faeton caiu no rio Pó. Símbolo da ousadia e da presunção: a mesma sorte tiveram os Argonautas.

(131) Alto monte da Tessália, rico em selvas: com árvores desta região foi construído o navio "Argo".

(132) Ver nota 105.

(133) Porto da Beócia, do qual partiu a armada grega que foi sitiar Tróia. Antes de sair, os navios tiveram de ficar parados longo tempo, devido à bonança provocada pela deusa Ártemis.

(134) Orfeu, filho de Apolo e da musa Calíope.

(135) Rio da Espanha.

(136) Orfeu já tinha descido ao reino de além-túmulo (Tártaro, onde escorre o rio Stige) para salvar a esposa Eurídice. Vários são os mitos de seu fim: foi despedaçado pelas bacantes enciumadas, pois ele lamentou a perda da esposa; ou foi dilacerado pelas mulheres trácias, tendo-se ele oposto às orgias báquicas.

(137) Hércules é chamado Alcide porque seu avô foi Alceu, filho de Perseu. Entre as várias façanhas do herói, narra-se que abateu Zete e Calais, filhos de Bóreas; matou o filho de Netuno, chamado Periclimeno, que podia mudar de aspecto à vontade; foi ao reino de além-túmulo; fez parte da expedição dos Argonautas; etc. Enfim, matou o centauro Nexo, que lhe queria raptar sua esposa Dejanira: morrendo, o centauro ofereceu como presente a Dejanira a sua túnica ensangüentada, afirmando que era um talismã de raras virtudes, inclusive a de assegurar-lhe a fidelidade do marido. Quando Hércules aprisionou Iole, filha de Auristo, rei da Tessália, Dejanira teve medo que o marido se apaixonasse pela moça; então, deu ao esposo a túnica de Nexo. Mas o sangue do centauro fez inflamar o corpo de Hércules, corroendo-o com seu veneno: para acabar com o martírio, o herói subiu numa fogueira posta sobre o cume do monte Oeta, na Beócia. Júpiter salvou-o, levando-o ao céu e dando-lhe a imortalidade.

(138) Filho de Netuno, foi o piloto que substituiu Tífis. Quando voltou à sua ilha de Samo, um profeta, vendo que o moço estava plantando uma videira, lhe predisse que não beberia daquele vinho. Anceu fez o vinho e mandou chamar o profeta, ao qual disse: "Eis o vinho no copo; do copo aos lábios o espaço é muito breve"; mas naquele instante um escravo o avisou que um javali estava devastando o vinhedo. Anceu deixou o copo e correu para caçar o javali, que o matou.

(139) Conforme o mito, quando Meleagro nasceu, as Parcas afirmaram que a vida da criança estava ligada a um tição que ardia na lareira: a mãe Altéia pegou o tição, o apagou e o escondeu numa caixa. Mas numa luta para ganhar a pele de um javali, nas planícies perto da cidade etólia de Cálidon, Meleagro matou os irmãos da mãe (Plexipo e Toxeu): enraivecida, a mãe pegou novamente o tição, acendeu-o, e desta maneira o filho morreu.

(140) Hilas, filho do rei da Mísia (conforme outro mito: filho de Hércules e da ninfa Menodice), célebre pela sua beleza, acompanhou Hércules na expedição dos Argonautas. Um dia estava brincando com as águas de uma fonte: apaixonadas por ele, as ninfas atraíram o jovem, que não foi mais encontrado pelo inconsolável Hércules.

(141) Adivinho, filho de Apolo.

(142) Sêneca aqui confundiu o tessálico Mopso (que foi companheiro de Jáson na expedição dos Argonautas e que morreu durante a viagem pela picada de uma serpente) com o adivinho tebano Mopso, filho de Apolo e da profetisa Manto: morreu na Ásia Menor, durante uma briga com Anfíloco, filho do adivinho grego Anfiarão.

(143) Peleu, rei de Ftia (Tessália), foi exilado várias vezes: durante a ausência do filho Aquiles, que ficou dez anos no sítio de Tróia, foi novamente exilado pelos filhos de Acasto, do qual tinha usurpado o trono.

(144) Rei da ilha Eubéia: o filho Palamedes, durante o sítio de Tróia, foi vítima das intrigas de Ulisses; para vingar o filho, Naúplio fez naufragar vários navios gregos que voltavam da guerra, atraindo-os com falsos sinais contra os rochedos da ilha; mas quando soube que Ulisses não caiu no engano, se jogou ao mar.

(145) Ajax, filho de Oileu, rei da Lócrida, foi ao cerco de Tróia: quando a cidade caiu, ele violou a profetisa Cassandra no templo de Atenas. A deusa, irritada, fez naufragar o navio na viagem de volta; o deus Netuno salvou o herói num rochedo, mas tendo Ajax gritado que podia salvar-se também sem o auxílio dos deuses, Netuno quebrou o rochedo e o jovem morreu no mar.

(146) Admeto, rei de Feres (Tessália), obteve de Apolo a graça de não morrer, se alguém aceitasse a morte em seu lugar. Sua esposa, Alceste, se deixou imolar; mas Hércules, hóspede de Admeto, desceu ao Tártaro, lutou contra Ades, rei dos mortos, e reconduziu a mulher ao marido.

(147) Jáson obedeceu à ordem de Pélias, indo à conquista do velo de ouro na Cólquida.

(148) Montanhas da Ásia.

(149) Serpente enorme e monstruosa, nascida do limo da terra, que habitava as cavernas do monte Parnaso, na Fócida. Foi morta a flechadas por Apolo (que estava acompanhado pela irmã Ártemis) nas proximidades de Delfos: o deus tirou-lhe a pele e com ela forrou o trono em que ele e suas pitonisas pronunciavam os oráculos.

(150) Serpente de sete cabeças, da lagoa de Lerna (na Argólida), que foi morta por Hércules: suas cabeças renasciam à medida que iam sendo cortadas, motivo por que foi este o mais difícil dos doze célebres trabalhos do herói.

(151) O dragão sempre vigilante foi posto perto do velo de ouro; mas Medéia o adormeceu para que Jáson pudesse roubar-lhe o precioso objeto.

(152) Monte da Sicília, com um famoso templo dedicado a Vênus (Vênus Ericina).

(153) Prometeu roubou o fogo dos céus para entregá-lo aos homens: como castigo, foi acorrentado a uma rocha no Cáucaso, onde uma águia ia todos os dias devorar-lhe o fígado que à noite se reconstituía e curava. Foi salvo por Hércules.

(154) Os Medos moravam perto da Mesopotâmia, os Partos nas margens do mar Cáspio.

(155) Montanhas da Alemanha Central, desde o Reno até aos Cárpatos, ricas em selvas, onde morava o povo belicoso dos Suevos.

(156) Atos: península montanhosa, que abrange a Calcídia e a Macedônia. — E mais adiante: o Pindo, como já vimos, é uma cadeia de montanhas escarpadas que separa a Tessália do Epiro; o Pangeu é uma cadeia de montanhas da Macedônia; o Tigre é, com o Eufrates, o rio que percorre a Mesopotâmia; o Danúbio é um dos maiores rios europeus; o

Hidaspes é um rio da Índia (hoje chama-se Dgielem); Betis é o antigo nome do rio espanhol Guadalquivir, que atravessa a Andaluzia (a antiga Bética, uma das três regiões da Península Ibérica).

(157) Nome que os gregos davam à Itália, pois estava situada a ocidente.

(158) Ixíon foi um herói tessálico, pai dos Centauros: como se gabasse de suas relações com Juno, foi precipitado por Júpiter nos Ínferos e amarrado a uma roda em brasa que devia girar eternamente

(159) Riquíssimo rei da Lídia (Ásia Menor), Tântalo foi muitas vezes convidado pelos deuses aos banquetes celestes; por isso, ficou soberbo, roubou a ambrosia para levá-la aos homens. Por castigo, foi colocado no inferno por Mercúrio, que lhe pôs junto da boca um ramo com frutas, o qual se levantava todas as vezes que ele queria comer, e um cântaro de água que se retirava quando queria beber. — A fonte do Pirene ficava perto de Corinto.

(160) As cinqüenta filhas de Dânao (filho de um rei egípcio) para não esposarem os cinqüenta filhos de Egito (irmão de Dânao) refugiaram-se com o pai na Argólida; mas os pretendentes reiteraram o pedido: então, Dânao mandou que as filhas matassem os maridos na primeira noite de núpcias. Todas (menos uma, Ipermestra, que salvou o marido Linceu) foram condenadas, como expiação desse crime, a encher eternamente tonéis sem fundo.

(161) Ver nota 126. Júpiter, zangado com ele, condenou-o a morrer; mas Sísifo acorrentou a Morte e ninguém podia mais morrer. Então, o deus mandou Ares a libertar a Morte, e Sísifo foi condenado, no inferno, a puxar uma enorme pedra para o cume de uma montanha: quando chegava ao cume, a pedra caía novamente ao vale; e assim o castigo era eterno.

(162) Ver nota 63.

(163) Deusa romana (identificada com a Deméter grega), protetora dos cereais e das colheitas, irmã de Júpiter e mãe de Prosérpina.

(164) Monstro com cem cabeças de dragão, rivalizou com Júpiter pela soberania sobre o mundo; vencido, foi jogado no Tártaro (conforme outra lenda: sepultado vivo nas vísceras do vulcão Etna).

(165) Ver nota 137.

(166) Ver nota 137.

(167) Ver nota 139.

(168) Zete e o irmão Calais, filhos de Bóreas, libertaram Fineu, rei da Trácia, que estava atormentado pelas Harpias (monstros alados, com rosto de mulher e corpo de abutre) por ter tirado a vista aos filhos.

(169) Nos pântanos de Estínfalos (Acarnânia) moravam aves fabulosas, com garras, asas e rostos de bronze: lançavam as penas como flechas. — Quanto à hidra de Lerna, refere-se ao segundo trabalho de Hércules: o herói conseguiu matar a hidra (monstro de nove cabeças, que depois de cortadas renasciam) e no seu fel venenoso mergulhou as flechas, que produziam feridas insanáveis (ver nota 150).

(170) Outro nome de Hécate. Ver nota 63.

(171) Famosos eram os adivinhos e feiticeiros da Tessália.

(172) Díctina é outro nome de Hécate (ver nota 63), assim chamada na ilha de Creta, pois no início foi certamente protetora dos pescadores (*diktyon*, rede para pescar). Um eclipse era interpretado como se a Lua sofresse uma grande calamidade; para afastá-la, faziam-se ressoar ou se quebravam vasos de bronze.

(173) Rio que atravessava as regiões do além-túmulo.

(174) Hécate é, conforme um mito, filha de Perseu e de Astéria; conforme outro mito, de Júpiter e Deméter.

(175) Ver nota 153.

(176) Monstro que expelia fogo pelas ventas, descrito geralmente como uma combinação de leão, cabra e serpente. Foi morto por Belerofonte, filho de Glauco, rei de Corinto.

(177) Ver nota 98.

(178) Uma das três Górgonas (Medusa, Esteno e Euríale), monstros que tinham o poder de transformar em pedra os que para eles olhassem. Perseu conseguiu cortar a cabeça de Medusa, ajudado pela deusa Minerva.

(179) Grande rio ao norte da Índia.

(180) Pélope, personagem fabulosa, teria vindo da Frígia (Ásia Me-

nor) para a Élida, onde adquiriu tanta influência que a toda a península se deu o nome de "ilha de Pélope" (Peloponeso). Os Pelópidas seriam os descendentes de Pélope, isto é, os Gregos.

(181) Uma das divindades da Vingança.

(182) Níobe, filha de Tântalo e esposa de Anfion, rei de Tebas, teve seis filhos e seis filhas (conforme outra lenda: quatorze).

(183) Divindades da vingança: Fúrias entre os Romanos, Erínies entre os Gregos.

(184) Uma das principais deusas da Vingança.

(185) É a data do falecimento do Imperador Cláudio (Suetônio, "Cláudio", 45; Tácito, "Annales", XII, 69; Dion Cássio, LX, 34): naquele momento acabava um século de trevas e começava outro século de ouro. — Para maiores notícias sobre o conteúdo da sátira e seu título, veja-se o estudo introdutivo a este volume, pág. 36.

(186) Paródia das palavras com as quais os historiadores começavam os seus trabalhos. *Sine ira et studio* declara Tácito no início dos seus "Anais".

(187) Cláudio fora rei e... idiota. Todos o ridicularizaram pela sua imbecilidade (Suetônio, "Cláudio", passim).

(188) Júlia Drusila, irmã e amante de "Calígula", foi divinizada logo depois da morte (Suetônio, "Calígula", 24). E o senador Lívio Geminio, *curator* da Via Ápia, por ingente quantia de dinheiro atestou ter visto a mulher subir aos céus (Dion Cássio, LIX, 10-11).

(189) Virgílio, "Eneida", II, 724: o pequeno Júlio segue o pai *non passibus aequis;* mas aqui é ridicularizado Cláudio, que claudicava (Suetônio, "Cláudio", 21 e 30).

(190) Augusto e Tibério morreram na Campânia e foram, por isso, transportados a Roma percorrendo a Via Ápia (Suetônio, "Augusto", 100; "Tibério", 75).

(191) Paródia do tipo de poesia épica composta por medíocres poetas no período de Claúdio.

(192) Na realidade, Cláudio morrera um pouco antes; mas o falecimento não foi anunciado imediatamente pelos cortesãos para acertar antes tudo acerca do sucessor (Suetônio, "Cláudio", 45; "Nero", 8; Tácito, "Annales", XII, 69).

(193) Os gregos as chamaram Mórai, os romanos Parcas; eram as três deusas, filhas de Júpiter ou do Érebo e da Noite, que presidiam os destinos humanos. Cloto, a mais moça, fiava o fio da vida; Láquesis determinava a qualidade e o comprimento desse fio; Átropos, com a tesoura, cortava o fio no momento oportuno e inexorável. O próprio Júpiter não tinha poder para interferir naquelas decisões fatais.

(194) Virgílio, "Geórgicas", IV, 90: o apicultor mata o zangão pior para que reine o melhor na colmeia.

(195) Cláudio quis nivelar os súditos, favorecendo os provincianos com concessões de cidadania; e Messalina e os libertos da corte faziam disso um verdadeiro mercado (Dion Cássio, LX, 17; Tácito, "Annales", XI, 24).

(196) Augurino e Baba são personagens desconhecidos: talvez, homens indicados como os maiores bobos da cidade. Sêneca nas suas "Epístolas" (XV, 9) indica Baba como homem de *vita stulta*.

(197) No início do reinado de Nero pareceu voltar um novo século de ouro (veja-se o estudo introdutivo deste volume, pág. 17). Nero afirmava que a sua pessoa se assemelhava à de Febo-Apolo (Suetônio, "Nero", 20 e 53; Dion Cássio, LX, 20; LXIII, 14).

(198) Eurípides, num fragmento de tragédia transmitido através das "Tusculanae Disputationes" de Cícero (I, 115), mostra os amigos de uma pessoa falecida, que se alegram durante o enterro, pois o homem deixou as misérias da vida.

(199) Suetônio ("Cláudio", 45) narra que os cortesãos, para que o povo não tivesse notícia da morte do imperador, mandaram chamar uns atores, simulando um espetáculo.

(200) Dos homens ilustres se transmite sempre a última palavra pronunciada antes de morrer.

(201) Suetônio, "Cláudio", 32: "Narra-se, além disso, que (Cláudio) tinha meditado um decreto para conceder, aos convidados, emitir durante o banquete as flatulências do estômago e as ventosidades dos intestinos..."

(202) Pormenores que exatamente pintam a figura de Cláudio (Suetônio, "Cláudio", 30).

(203) Homero, "Odisséia", I, 170: Cláudio tinha a mania de citar versos homéricos até nos tribunais (Suetônio, "Cláudio", 42).

(204) Outra mania do imperador: escrever histórias (Suetônio, "Cláudio", 41 e 42).

(205) Homero, "Odisséia", IX, 39. Cláudio, descendente de Enéias, teria vindo de Tróia (Ílio) para morar entre os bárbaros (Cíconos), isto é, os Romanos. Sêneca, com ironia, acrescenta que Cláudio não devia citar o verso 39, mas o 40: onde se afirma que o imperador destruíra Roma e os Romanos!

(206) Os Romanos divinizaram a Febre: talvez por terem construído Roma perto de pântanos. Cláudio morrera — conforme a versão oficial — por um ataque da febre que sempre, durante a vida toda, o torturara (Suetônio, "Cláudio", 2).

(207) L. Munátio Planco fundou a colônia de Leão (Sêneca, "Epist.", III, 91).

(208) Os Gauleses, guiados por Breno, ocuparam e saquearam Roma em 390 a.C.

(209) Foi um despótico governador da Gália durante o reinado de Augusto (Díon Cássio, LIV, 21).

(210) Xanto: rio da Tróada (Ásia Menor); Ródano: rio que banha a cidade gaulesa de Leão.

(211) Pormenores confirmados por Suetônio ("Cláudio", 30; 38; 40; 29; 25) e Díon Cássio (LX,2).

(212) Frase cômica, para indicar talvez o mundo da carochinha.

(213) Cláudio era medroso e impressionável (Suetônio, "Cláudio", 35 e 37).

(214) Gérion, rei mitológico que tinha três corpos para cima da barriga, morava na ilha Eritéia, no meio do oceano; e possuía muito gado, que foi roubado por Hércules.

(215) Sobre o rio Arar, que corre mui vagarosamente, veja-se Júlio César, "Commentarii de Bello Gallico", I, 12, 1.

(216) Jogo de palavras: *moorón* (do idiota) por *theón* (do deus). A mesma brincadeira é lembrada por Suetônio na vida de Nero (32): Nero afirmava que Cláudio, morrendo, tinha acabado de (*morari* entre os homens *(morari* morar, viver; mas o verbo, pronunciado à maneira grega com o "o" longo, significa "ser bobo").

(217) E Cláudio era... gaulês *(gallus)* pelo lugar de nascimento.

(218) Administrar a justiça foi uma das manias de Cláudio: não deixava o encargo nem nos meses de férias (Suetônio, "Cláudio", 14 e 15).

(219) Falta nos códices a continuação do discurso. Certamente, Cláudio convence Hércules e entra no senado dos deuses (paródia do senado romano).

(220) Não é possível imaginar qual deus esteja falando.

(221) Definição clássica da divindade conforme Epicuro: exatamente o contrário de Cláudio!

(222) Varrão, nas suas "Satirae Menippeae", ridicularizara talvez o conceito estóico de divindade, identificada com o universo esférico.

(223) As licenciosas festas em honra do deus Saturno: mais ou menos o nosso carnaval... Conforme notícia de Suetônio ("Cláudio", 32 e 33), Cláudio gostava de banquetes e festas licenciosas.

(224) Silano foi acusado de incesto com a própria irmã Júnia Calvina (Suetônio, "Cláudio", 27; 29; Tácito, "Annales", XII, 3; 4). Condenando-o, Cláudio condenou, implicitamente, Júpiter, irmão e esposo de Juno!

(225) Ali, na frente de Júpiter, Cláudio parece insistir no próprio ponto de vista: e por isso é admoestado.

(226) Em Atenas, as leis permitiam o casamento entre filhos do mesmo pai, não da mesma mãe; no Egito, também da mesma mãe.

(227) Provérbio que talvez signifique: tudo é limpo, regular (até os ratos limpam as mós); ou também: em Roma todos ficam sob as ordens de Cláudio, os ratos não comem a farinha, mas se contentam em lamber o pouco que ficou sobre as mós. Nos céus, ao contrário — afirmou pouco antes Hércules — os ratos comem ferro...

(228) Conforme o costume, em Roma eram consideradas incestuosas as núpcias com uma sobrinha; e sobrinha de Cláudio era Agripina.

(229) É um fragmento de tragédia de Ênio: a frase é usada para indi-

(202) Pormenores que exatamente pintam a figura de Cláudio (Suetônio, "Cláudio", 30).

(203) Homero, "Odisséia", I, 170: Cláudio tinha a mania de citar versos homéricos até nos tribunais (Suetônio, "Cláudio", 42).

(204) Outra mania do imperador: escrever histórias (Suetônio, "Cláudio", 41 e 42).

(205) Homero, "Odisséia", IX, 39. Cláudio, descendente de Enéias, teria vindo de Tróia (Ílio) para morar entre os bárbaros (Cíconos), isto é, os Romanos. Sêneca, com ironia, acrescenta que Cláudio não devia citar o verso 39, mas o 40: onde se afirma que o imperador destruíra Roma e os Romanos!

(206) Os Romanos divinizaram a Febre: talvez por terem construído Roma perto de pântanos. Cláudio morrera — conforme a versão oficial — por um ataque da febre que sempre, durante a vida toda, o torturara (Suetônio, "Cláudio", 2).

(207) L. Munátio Planco fundou a colônia de Leão (Sêneca, "Epíst.", III, 91).

(208) Os Gauleses, guiados por Breno, ocuparam e saquearam Roma em 390 a.C.

(209) Foi um despótico governador da Gália durante o reinado de Augusto (Dion Cássio, LIV, 21).

(210) Xanto: rio da Tróada (Ásia Menor); Ródano: rio que banha a cidade gaulesa de Leão.

(211) Pormenores confirmados por Suetônio ("Cláudio", 30; 38; 40; 29; 25) e Dion Cássio (LX,2).

(212) Frase cômica, para indicar talvez o mundo da carochinha.

(213) Cláudio era medroso e impressionável (Suetônio, "Cláudio", 35 e 37).

(214) Gérion, rei mitológico que tinha três corpos para cima da barriga, morava na ilha Eritéia, no meio do oceano; e possuía muito gado, que foi roubado por Hércules.

(215) Sobre o rio Arar, que corre mui vagarosamente, veja-se Júlio César, "Commentarii de Bello Gallico", I, 12, 1.

(216) Jogo de palavras: *moorón* (do idiota) por *theón* (do deus). A mesma brincadeira é lembrada por Suetônio na vida de Nero (32): Nero afirmava que Cláudio, morrendo, tinha acabado de (*morari* entre os homens *(morari* morar, viver; mas o verbo, pronunciado à maneira grega com o "o" longo, significa "ser bobo").

(217) E Cláudio era... gaulês *(gallus)* pelo lugar de nascimento.

(218) Administrar a justiça foi uma das manias de Cláudio: não deixava o encargo nem nos meses de férias (Suetônio, "Cláudio", 14 e 15).

(219) Falta nos códices a continuação do discurso. Certamente, Cláudio convence Hércules e entra no senado dos deuses (paródia do senado romano).

(220) Não é possível imaginar qual deus esteja falando.

(221) Definição clássica da divindade conforme Epicuro: exatamente o contrário de Cláudio!

(222) Varrão, nas suas "Satirae Menippeae", ridicularizara talvez o conceito estóico de divindade, identificada com o universo esférico.

(223) As licenciosas festas em honra do deus Saturno: mais ou menos o nosso carnaval... Conforme notícia de Suetônio ("Cláudio", 32 e 33), Cláudio gostava de banquetes e festas licenciosas.

(224) Silano foi acusado de incesto com a própria irmã Júnia Calvina (Suetônio, "Cláudio", 27; 29; Tácito, "Annales", XII, 3; 4). Condenando-o, Cláudio condenou, implicitamente, Júpiter, irmão e esposo de Juno!

(225) Ali, na frente de Júpiter, Cláudio parece insistir no próprio ponto de vista: e por isso é admoestado.

(226) Em Atenas, as leis permitiam o casamento entre filhos do mesmo pai, não da mesma mãe; no Egito, também da mesma mãe.

(227) Provérbio que talvez signifique: tudo é limpo, regular (até os ratos limpam as mós); ou também: em Roma todos ficam sob as ordens de Cláudio, os ratos não comem a farinha, mas se contentam em lamber o pouco que ficou sobre as mós. Nos céus, ao contrário — afirmou pouco antes Hércules — os ratos comem ferro...

(228) Conforme o costume, em Roma eram consideradas incestuosas as núpcias com uma sobrinha; e sobrinha de Cláudio era Agripina.

(229) É um fragmento de tragédia de Ênio: a frase é usada para indi-

car quem, por presunção, não vê aquilo que está na sua frente. Outros estudiosos interpretam a frase precedente: "Não sei o que ele faz no seu tálamo", lembrando as notícias de Suetônio ("Cláudio", 29) sobre a cegueira do Imperador perante as suas desgraças familiares.

(230) Em Camulodunum. Conforme a notícia de Tácito ("Annales", XIV, 31) os habitantes odiavam aquele templo, pois era o símbolo da tirania romana.

(231) É o mesmo jogo de palavras indicado na nota 216.

(232) É o deus romano, ao qual era consagrado o início de todas as coisas: a ele era dedicado o primeiro mês do ano ("Januarius") e um culto especial ao início de uma guerra (as portas do seu templo ficavam abertas até o fim da guerra).

(233) Conforme o costume romano: a tarde não era para negócios!

(234) Homero, "Ilíada", III, 109. Em Homero, o Rei Príamo vê muito longe, no passado e no futuro, pois tem bastante experiência. Também Jano, que é bifronte, vê contemporaneamente diante e atrás, mas na estrada, não na vida!

(235) O texto traz: *iam fabam mimum fecistis;* e certamente lembra um mimo popular, em que se ridicularizava uma apoteose.

(236) São locuções homéricas (por ex. "Ilíada", VI, 142; VIII, 486 etc.) para indicar os mortais que vivem sobre a Terra.

(237) Certamente, os espíritos maus da crença popular.

(238) Diéspiter era uma antiga divindade romana, confundida depois com Júpiter. Vica Pota era a deusa das vitórias e das conquistas: Cícero ("De Legibus", II, 11) explicava a etimologia (errada), lembrando os verbos *vinco* e *potior.* Mas aqui, evidentemente, Diéspiter é lembrado como filho da deusa que arrasa tudo.

(239) Veja-se a nota n.º 195.

(240) Para lembrar-lhe de favorecer Cláudio. Puxar a orelha era, em Roma, citar, simbolicamente, uma testemunha (Horácio, "Sátiras", I, 9, 77). Para os antigos a orelha era a sede da memória (Plínio, "Naturalis Historia", XI, 251).

(241) Cláudio nascera de Antônia (filha de Otávia, irmã de Augusto) e de Druso (filho das primeiras núpcias de Lívia, esposa de Augusto: Lívia foi divinizada por Cláudio nos primeiros anos do seu reinado).

(242) Quando Nero, no elogio fúnebre pronunciado no senado, lembrou a sabedoria de Cláudio, a nenhum dos presentes foi possível reter uma gargalhada (Tácito, "Annales", XIII, 3).

(243) Cláudio era guloso (Suetônio, "Cláudio", 32 e 33). Ao contrário, Rômulo continuava no céu com seus hábitos modestos e sóbrios, comendo nabos fervidos (Marcial, "Xenia", 16).

(244) Nas "Metamorfoses" de Ovídio já estavam as apoteoses de Rômulo e de Júlio César, e a alusão à futura apoteose de Augusto. Por isso, naquele poema devia estar também... a apoteose de Cláudio.

(245) Estas frases lembram o que Augusto mesmo escreveu no seu testamento espiritual ("Res Gestae").

(246) Com estas palavras Messala Corvino se demitiu do cargo de prefeito de Roma no ano de 25 a.C. (Tácito, "Annales", VI, 11); e eram uma aberta acusação contra a política de Augusto. Mas Augusto, revendo o passado com olhar honesto, reconhece que Messala Corvino tinha razão.

(247) Provérbio grego, que corresponde mais ou menos ao latino *tunica proprior pallio est*, a camisa está mais junto ao corpo do que o vestido (Plauto, "Trinummus", V, 2, 30); e igual se encontra no francês *(ma chemise m'est plus proche que ma robe)*, espanhol *(primero es la camisa que el sayo)*, italiano *(stringe piu la camicia che la gonnella)*, inglês, alemão, etc. No espanhol há também: *más cerca están mis dientes — que tus parientes*, que corresponde ao italiano: *piú vicino é il dente — che nessun parente.* E tudo para dizer: antes vou pensar em mim, depois, se puder, nos outros... — Augusto (do qual muitas vezes Sêneca lembra o egoísmo) afirma que a irmã não conhece o grego, isto é, este provérbio grego: e de fato Otávia, esposa de Marco Antônio, foi um exemplo magnífico de virtude, sempre sacrificando o próprio interesse ao bem-estar dos outros.

(248) Lúcio Silano: veja-se a nota n.º 224.

(249) Cláudio costumava julgar depressa e sem ouvir a defesa (Suetônio, "Cláudio", 15 e 29).

(250) Vulcão é o deus do fogo. No Olimpo, defendeu a mãe Juno contra o pai Júpiter; e o pai o pegou pelo pé e o jogou dos céus (Homero, "Ilíada", I, 591).

(251) Júpiter brigou com a esposa Juno (Homero, "Ilíada", XV, 18) por causa da guerra entre os Gregos e os Troianos, pois Juno favorecia os Gregos.

(252) Conforme a narração de Suetônio ("Cláudio", 29) e de Tácito ("Annales", XI, 38) Cláudio mostrou indiferença à notícia da morte de Messalina: estava num banquete e cinicamente continuou a comer.

(253) Sêneca brinca sobre o verbo *persequi:* Cláudio perseguiu Calígula, procurando ab-rogar todos os atos do predecessor; e... seguiu, imitou os cruéis exemplos do louco Calígula.

(254) M. Júnio Silano.

(255) Lúcio Silano; além do sogro Ápio Silano.

(256) Na estupidez. Pouco antes chamou Crasso Frugi de bobo.

(257) Assim como Cláudio fazia com os outros!

(258) Mercúrio é também o deus que guia as almas para o além-túmulo ("psicopompo").

(259) Catulo, "Liber", 3, 12. Mas Catulo lembra os Campos Elísios, de onde não pode voltar o passarinho tão querido de Lésbia...

(260) A Via Sacra era a mais importante de Roma, no meio do Foro: sacra, pelas procissões religiosas.

(261) Suetônio ("Cláudio", 45) e Tácito ("Annales", XII, 69) lembram o magnífico enterro.

(262) Agatão não é personagem conhecida, mas representa o típico rábula, que durante o governo de Cláudio gozou de grande favor e teve trabalho dia e noite: não assim os verdadeiros juízes defensores da lei, que deviam ao contrário calar e tremer.

(263) Paródia de uma nênia ou canto fúnebre para os grandes varões de Roma.

(264) Contra os Partos e os Persas, Cláudio teve mais derrotas do que vitórias.

(265) Povo da Bretanha.

(266) Minos, rei de Creta: era tão justo, que foi posto como juiz supremo no além-túmulo.

(267) Certamente, mais do que poetas deviam ser bajuladores.

(268) O jogo dos dados era proibido por lei (Horácio, "Carm." III, 24, 57); mas era a maior paixão de Cláudio (Suetônio, "Cláudio", 5 e 33).

(269) Conforme uma antiga tradição popular, descia-se ao mundo do além-túmulo pela "Via Tecta", perto do rio Tibre, no início da Via Flaminia: o lugar era chamado "Terentum" e era indicado por uma *ara Ditis et Proserpinae*, onde se celebravam os "Ludi Tarentini", restabelecidos por Cláudio (Suetônio, "Cláudio", 21).

(270) Narciso, o mais poderoso liberto de Cláudio, foi morto logo depois do falecimento do imperador (Tácito, "Annales", XIII, 7): não tinha subido até ao Olimpo, mas descido diretamente aos Ínferos... Narciso foi morto, enquanto estava tratando a gota nas termas de Sinuessa, na Campania.

(271) Virgílio, "Eneida", VI, 126: *facilis descensus Averno*. Mas aqui a frase é sarcástica.

(272) Era o grito com o qual, nas festas egípcias de Ísis, se saudava a volta do boi Ápis. E aqui se saúda a volta de Cláudio!

(273) Trata-se de uma fila de amantes e cúmplices de Messalina. Até Mnester, que o mesmo Cláudio tinha jogado entre os braços de Messalina, não se sabe por que (talvez como espião), e que no fim foi morto para salvar as aparências. Escândalos confirmados por Tácito ("Annales", XI, 35-36) e Díon Cássio (LX, 22, 28).

(274) Algumas personagens são conhecidas, a maioria desconhecida. Mas o que importa é que todos os amigos e inimigos, mortos por ordem de Cláudio, se reúnem para receber condignamente quem, afinal, chega aos Ínferos...

(275) A primeira parte da frase é uma paródia de "Tudo é cheio de deuses", palavras atribuídas a Tales, Heráclito ou Diógenes cínico: ou, talvez, é o *Sunt Jovis omnia plena* de Virgílio ("Bucólicas", III, 60). — Quanto à segunda parte da frase, lembra novamente uma das maiores características de Cláudio: a inconsciência (Suetônio, "Cláudio", 39).

(276) É um dos três maiores juízes do além-tumulo: Eaco, Radamanto, Minos.

(277) Paródia dos tribunais romanos. A lei citada é a *Cornelia de sicariis et veneficiis* de Sila, lei que dava competência a uma comissão especial para julgar acerca dos homicídios.

(278) Os algarismos correspondem aos dados de Suetônio ("Cláudio", 29). "Quantos são os grãozinhos de pó e areia" é frase homérica ("Ilíada", IX, 185).

(279) Foi cônsul em 19 d.C. e depois procônsul na Ásia (Tácito, "Annales", III, 49; VI, 45).

(280) Frase proverbial para indicar a lei do talião.

(281) Sísifo, rei de Corinto, foi considerado como um dos homens mais astuciosos e malvados; revelou um segredo de Júpiter e foi condenado a morte; amarrou a Morte e ninguém podia mais morrer; quando morreu, foi condenado no além-tumulo a carregar uma enorme pedra até ao cume de uma montanha: mas quando estava para chegar ao cume, a pedra lhe caía das costas e voltava aos pés do monte. Ficou como símbolo do trabalho inútil: assim como o castigo de Tântalo, rico rei da Lídia, muitas vezes convidado pelos deuses nos banquetes do Olimpo; por isso ficou tão orgulhoso, que os deuses o castigaram no além-túmulo a ter continuamente fome e sede e a não poder nunca comer e beber. Issião procurou seduzir Hera, a esposa de Júpiter; e Júpiter o condenou a ser amarrado numa roda de fogo, que girava sem parar.

(282) Igualmente, as cinquentas filhas de Dânao, que mataram os esposos, foram condenadas a encher de água uma pipa sem fundo. Cláudio, já vimos, tinha uma paixão louca pelos dados: jogava em qualquer lugar, até durante as viagens, na liteira (Suetônio, "Cláudio", 33).

(283) Cláudio sofreu muito sob o governo de seu sobrinho Calígula (Suetônio, "Calígula", 23; "Cláudio", 8, 9, 38; "Nero", 6).

(284) Cláudio volta a ser escarnecido, como na corte do sobrinho Calígula. Menandro é talvez o nome de um liberto da corte de Claúdio.

(285) E afinal Cláudio volta a ser o que sempre foi na vida: um esbirro para instruir os inquéritos e os processos especiais; de fato, o texto diz *a cognitionibus*, isto é, fora do *ius ordinarium* (Suetônio, "Cláudio", 14 e 15).

CLÁSSICOS
DE BOLSO

Grandes clássicos universais de todos os tempos. O melhor do teatro, romance, filosofia, história e poesia. Textos integrais, tradutores renomados e estudos introdutórios por especialistas. Obras de relevância tanto para estudantes e professores quanto para o grande público.

SÊNECA

Obras

Quase dois mil anos nos separam das obras de Sêneca. Contudo, após a leitura de seus escritos o dramaturgo surge como nosso contemporâneo. Isto ocorre porque Sêneca faz parte da categoria dos grandes pensadores, escritores que pertencem a todas as épocas, pois foram capazes de desvendar verdades eternas. Quando os lemos, encontramos neles parte de nosso pensamento, de nossa consciência.

As tragédias do grande dramaturgo latino são ricas de inspirações morais; da atmosfera das grandes paixões individuais saem as meditações a respeito do destino, do mistério do Universo e da espiritualidade humana.

9"788500"905506"
ISBN 85-00-90550-6

EDIOURO